

Diário de Lisboa

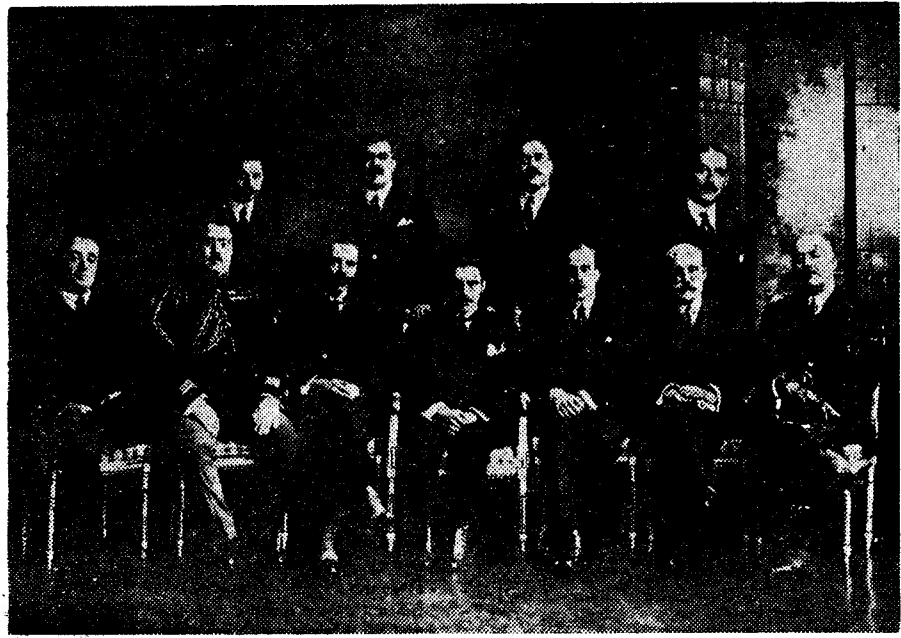
DIRECTOR — JOAQUIM MANSO
DIRECTOR-ADJUNTO — NORBERTO LOPES

TELEFONES: 2 0271, 2 0272 e 2 0273
ENDEREÇO TELEGRAFICO: DIBOA

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NUMERO AVULSO: 80 CENTAVOS



Este era o ministério que estava em funções há trinta e três anos, em 1920: dois dos seus componentes faleceram ontem, os dres. João de Deus Ramos, o primeiro à esquerda, de pé, que era ministro da Instrução, e Joaquim Ribeiro, o segundo da direita para a esquerda, também de pé, que sobrava a pasta da Agricultura. Os restantes, são, além dos citados, na fila de pé, Melo Barreto e Jorge Nunes; sentados, da esquerda para a direita, Ramada Curto, Helder Ribeiro, Mesquita de Carvalho Domingos Pereira, António da Fonseca, Celestino de Almeida e José Barbosa

UMA DESPEDIDA

A Morte, na sua marcha imperturbável, vai fazendo a sua colheita diária de vidas—novos e velhos, pais e filhos, amigos e inimigos, crentes e descrentes. João de Deus Ramos, ainda na passada sexta-feira, de manhã, em conversa com o mais querido dos seus amigos, falava animadamente, apaixonadamente, dos seus projectos e dos seus planos de trabalho.

—Meu caro amigo, acho-te hoje mais animado e crente na tua obra do que esperava. Parece que entrou em ti um espírito novo.

Quatro horas depois, a palavra do apóstolo emudecera e o seu olhar velava-se, mergulhando nas densas e fatais sombras que pre-anunciam o fim. Tudo é incerto neste Mundo—excepto a Morte. Com esta podemos e devemos contar, porque não falta na hora própria. Não há maneira de lhe escapar, a não ser dando-lhe a nossa esperança e a nossa confiança, a nossa fé e o nosso amor.

João de Deus Ramos que, de hoje em diante, repousa no Cemitério dos Prazeres, no silêncio eterno, encontrou na sua existência maneira de subtrair-se ao nada das suas cinzas, prolongando por muitos e muitos anos, a sua passagem na terra, como exemplo de altíssimas virtudes. Nunca será a nuvem que passa e se some para sempre.

(Continua na página central)

O chefe do Estado presidiu à abertura do ano lectivo no Instituto de Altos Estudos Militares

No Instituto de Altos Estudos Militares, realizou-se hoje, às 15 horas, a cerimónia da abertura solene do novo ano lectivo desse estabelecimento militar.

A hora de fecharmos o nosso jornal, está a chegar a Caxias, onde está instalado o Instituto — o sr. presidente da República que vai presidir ao acto. A entrada do edifício o sr. general Craveiro Lopes é aguardado pelos srs. subsecretário de Estado do Exército, tenente-coronel Sá Viana Rebelo; director do Instituto, general Ferreira Passos, e, ainda, pelos chefes do Estado-Maior das Forças Armadas, do Exército e das Forças Aéreas, bem como outras altas patentes do Exército, professores dos cursos e oficiais-alunos.

Num dos salões do estabelecimento realizou-se, a seguir, uma sessão solene, presidida pelo sr. general Craveiro Lopes, devendo usar da palavra, em primeiro lugar, o sr. general Ferreira Passos.

No decorrer da sessão solene serão entregues os prémios e diplomas aos alunos do último curso que mais se distinguiram.

Na inauguração do monumento a Duarte Pacheco em Loulé

o dr. Oliveira Salazar proferiu o elogio do grande empreendedor da actual política de Obras Públicas

LOULÉ, 16 (Pelo telefone).—Uma década após o funesto desastre em que o eng.º Duarte Pacheco encontrou a morte, Loulé, terra natal do saudoso estadista, prestou-lhe hoje preito da sua gratidão, numa homenagem a que se associou todo o País. Porque, se, por um lado Loulé tinha a obrigação de perpetuar para sempre a memória do estadista, Portugal inteiro não saberia escusar-se a esse mesmo voto. Duarte Pacheco, pode dizer-se, está presente no espírito de todos os Portugueses. O perfil desse trabalhador incansável já-mais se apagará da nossa memória, presente como está em centenas de

realizações de vulto, espalhadas por todo o País. E serão essas mesmas obras que melhor ficarão a atestar, pelos tempos fora, o valor da contribuição de Duarte Pacheco para o progresso do País.

O monumento erigido com a participação do Estado e de todas as Camaras Municipais do País, está situado ao cimo da Avenida Marechal Carmona, sobranceiro à ampla artéria, enquadrada na verdura frondosa da arborização do futuro parque municipal. A concepção arquitectónica um pouco fora do vulgar, de linhas amplas e aspecto majestoso, a composição do monumento simboliza a gigantesca obra realizada pelo homenageado, não lhe faltando tão pouco a intenção materializada no abrupto corte da coluna monumental, a significar a brutalidade do desastre que o vitimou. Ao redor da sua superfície granítica, com 17 metros de altura por 5 de diâmetro, um fuste de coluna apresenta dezoito baixos-relevos, com outros tantos motivos representando o vasto programa de actividades, em que Duarte Pacheco se empenhou, no sector das Obras Públicas.

Na base da coluna, assente sobre uma ampla plataforma circular, com 30 metros de diâmetro, adossado ao referido fuste está um plinto de 4 metros de altura, com a efígie de Duarte Pacheco, num baixo-relevo de bronze, da autoria do mestre Leopoldo de Almeida.

Duas grandes palmas esculpidas na própria cantaria do plinto, circundam a efígie do saudoso ministro. A rodear a coluna, pela parte de trás, um largo semicírculo de alva cantaria, há um muro que separa o conjunto monumental do parque que é contíguo. A toda a largura daquele muro podem ler-se as palavras que o sr. dr. Oliveira Salazar proferiu em

(Continua na página central)

UMA MULHER CORAJOSA

libertou-se dos seus raptos empunhando uma faca

ROMA, 16.—Esperanza di Sarno, uma linda morena de Brusciano, perto de Nápoles, viveu uma aventura digna da Idade Média. Um primo seu, loucamente apaixonado mas não correspondido, raptou-a, ajudado por dois amigos, à saída da igreja. A pobre rapariga foi levada à força para casa de uma bruxa que já tinha preparado um filtro de amor. Mas, apossando-se de uma faca, a corajosa Esperanza conseguiu intimidar os raptos e fugir para sua casa. Foi apresentada queixa contra o fogoso apaixonado.—(F. P.).

A Jugoslávia consente em fazer enormes sacrifícios para resolver o conflito de Trieste

— escreve o órgão officioso «Borba»

BELGRADO, 16.—«Para resolver a questão de Trieste, a Jugoslávia já anunciou que está pronta a aceitar enormes sacrifícios e a aceitar também, em condições definidas com muita clareza, que a cidade de Trieste seja entregue à Itália»—escreve o fundista do «Borba», comentando o discurso proferido ontem pelo marechal Tito. E acrescenta: «A questão é posta noutros termos quanto ao resto da zona A, quase exclusivamente povoada pela nossa gente e, portanto, de modo nenhum pode ser entregue à Itália, como um todo ou em parte».

Acentua mais adiante que «a Jugoslávia não fará a guerra por Trieste se a conferência dos países directamente interessados resolver que a cidade deve ser confiada à Itália». Mas, repete, isto tem de fazer-se em «condições definidas». E afirma: «A cidade de Trieste deve obter uma verdadeira autonomia. Sem a autonomia de Trieste, não haverá possibilidade de solução».

O «Borba» entende que o estatuto da cidade «deve garantir efectivamente a protecção da população eslovena, a sua posição, os seus direitos, e deve dar-lhe a igualdade de direito com o resto da população de Trieste. Esse estatuto, conclui, terá de garantir ainda os interesses económicos dos países vizinhos e, em primeiro lugar, os da Jugoslávia».—(F. P.).

Comentários italianos

ROMA, 16.—A imprensa romana, embora comentando o discurso do marechal Tito com prudência, aponta o que as afirmações daquele podem ter de

positivo O «Messaggero» escreve em título: «Tito reconhece que não pode ter Trieste». O «Tempo» afirma: «Tito aceita a conferência», embora lembrando, que não desiste das suas pretensões. A «Stampa» diz que a polémica foi menos áspera... O tom do discurso, embora fazendo-se ainda eco de todos os temas da polémica anti-italiana, foi bastante mais moderado do que a das anteriores declarações, e o marechal, quis excluir explicitamente toda a ideia de recurso à força. Já é qualquer coisa». O «Popolo» escreve: «A atitude do nosso Governo é clara: acessível a todas as modalidades e a todos os métodos desde que permitam chegar a uma conclusão que satisfaça os pedidos justos quanto a todo o Território Livre».—(F. P.).

Foi entregue em Moscovo a resposta ocidental

PARIS, 16.—A resposta ocidental à nota soviética de 3 do corrente foi entregue esta manhã em Moscovo, pelos três embaixadores ocidentais. A resposta conta apenas 58 linhas e repetiria o convite a uma conferência quadripartida, como as notas anteriores. Fora destas indicações, convém acolher com reserva quaisquer hipóteses a este respeito.—(F. P.).

LONDRES, 16.—Um representante do Foreign Office anunciou que o texto da resposta ocidental à nota soviética de 3 do corrente será publicado esta tarde.—(F. P.).

O vice-presidente dos Estados Unidos no Extremo Oriente



Na sua recente viagem pelo Extremo Oriente, o vice-presidente dos Estados Unidos, sr. Richard Nixon, passou por Hong Kong, onde lhe foi oferecida a oportunidade de manejar os famosos pausinhos que fazem parte dos talheres chineses. Resta saber se da experiência resultará alguma coisa para o arranjo da complicada culinária política daquela zona costumada... de tufões

Simone Alma

«Entre St. Germain das Près e Harlem», uma paragem em Lisboa



A mais original das grandes vedetas francesas, a inconfundível Simone Alma, a feia bonita de St. Germain des Près, também quis conhecer Lisboa e escolheu a Tágide, para esta noite nos apresentar, com a sua voz grave, doce e cativante, os «clássicos do jazz», aliados às mais fortes e humanas canções francesas.

Ninguém actualmente nos pode cantar «Mon Homme» como Simone Alma. Ninguém, como ela também, para nos dar uma visão do Harlem, através de um «St. Louis Blues» ou de «Temptation». Artista de raro talento, é sem dúvida uma das «chanteses» de mais forte e original personalidade que nestes últimos tempos têm passado por Lisboa.

DR. JOSÉ VIOLANTE

No avião dos T. A. P. partiu para África, em missão oficial, para continuação dos estudos sobre serviços aduaneiros em aeroportos, o sr. dr. José Francisco Campos Violante, chefe dos referidos serviços aduaneiros do Aeroporto de Lisboa.

VIDA ARTÍSTICA

Exposição Fausto Sampaio

Amanhã, terça-feira, pelas 16 horas, é inaugurada, no Secretariado Nacional da Informação, uma exposição de pintura do distinto artista Fausto Sampaio.

Novo!



Fácil Quando tiver o nariz entupido, devido a uma constipação, à poeira ou ao ar viciado, basta aplicar a cada narina o Inalador Vick e inspirar uma ou duas vezes. Rápido! Num instante este tratamento suave e penetrante torna mais fácil a respiração. Que agradável é, então poder respirar. Cómodo! Leve, no bolso ou na carteira, o pequeno e prático Inalador Vick. Use-o sempre que quiser, tão amigável quanto necessário. Experimente-o ainda hoje.

INALADOR VICK

PRODUTO DOS LABORATORIOS DE VICK VAPORUS

PEQUENAS NOTÍCIAS

PELA POLÍCIA

ONDE ESTÃO OS AZULEJOS?—O sr. Dácio Gonçalves residente na Rua Augusto José Vieira 18, queixou-se na P. J. contra um indivíduo que indicou—e a quem havia alugado um estabelecimento—por este lhe ter roubado todos os azulejos que revestiam a loja, no valor de 3.000 escudos, causando-lhe, além disso, danos no total de 8.000 escudos.

UM HERDEIRO A MAIS—O sr. Jorge Maria Serzedelo Ribeiro da Silva apresentou queixa à P. J. contra um penhorista, a quem havia pedido emprestada a quantia de 12.000 escudos, dando como caução a posição de uma herança que receberia em breve. O penhorista fez-se «herdeiro» e ficou com a quantia de 208.222\$60 que o seu «cliente» deveria receber.

CINCO LETRAS ROUBADAS—O sr. Luís Nunes, que reside na Estrada das Amoreiras, 40, havia confiado, há tempos, a uma mulher, cinco letras bancárias no valor de 10.000 escudos a fim de serem cobradas ao sr. Adelino Esteves, residente em Avelãs, concelho de Ançã. Pois a senhora não só se recusa agora a entregá-las como se locupletou com 6.000 escudos enviados em cheque, pelo sr. Esteves. Por tudo isto, o sr. Nunes, que é o lesado, apresentou queixa à Polícia Judiciária.

DESASTRES

CHOQUE NUMA ARVORE—Quando seguia de motocicleta, em Palmela, chocou com uma árvore, o serralheiro mecânico Amadeu Ferreira Delícias, de 32 anos. Recolheu em estado grave à sala de observações do Hospital de S. José.

CONFERÊNCIAS

O professor Jacques Rueff, juiz do Tribunal de Justiça da Comunidade Europeia do Carvão e do Aço e membro do Instituto de França, realizará em Lisboa, por iniciativa do Instituto de Alta Cultura, duas conferências: a primeira, esta noite, às 21 e 45, na Faculdade de Direito, sobre o tema «Grande perigo para a Civilização: a técnica dos falsos direitos»; e a segunda no Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, no dia 18, às 21 e 45 sobre «A lição de Lisboa e a Europa sem moeda».

—O historiador sul-africano, sr. dr. W. Punt, faz hoje às 21 e 30, na Sociedade de Geografia, uma comunicação sobre os pioneiros sul-africanos e o enigma do Zimbábue, trabalho que será ilustrado com um filme em technicolor.

EXPOSIÇÃO DE TEGELAGEM DOMÉSTICA

Abriu, esta tarde, na Rua de S. Bernardo, 108, 2.º andar, a exposição de trabalhos executados pelas alunas da sr.ª D. Sereira Amzalak, no último ano do curso de tecelagem doméstica. Como sempre, a exposição marca como acontecimento de bom-gosto e utilidade, devendo-se à sua orientadora a grande voga da tecelagem manual, tão comum no estrangeiro e que entre nós só agora ocupa o verdadeiro lugar que lhe compete. O certame fecha no dia 22.

EM 3 LINHAS

No mercado de Viseu, apareceu uma novidade: música e publicidade, transmitidas à hora de maior movimento, através de alto-falantes. O que vale é que lá não há uma comissão de ruidos...

Os rendimentos das Alfandegas do País, de Janeiro a Julho, foram de 1.074.099.285\$05, contra 1.163.089.756\$90, em igual período do ano passado. Só as Alfandegas dos Açores registaram aumento de rendimentos.

Em representação do Ministério do Exército, foram nomeados para o Conselho Superior dos Transportes Terrestres os tenentes-coroneis António José Martins Leitão e Joaquim Manuel da Costa Junior.

O «Diário do Governo» publica hoje uma lista de funcionários dos C. T. T. elogiados em ordem de serviço, pelo zelo que provaram, na organização da Exposição Filatélica Internacional de Lisboa.

Na ausência do sr. ministro da Marinha, que vai no «Santa Maria», a caminho do Brasil, fica na gerência daquela pasta, o sr. ministro da Defesa.

Homenagem em Cacia à Junta de Freguesia

AVEIRO, 15—Na vizinha freguesia de Cacia, foi prestada uma homenagem pública à Junta de Freguesia pela passagem do 3.º aniversário da sua posse. De manhã, procedeu-se à concentração dos manifestantes no Largo da Sé, formando-se um longo cortejo, em que tomaram parte a banda de música caciense, e escolas primárias e professorado, direcção da Casa do Povo e rancho de raparigas. O cortejo dirigiu-se à sede do Clube Caciense, onde se efectuou uma sessão solene, presidida pelo presidente da Câmara de Aveiro, sr. dr. Alvaro Sampaio, junto de quem tomaram lugar os srs. dr. João Soares, médico privativo da Casa do Povo; dr. Tomé de Aquino, médico municipal, e os membros da direcção da Casa do Povo e da Junta de Freguesia.

Usaram da palavra, os srs. dr. João Soares, José Maria, pároco da freguesia e dr. Alvaro Sampaio. Agradeceu a homenagem o sr. Henrique Nunes, secretário da Junta de Freguesia. No final, foi descerrada uma lápida no edifício da Junta.

Exposição de fotografias

Sobre campismo

Do falecido artista-amador, Adelino Lyon de Castro, abre, esta noite, às 21 e 30, uma exposição de fotografias muito interessantes, versando, especialmente, assuntos de carácter campista. Organiza esta exposição, que é de homenagem à memória do malogrado artista, o Clube de Campismo de Lisboa, de que Lyon de Castro foi sócio.

HÁ 30 ANOS

Cunha Leal na pasta das Finanças

O «Diário de Lisboa» de 16 de Novembro de 1923 publicava as principais afirmações do discurso que o sr. Cunha Leal pronunciara no acto da posse da pasta das Finanças: procuraria subordinar sempre os seus actos de governo às suas afirmações na Oposição; proporia à Câmara as medidas que reputasse necessárias à regularização da situação do Estado e do Banco de Portugal no tocante à circulação fiduciária, comprometendo-se a não fazer nenhum aumento que não fosse legalizado por diploma publicado no «Diário do Governo»; buscava ganhar, por tentativa honesta de redução implacável das despesas, a confiança necessária do País para novos sacrifícios tributários, que eram inevitáveis; esperava assim equilibrar o Orçamento, comprometendo-se, no caso de nada conseguir, a abandonar voluntariamente o Ministério das Finanças.

Novo ingrediente para facilitar o barbear-se

Tem agora à sua disposição uma maravilhosa substância que substitui a lanolina, amacia a barba, refresca a pele e protege-a.

A ciência descobriu há pouco um novo ingrediente para barbear, que permite que a água humedecida melhor e amacie a barba, logo que o tenha espalhado sobre a pele. — é o Extracto de Lanolina.

Por ser eficaz, o extracto de lanolina faz com que a barba o absorva agora melhor e mais rapidamente, facilitando assim o barbear. Além disto, actua como suavizante e reduz o ardor ao mínimo.

Não pretendemos exagerar as suas vantagens; porém, afirmamos que o Creme para barbear Williams de Luxo, pelas qualidades que lhe dá o Extracto de Lanolina, reduz ao mínimo a irritação que o barbear produz na pele.

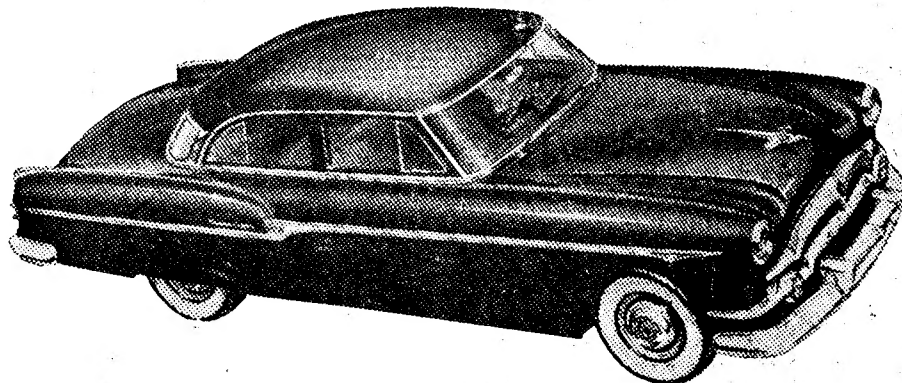


Decida-se: Compre um tubo hoje mesmo!



Packard

O AUTOMÓVEL QUE AINDA NÃO FOI ULTRAPASSADO NEM NA SUA TÉCNICA, NEM NA SUA BELEZA, POIS FOI DESENHADO SEGUNDO A MAIS ADIANTADA CONCEPÇÃO, E ADOPTOU A MELHOR TRANSMISSÃO AUTOMÁTICA, A «ULTRAMATIC DRIVE», SEM MUDANÇAS MANUAIS MAS COM CONTROLE ABSOLUTO DO AUTOMÓVEL. O «PACKARD» REUNE TODAS AS CARACTERÍSTICAS QUE V. EX.ª PODE DESEJAR NUM AUTOMÓVEL.



AGENTES GERAIS PARA PORTUGAL
MOCAR, L. DA

EXPOSIÇÃO E VENDAS
Av. António Augusto de Aguiar, 19-A
Telef. 4 4156

SERVIÇO — OFICINAS — PEÇAS
Rua D. Luís de Noronha, 40 a 40-B
Telef. 7 5369

AGENTES DISTRITAIS EM TODO O PAÍS

Manhã na praça

Onde se fala de batatas

—As ralações que eu passo, vizinha, por causa das batatas! Vim hoje à praça só por causa delas. E olhe que vale a pena... Das velhas, da provincia, a 1330 o quilo. Não se desfazem, não sabem a bafio, nem ficam encruadas...

—Há-de dizer-me onde se vendem. Lá em casa, passo também uma ralação com os filhos e o marido. Antes da guerra, não era assim, não, comiam-se boas batatas. Agora gasta-se dinheiro, cozinham-se e, muitas vezes, vão parar ao caixote do lixo. Quem é que pode aguentar uma coisa destas?

A outra vizinha acha que ninguém, e acrescenta:

—E os nossos estomagos? É por isso que há tantas doenças. Agora anda tudo com a mania dos adubos químicos...

Já no lugar da sr.^a Teresa Gomes, enquanto esta aviava ervilhas a uma freguesia, a 3850 o quilo (com muitas vossas excelências para aqui e para ali) se estabeleceu um diálogo neste género:

A sr.^a Teresa Gomes—Olha lá, meu patife, vens-nos oferecer batatas a 14 tostões, para nós as vendermos a 16 e na mercearia da melhor, vende-se a 14, posta em casa?

O empregado do fornecedor—Compramo-la a 12 tostões e meio...

A sr.^a Teresa Gomes—Diz que vocês precisavam era que fossemos ao Grémio!

Basta, porém, de batatas. Há mais que ver e contar na praça da Ribeira. Precisamente, nas bancas da hortaliça: feijão verde a 3 e a 3550; espinafres a 5550 a molhada; nabos de 30, a 70 centavos; molhadas grandes de nabos a 2550, médias a 1550; grelos a 1800, 550 e 880, consoante a pequenez; couves lombardas, de bom tamanho, a 3550; «olhos» de couve a 550; tomate de 2 a 3500 o quilo; «morrones» a 550 cada um.

Nas bancas das carnes brancas, mantinham-se os preços habituais: lebres a 20500; cabritos a 17 e a 16500 o quilo; galinhas entre 30 e 40 escudos, consoante o «jeito» da compradora, metades a 18, quartos a 9500; perdizes a 12 e a 12550; pombos a 7500; coelhos a 15 e a 25800; patos a 18 e a 25500; ovos a 14500 a dúzia—e passarinhos depenados a 11 escudos a dúzia.

Nos lugares de peixe, que são sempre os mais concorridos, registaram-se os seguintes preços, ainda assim sujeitos a ofertas: pescada de Sesimbra a 24 e a 19500 branca, grande, a 18 e a 16500, cabeças negras, a 6500, pescadinhas, mais pequenas que a sardinha, a 9530 e a 7520; linguado a 24500, a 22 e a 20500; tainha a 12500; camarão a 36, 40 e 10500 (o negro); sardinha a 20500; azvia a 17500; lagosta pequena, a 30500; goraz a 14540; robalo a 11500; enguias a 22 e a 20500; pargo a 10, a 8 e a 7500; polvo a 7 e a 8500; chocos a 5 e a 4850; peixe espada a 6 e a 5550; sardinha a 6550, a 6500 e a 5550; carapau a 6580 e 4500; atum, das postas, a 10500 o quilo, inteiro a 8500; sarda a 9560; cação a 4500; ruivo a 5500; safio a 9500; bicas a 5500; cachucho a 4500; chicharro a 3 e a 6550; polvo a 7580.

Uma linda vendadeira, moça, de lábios pintados, os anéis preciosos «roidos» pela salinagem do peixe e da água do mar, põe as mãos na cinta:

—O salmone, meu amor, é a 15500 mas faço-lhe a 12, se levar um quilo!

Vamos à fruta: laranjas novas, da «Baía», de 10500 para cima; das «noissas» de 7550 a 9500 a dúzia; maçãs reinetas a 6, 9 e 12500; bananas, entre 10 e 5550—e por aí fora, com preços oscilantes, conforme a qualidade, pois, também por lá havia tangerinas pequenas entre os 7 e os 5550 e maçãs miúdas a 4, 5 e 7500 a dúzia.

DONA DE CASA

Vendeu-se hoje terreno

na hasta pública do Município

a mais de seis contos o metro quadrado!

Esta manhã, nos Paços do Concelho, procedeu-se à venda em hasta pública de vários terrenos, alguns deles de grande valor. Muito antes da hora marcada para a abertura do acto, já se encontravam ali mais de duzentas pessoas interessadas, na sua maioria construtores e mestres de obras. O principal interesse consistia no ultimo lote de terreno da Avenida António Augusto de Aguiar, esquina da Avenida Fontes Pereira de Melo, pois, assim que este foi arrematado, quase todos os presentes abandonaram a sala, poucos se mostrando interessados em licitar sobre terrenos a 100500 o metro para construção de casas na rua 54 do Bairro de Alvalade. Todas as pessoas davam a impressão de saberem licitar alto, para não perderem tempo. A primeira demonstração do combate revelou-se logo na aquisição de 6 lotes para casas de renda livre na Rua de Silveira Peixoto, a Picheleira. O primeiro, com 441.33 metros quadrados, foi à praça por 250500 cada metro, sendo os lances de 12550. Foi registada a arrematação por 687550. Seguiu-se outro de 469.45 metros quadrados, indo à praça por 250500 e sendo arrematado por 650500 cada metro.

Presidiu ao leilão o director dos Serviços de Finanças da Camara, sr. dr. António Fernandes Leitão. Abriu-se a praça com um lote de 350 escudos o metro, a cobrir em lances de 17550. Mal o pregoeiro Aníbal Nogueira Silva anunciou a abertura e o preço, ouviu-se uma voz a saltar para os mil escudos e logo outra para mil e duzentos e dez. Seguem-se mais dois terrenos na mesma rua, com o preço base de 150500, arrematados, respectivamente, por 427550 e 442550, não havendo grande interesse de competição na aquisição.

O ultimo terreno da reterida rua, com 189.71 metros quadrados, foi à praça a 350500, mas logo houve quem elevasse o preço para 600500. Outro cobriu este lance com mais 200500 e logo outro com 1.535500, preço por que ficou arrematado. Foram anunciados depois dois lotes na Avenida do Aeroporto, esquina da Avenida dos Estados Unidos, ao preço de 250500, mas nenhum dos presentes licitou, pelo que foi retirado da praça.

Seque-se o ultimo dos quatro lotes de terreno da Avenida António Augusto de Aguiar, esquina da Avenida Fontes Pereira de Melo, com 487 metros quadrados, para construção de um prédio de moradia de renda livre, cujas obras, após a arrematação, devem iniciar-se no prazo de 780 dias e concluir-se dentro de 18 meses. O preço base para licitação, fixado pela Camara, era de 900500, sendo admitidos lances de 45500. Assim que o pregoeiro Silva anunciou o terreno, ouviu-se uma exclamação dominar o borborinho e a ansiedade:

—Dois mil escudos!

Risos da assistência. O pregoeiro fica indeciso e pergunta do alta da tribuna:

—Quem foi o senhor que ofereceu dois mil escudos?

Entre a multidão surge o ofertante exclamando:

—Fui eu! Fui eu! Estou aqui!

Mas não chegou a haver tempo para a perplexidade, porque logo outra voz se fez ouvir:

—Ponha lá mais 200500!

E o combate continua animado e ruidoso, da direita, do centro e da esquerda: 2.520500!

3.115500! 4.054500! 4.500500! 5.040500! 5.805500!

6.030500! 6.120500! 6.165.00! Até 6.210500!...

Houve um silêncio de expectativa dos pre-

sentes, para se saber quem era o arrematante, pois ninguém havia dado por ele, que, aliás, durante o despique, se mantivera quase indiferente. Até que, quando foi para assinar o termo de registro da arrematação, ele se revelou, por si e por seus irmãos. Foram assim arrematantes os srs. António Anselmo, Manuel Anselmo e Adelino Anselmo, conhecidos como construtores de prédios.

A passagem do «Santa Maria» pelo porto de S. Vicente

DE BORDO DO «SANTA MARIA», 16.—Após esplêndida viagem, o «Santa Maria» chegou a S. Vicente para meir combustivel e desembarcar passageiros. A viagem demorou cerca de vinte horas e trinta minutos, ou seja a média, desde o Funchal, de 21,2 nós.

A fim de cumprimentarem o ministro da Marinha sr. almirante Américo Tomás, foram a bordo os srs. coronel Corêis, comandante militar; primeiro-tenente Raul Machado, capitão do porto; dr. Julio Monteiro, administrador; Julio de Oliveira, presidente do Município; Duarte Silva, deputado; o comandante e oficiais do navio hidrográfico «Almeida Carvalho»; representantes da União Nacional e da Imprensa local. Estas individualidades foram recebidas e obsequiadas pelo ministro da Marinha, que não desembarcou e estava acompanhado pelos membros da sua comitiva e pelo sr. Bernardino Corrêa.

Dezenas de visitantes participaram na animada vida de bordo, durante as cinco horas em que o transatlântico esteve em S. Vicente.

Cerca das seis horas da manhã, realizou-se o encontro no mar dos dois paquetes da linha do Atlântico Sul, da Companhia Colonial de Navegação: o «Vera Cruz» saudou e o «Santa Maria» respondeu. Os dois paquetes voltarão a encontrar-se na baía de Guanabara, dentro de dias, quando o «Santa Maria» regressar a Portugal.—(A. N. I.).

O ALMIRANTE GAGO COUTINHO no Centro de Profilaxia da Velhice

O Centro de Profilaxia da Velhice (pela valorização humana desde a mocidade) reabre esta tarde as suas aulas de línguas vivas, de preparação de regentes de ensino e outras, que já o ano passado manteve com bom êxito.

Na sessão, na sede do Centro, à Praça do Príncipe Real, 5, 1.º andar, o almirante Gago Coutinho falará sobre o descobrimento do Brasil, presidindo ao acto o conselheiro Afonso de Melo.

Simultaneamente, será ali aberta uma pequena e elucidativa exposição com elementos sobre a História do Brasil, em que figurarão a árvore genealógica de Cabral, reproduções e quadros históricos, uma escultura do século XII, representando um índio da época, etc..

Haverá numeros de canto e recitativos.

A semana do contribuinte

CONTRIBUIÇÃO INDUSTRIAL E IMPOSTO PROFISSIONAL

Cessação de actividade tributável

Verificada a cessação no período que decorre entre 25 de Novembro e 31 de Dezembro de cada ano e, tendo-se participado o facto dentro do prazo legal—quinze dias contados da cessação—durante aquele período e ainda até 15 de Janeiro do ano seguinte, desde que a cessação se dê em 31 de Dezembro, não é necessário reclamar a anulação das colectas, visto que compete à respectiva secção de finanças retirar os conhecimentos do lançamento já feito e proceder à sua anulação «ex-officio».

Decreto n.º 17.730, de 7 de Dezembro de 1929, art.º 2.º, § 5.º.

Despachos de 14 de Fevereiro de 1944 e de 4 de Maio de 1946 do subsecretário de Estado das Finanças, de 11 de Fevereiro de 1950, do ministro das Finanças e de 16 de Janeiro de 1951, do subsecretário de Estado do Orçamento.

IMPOSTO DE INCENDIOS

1—O imposto não é devido quando a sua importância seja igual ou inferior a dois escudos;

2—Os proprietários de prédios urbanos e estabelecimentos comerciais ou industriais são obrigados a apresentar na 3.ª Repartição (Impostos e Licenças) da Direcção dos Serviços de Finanças, uma declaração feita em impresso fornecido pelos serviços, do qual constam:

a) nome e morada do proprietário;

b) localização do prédio ou da actividade sujeita a licença de estabelecimento comercial ou industrial;

c) valor matricial do prédio e numero do respectivo artigo da matriz (salvo se o prédio estiver omissão, caso em que essa circunstancia deve ser mencionada pelo declarante), ou da importância da contribuição industrial respeitante ao estabelecimento;

d) valor seguro, quando o heja, com a indicação da companhia seguradora, numero da respectiva apolice e datas das suas actas adicionais;

e) data e numero do recibo comprovativo do pagamento do ultimo prémio e indicação do período a que respeita.

3—As declarações são entregues:

a) as dos proprietários dos prédios urbanos, até 31 de Dezembro do ano a que respeitarem, devendo ser acompanhadas da caderneta predial, que será restituída após a conferência;

b) as dos contribuintes que paguem licenças de estabelecimento comercial ou industrial, no acto da requisição da licença e apenas durante o período da sua cobrança voluntária.

4—Será sempre exigível a apresentação das apólices de seguro e respectivos recibos no acto da apresentação das declarações, quer se trate de prédios urbanos quer de estabelecimentos comerciais ou industriais, que igualmente serão restituídas após a verificação feita pelo respectivo empregado.

(Segue)

Jantar de homenagem aos cônsules da Finlândia

Promovido pela direcção do Grupo de Amigos da Finlândia realiza-se depois de amanhã, pelas 20 horas, na Casa do Alentejo, um jantar de homenagem aos srs. cônsul e vice-cônsul da Finlândia em Lisboa e a miss Jenny Permas, delegada do Grupo em Helsinquia, actualmente em Lisboa. As inscrições podem ser feitas até ao dia 16 na Rua dos Correeiros, 29-2.º dt.º ou pelo telefone 31.736.



A ÚNICA COMPANHIA AEREA QUE POSSUI 29 ANOS DE EXPERIENCIA EM AFRICA E SERVE 43 CENTROS AFRICANOS

SABENA
LINHAS AEREAS BELGAS

CONSULTE A SUA AGÊNCIA DE VIAGENS

TÁGIDE

«CHEZ ELLE»

MIRELLE ROBERT

apresenta

CARLOS RAMOS e a sua guitarra

e em SENSACIONAL ESTREIA

e em espectáculo que ficará memorável

CLAUDE BOLLING

O mais completo dos grandes pianistas de jazz e o mais jovem dos famosos chefes de orquestra

e ainda

SIMONE ALMA

A mais original e a mais ritmica das grandes vedetas francesas

LARGO DA BIBLIOTECA, 19

Telef. 35327

(Para adultos)

Teatros e Cinemas

Atrás do reposteiro

O Círculo de Cultura Teatral do Porto, dirigido pelo escritor António Pedro, vai construir, na Travessa Passos Manuel, daquela cidade, o primeiro «Teatro de bolso» em Portugal. A lotação será apenas de 100 lugares.

—A Companhia Vasco Santana começa a ensaiar amanhã, no Teatro Variedades, a comédia «O Conde-Barão».

—O ensaiador Rosa Mateus, que se encontra no Rio de Janeiro, escreveu, de colaboração com seu filho Robert Ruiz, uma revista intitulada «Chegou a hora», que subirá à cena no Teatro Madureira.

—No paquete «Vera Cruz» regressa a Lisboa a cantora portuguesa Fernanda Lino António.

—E' no Teatro Sá da Bandeira, que Berta Singerman vai efectuar os seus recitais de poesia na capital do Norte.

—Os artistas Maria José da Guia e Tony de Matos não participam do desempenho da nova revista em ensaios no Teatro Maria Vitória.

—A companhia Alves da Cunha ainda esta semana deve estreiar no Teatro Avenida a nova peça «Do nosso tempo», original de Laura Chaves.

—A companhia do Teatro Monumental está em negociações para apresentar em Setúbal a comédia «Ela não gostava do patrão».

—Hoje e amanhã realizam-se no Nacional as últimas récitas de «A Taça de Ouro», de Olavo de Eça Leal. Para depois de amanhã está anunciada a estreia de «Rapaziadas», de Vítor Ruiz Iriarte.

—Pede-nos a actriz Arminda Vidal que se esclareça que carece de fundamento a notícia de estar indicada para fazer parte do elenco da companhia que o empresário Giuseppe Bastos vem organizando para África.

Cinema nacional

Volto a exhibir-se, no Cinema S. José, do Rio de Janeiro, da Empresa Pascoal Segreto, o filme português «Serra Brava».

Imagem do dia

Começa esta noite no TIVOLI a 3.ª SEMANA de um dos maiores acontecimentos do espectáculo cinematográfico mundial: a famosa obra-prima de Charlie Chaplin: «LUZES DA RIBALTA» concebida, escrita e realizada por esse grande génio do cinema. O publico de Lisboa anda positivamente louco por esse filme, em que merece também destaque, além da musica, composta também por Charlie Chaplin, a criação de Claire Bloom na inefável Terry, por quem Calvero se apaixona.

A seguir no IMPÉRIO

JENNIFAR JONES
e MONTGOMERY CLIFT
no genial filme de
VITTORIO DE SICA

Estação Terminus



Uma história de amor
e pecado

Exc. SONORO FILME

Espectáculo para adultos

Sabine Leblanc

à frente do C. I. C. que vai
reaparecer em Dezembro



Sabine Leblanc

vai, uma vez mais, dar-nos a prova das suas virtudes de artista, com os cinco espectáculos anunciados para começos de Dezembro.

A' frente do disciplinado grupo, veremos, desta vez, uma bailarina da Ópera de Paris, a estrela Sabine Leblanc, que hoje percorre o Mundo, colhendo êxitos de bailarina. E, a seu lado, como primeiro bailarino, veremos de novo Fernando Lima, que na ultima «saison d'été» conquistou elogios da critica como primeiro bailarino, á frente do Grupo de Estraburgo, dançando em Vichy e em Paris.

Sabine Leblanc, que chega amanhã a Lisboa, dançará, além dos bailados clássicos, muito do agrado do nosso publico, uma «Aquarela», com coreografia de Fernando Lima, «Dom Quixote» e «Fantasia Romantica», sobre musica de Schumann. Luna Andermatt, recentemente chegada do seu estágio, no Sadlers Wells, de Londres, e Bento José da Camara, um bailarino de plástica apolínea e de verdadeira classe artística, são também duas primeiras figuras que veremos á frente de um numeroso corpo de baile.

«Matinéas» clássicas no Tivoli

Amanhã, ás 18 e 15, exhibindo-se no Tivoli «Além das Grades» (Le Mura Di Mala Paga), de René Clement, com argumento de Zavattini, sendo interpretado por Jean Gabin e Isa Miranda. Será comentado pelo escritor e critico José Augusto França.

Espantoso! Unico! Colossal!

A 3.ª Companhia de Circo, hoje, no Coliseu, em espectáculo da moda, a maior maravilha circense



Todo o publico, alvoroçado, como é natural, vai hoje encher a vasta sala do Coliseu, para ver as mais formidáveis atracções da 3.ª Companhia de Circo. Novidades nunca vistas! Os Alizés, os maiores voadores do Mundo, os Ibaras, extraordinários baristas, o rei dos «jongleurs», o trapézio mágico, fantasia acrobática, os ursos de Miss Jenny, saltadores, os super palhaços Irmãos Diaz e os engraçadíssimos Irmãos Campos. Que ninguém deixe de ir ver.

DIÁRIO DE LISBOA

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional.

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE—Em Portugal nas regiões ao Norte do Tejo, o céu está limpo e o vento é fraco de Leste por influência da massa de ar transportada na circulação dum anticiclone centrado sobre a França. Nas regiões ao Sul do Tejo, o céu está geralmente nublado e os ventos são bonançosos a moderados dos quadrantes de Leste por influência duma depressão centrada ao Sul do Tejo.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ—Ao Norte do rio Tejo, céu geralmente limpo, vento fraco de Leste; ao Sul do rio Tejo, céu de algumas nuvens, vento bonançoso dos quadrantes de Leste, fraca possibilidade de aguaceiros. Temperatura sem alteração apreciável.

Temperaturas extremas registadas hoje em Lisboa, até ás 15 horas: máxima, 19.5; mínima, 12.9. No mesmo dia do ano passado: máxima, 18.5; mínima, 9.4.

PROGRAMAS DA RÁDIO

EMISSORA—As 18 e 30, Danças; 19, Noticiário; 19 e 5, Musica sinfónica; 19 e 30, Alegria no Trabalho; 20, A inauguração do monumento ao eng. Duarte Pacheco; 20 e 50, Musica de salão; 21, Noticiário; 21 e 15, Solos de instrumentos; 21 e 30, Rádio-Desporto; 22, Musica ligeira espanhola; 22 e 25, Teatro das comédias: «A Margarida», de Armand Salacrou numa adaptação de Luís Francisco Rebelo; 23, Serenata de Coimbra; 23 e 20, Danças; 23 e 50, Junção dos emissores e Noticiário; 0, Encerramento.

Programa «B»—As 21 e 15, Musica de tecla; 22, Trechos de ópera; 22 e 20, Leituras portuguesas; 22 e 30, Ciclo Mozart; 23 e 10, Musica contemporanea; 23 e 50, Junção dos emissores.

RÁDIO CLUBE—As 18, Concerto; 18 e 45, Imagens por musica; 19, Asas; 19 e 30, Aperitivo A. P. A.; 20, Musica brasileira; 20 e 15, Noticiário; 20 e 30, Programa dos associados; 21, Trechos recreativos; 21 e 30, Orquestras e canções; 22, Rapsódias; 22 e 15, Canções portuguesas; 22 e 30, Companheiros da Alegria; 23 e 45, Solos de piano; 0, Musica de dança, do Maxime; 0 e 30, Orquestras de dança; 0 e 45, Rádio-jornal; 0 e 55, Amanhã; 1, Fecho.

RENASCENÇA—Das 19 e 30 ás 0 horas. POSTOS CENTRALIZADOS—Das 17 ás 19 e 30, Voz de Lisboa; das 19 e 30 ás 22, Clube Radiofónico de Portugal; das 22 á 1, Voz de Lisboa.

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNOS E—União—Estrada de Benfica, 592-594—Tel. 58092; Aguiar—Estrada de Benfica, 197-199—Tel. 58043; Leal de Matos—Rua de Neves Costa, 33-35—Carnide—Tel. 58181; Central do Lumiar—Rua do Lumiar, 77—Tel. 79390; Avis—Avenida de Roma, 56-B e 56-C—Tel. 76070; Cartaxo—Av. da Igreja, 21, C—Sítio de Alvalade—Tel. 76358; Alcantara—Av. da Republica, 74-A—Tel. 71379; Cosmos—Avenida de João Crisóstomo, 44-C—Tel. 40592; Mundial—Largo de D. Estefania, 9—Tel. 45578; Correia de Almeida—Avenida de Fontes Pereira de Melo, 13—Tel. 47385; Ascenso—Rua 9—Bairro da Encarnação—Tel. 399216; Olivais (Dos)—Rua de Alves Gouveia, 19—Tel. 399237; Pinto—Rua de Xabregas, 63-65—Tel. 39185; Cruz de Malta—Largo do Chafariz de Dentro, 36—Tel. 23326; Almeida Dias—Largo da Graça, 38—Tel. 842909; Higienica—Rua de Rieidoro Salgado, 29—Tel. 844361; João XXI—Avenida de João XXI, 16-A—Tel. 76462; Bragança & Nunes, Ld.—Rua de Angela Pinto, 32—Tel. 49756; Mariz—Calçada da Picheleira, 140-B-C—Tel. 840703; Romano Baptista—Rua de Passos Manuel, 6-10—Tel. 50593; Lab—Rua de Rodrigo da Fonseca, 101-101-A—Tel. 48333; Salutar—Rua B, 75-A-B—Bairro da Liberdade; Castro Fonseca—Rua do 4 de Infantaria, 26—Tel. 62857; Rodrigues & Aires—Rua da Lapa, 52-54—Tel. 62246; S. Jerónimo—Rua dos Jerónimos, 8-C—Tel. 38916;

Teles—Rua de João de Barros, 2—Tel. 38249; Nogueira—Rua da Creche, 2—Tel. 27591; Carrasco—Rua do Presidente Arriaga, 39; Modellar—Largo do Dr. António de Sousa Macedo, 7-A—Poço Novo—Tel. 27896; Mendes & Braga, Ld.—Rua da Misericórdia, 133—Tel. 24554; Nacional—Rua do Salitre, 7—Tel. 46858; Silmar—Rua de S. Lázaro, 128—Tel. 42829; Costa—Praça da Figueira, 6-B-C—Tel. 28381; Barral—Rua Aurea, 126—Tel. 31531.

CARTAZ DOS ESPECTACULOS

NACIONAL—A's 21 e 45—«A taça de ouro». VARIEDADES—A's 20.45 e ás 23—«O pato» MONUMENTAL—A's 21 e 45—«E o patrão enlouqueceu».

MARIA VITORIA—A's 20 e 30 e ás 22 e 45—«Saías curtas».

COLISEU—A's 21 e 30—Companhia de circo. TIVOLI—«Luzes da ribalta».

SAO LUIS—«Histórias esquecidas».

EDEN—«Luzes da ribalta».

IMPÉRIO—«1 de Abril do ano 2.000».

S. JORGE—«Cativos do mal».

MONUMENTAL—«Vidas erradas».

POLITEAMA—«O pirata vermelho».

CONDES—«Fausto e o Diabo».

CAPITOLIO—«Tempestade no Oriente».

ODEON e PALACIO—«Prestigio real».

OLIMPIA—«Tempestade no céu».

TERRASSE—«Continuo a esperar-te».

JARDIM—«Natacha».

LIS—«O maior espectáculo do Mundo».

PROMOTORA—«Chaimite».

BOLSA DE LISBOA

VALORES	Efectuado	Compra	Venda
Fundo do Estado			
Consolidado 2 3/4 T. 10	779\$	778\$	780\$
Consolidado 3 % T. 10	850\$5	850\$	851\$
Consolidado 3 1/2 T. 10	991\$	990\$	992\$
Centenários 4 %...	—	2.225\$	2.230\$
Obrig. Tes. 2 1/2 1942	—	975\$	—
Obrig. Tes. 2 1/2 1943	—	962\$	—
Externas 1.ª carimbadas	—	1.235\$	—
Externas 3.ª série ...	—	1.350\$	—
Externas 3.ª carimbadas	—	1.350\$	1.360\$

Ações			
Lisboa e Am... ..	1.650\$	1.650\$	1.720\$
Ultramarino cp. T. p...	696\$	696\$	695\$
Mundial	1.600\$	—	—
Portugal port T. p...	2.420\$	2.415\$	2.430\$
Agua Lisboa 1934 T.p.	—	220\$	—
Agua Lisboa 1936 T.p.	—	—	230\$
Cimentos Tejo... ..	—	395\$	405\$
Cimentos Leiria T. p	—	490\$	505\$
Gás Electricidade cupão	184\$	1835\$	1845\$
Alto Alentejo cupão...	142\$5	142\$	143\$
Industrial Aliança...	—	405\$	430\$
Portugal e Colónias...	394\$	392\$	395\$
Nac. Navegação T. p	1.405\$	1.400\$	1.410\$
Colonial de Navegação	670\$	668\$	673\$
Port. de Pesca T. p...	—	1.120\$	1.150\$
Port. de Tabacos cupão	463\$	462\$5	464\$
Tabacos Portugal cupão	—	595\$	612\$
União Eléctrica Port.ª	217\$	216\$	218\$
Casseque... ..	—	1.475\$	1.480\$
Agricultura Colonial...	700\$	690\$	710\$
Açúcar de Angola...	—	3.430\$	3.440\$
Buzi... ..	252\$	251\$	252\$
Cabinda	—	213\$	218\$
Ilha do Príncipe ...	—	1.430\$	1.440\$
Zambézia T. de 25 ...	—	127\$	128\$
Moçambique	161\$	161\$	161\$5
Eléctrica das Beiras ...	—	1.440\$	1.460\$

Obrigações			
Agua de Lisboa 5 %	510\$	508\$	512\$
União Eléct. Port. 4 1/2	98\$	—	—

J. BURNAY, LDA. LIBRAS OURO
Rua do Ouro, 72 — TELEF. 21273

FATOS USADOS

Para homem e rapaz, casacos e calças desmanhados, calçado, máquinas de costura ou só cabeças, etc., pago bem e vamos a casa. Rua de S. Bento, 58-60, telefone 63031.

TEATRO MONUMENTAL

(55133)

Espectáculos de VASCO MORGADO

OS CRITICOS APLAUDIRAM

«Uma peça, cem por cento para rir»

D. Notícias

«A peça do Monumental alcançou um êxito retumbante e vai certamente fazer larga carreira».

D. Lisboa

«A comédia teve uma interpretação muito relevante. Assim o reconheceu vibrantemente o público, fazendo subir o pano bastas vezes».

Diário Popular

Uma comédia hilariante

E O PATRÃO ENLOUQUECEU

com Madalena Sotto, Aida Ultz, Fernanda Borsatti, Henrique Santos, Rui de Carvalho, Armando Cortez e Paulo Renato, no protagonista

Para maiores de 18 anos



Salomé

EM 2 SESSÕES ÀS 20,00 e 22,45 h.
(Para adultos)



SALVADOR

CONTINUA EM PLENISSIMO EXITO!

*Maria
Vitória*

BRILHANTEMENTE
APRESENTADA POR
SALVADOR
a alegre e popularíssima
revista

SAIAS CURTAS

com **SALOMÉ**, Teresa Gomes, Humberto Madeira,
Emílio Correia, Camilo de Oliveira, **MAX**, Maria do Carmo,
Tony de Matos e Maria José da Guia



O Capitão das Cruzadas Amanhã no CAPITOLIO

**ROSSANO BRAZZI
ANNE VERNON
GIANNI SANTUCCI**
numa super produção franco-italiana
de grande espectáculo

Uma história de amor e ódio
em ambiente de guerra e luxúria
Um exclusivo de
FILMES ALBUQUERQUE

PARA ADULTOS



ISABEL SILVA

marinha e Pedro Leal, Para adultos.

ENTRADA PREÇOS POPULARES

LUSO

Tel. 32889
Animador Filipe Pinto
Hoje—NOITE POPULAR

Fados por ISABEL
SILVA, MANUEL CA-
LIXTO, Brígida Silva,
Jorge Silva, Isaura Ali-
ce de Carvalho e Sebas-
tião Pires. Solos por Ca-

VARIEDADES

2 sessões às 20,45 e 23 horas
A Companhia **VASCO SANTANA** na
hilarante farsa de FEYDEAU

O PATO

com Vasco, Ribeirinho, Costinha, Hor-
tense, Maria Helena, Henrique Santana,
Luís Durão e Artur Semedo

ESPETÁCULO PARA ADULTOS

(PARA ADULTOS)
UM GRANDE EXITO: **LOS GITANILLOS**
**ANA MARIA
ESTER DE MURILLO
SARA Y PILAR BERNAL
MARU Y ENCARNITA**
TELEFONE 20919 com o CONJUNTO VILAÇA
**AMANHÃ: A NOTÁVEL ANA MARIA DEL CID
EM ESTREIA CONCHITA DE ESPANHA** ADMIRÁVEL ARTISTA
EM CANTO E BAILE

Leiam o jornal SEMPRE FIXE

MAXIME

PARA ADULTOS—O MELHOR EM TUDO
O MAIOR ELENCO ACTUAL!

A famosa parelha aristocrática

CONSUELO y ADOLFO

em bailes de carácter interpretativo

A formosa vedeta

MARY MERCHE

em admiráveis canções

ENCARNITA FLOREZ e o seu guitarrista RIERA, HERM. DEL EBRO ROSINA GRA-
CIA, WIKI VARNET, MISS ASTURIAS, ROSITA DARGEL, BEL MARY, HERM. MONTIJO,
ANTONITA CORONEL e HERM. ARILLAS. Musica de baile pelo CONJUNTO FERNAN-
DO D'ALBUQUERQUE com RICARDO LUIZ e ORQUESTRA TROPICAL BOYS com
MARIO DE JESUS

Cineclub dos Cinemas

SÃO LUIZ
A's 15,15-18,15-21,30
UM EXITO SENSACIONAL
Histórias esquecidas
4 histórias comovedoras in-
terpretadas por nove vade-
tas do cinema francês
(Espectáculo para adultos)
Telef. 27172

EDEN
A's 15,30-18,30-21,30
3.ª Semana triunfal
Charlie Chaplin
NA SUA GENIAL OBRA
Luzes da Ribalta
Telef. 20768
(Para maiores de 13 anos)

SÃO JORGE
A's 15,15-18,15-21,30
O FILME
premiado com 6 Ozeares
Cativos do Mar
com Lana Turner, Walter
Pidgion, Kirk Douglas
e Dick Powell
ESPECTACULO PARA ADULTOS
Plat. 54153-Bal. 54154

ODEON
Telef. 26283
A's 21 e 15
10.ª Semana de deslumbrante
filme colorido indiano
PRESTÍGIO REAL

PALACIO
Telef. 47163
Toda a beleza, fascínio e
mistério do Oriente fabuloso
(Para maiores de 13 anos)

CAPITOLIO
A's 15,30 e 21,30. Em despedida
TEMPESTADE NO ORIENTE
Emotivo e violento entrado com
Alan Ladd, Charles Boyer, Co-
rinne Calvet e Deborah Kerr
(Para maiores de 13 anos)
TEL. 27493

TERRASSE Continuo a esperar-te
A PECADORA
TEL. 20917—A's 21,15h. DOS MARES DO SUL
(Espectáculo para adultos)

TIVOLI
2.ª Semana de
Charlie Chaplin
Luzes da Ribalta
Telefone 50595
A's 3 e 6,15 do tarde
(a preços reduzidos)
e 9,30 do noite
(Para maiores de 13 anos)

POLI TEATRO
A's 15,15 e 18,15 e às 21,30
2.ª SEMANA DO GRANDIOSO
FILME DE AVENTURAS E GAR-
GALHADAS
O PIRATA VERMELHO
(col.) com Burt Lancaster
(Para maiores de 13 anos)
Tel. 26303

CONDES
A's 15,15-18,15-21,30
Sensacional exito de
Fausto e o Diabo
com os famosos artistas
líricos Italo Tajo, Nelly
Corradi e Gino Mattora
Telef. 55131
para adultos

MONUMENTAL
A's 18,15 e 21,30 h.
O emocionante drama de uma
mulher a quem o destino recusa
o direito ao amor
VIDAS ERRADAS
com
ALIDA VALLI e AMADOR NAZZARI
(PARA ADULTOS)
TEL. 55131

IMPÉRIO
A's 15,15-21,30:
O MAGNÍFICO FILME
1 de Abril do ano 2.000
Telef.: Plateia 55134 com Hilda Krali e Jo-
séph Meinrad
Balcões 55135 (Para maiores de 13 anos)

LIS O Maior Espectácu-
lo do Mundo
Tel. 48560
A's 21,15 POPEYE ENTRE AS SÉRIAS
(Espectáculo para adultos)

CASINO ESTORIL O professor e a corista
com Ronald Reagan
A's 21,30 (Espectáculo para adultos)



João de Vasconcelos

MIAMI

PRACA DA ALEGRIA, 56
Telef. 34120 Para adultos

O PUBLICO É O NOSSO MELHOR RECLAME!...

Todas as noites as maiores atracções internacionais
HOJE 2.ª fe'ra 16, ESTREIA DA GRANDE VEDETA
ALZIRINHA CAMARGO
(O vulcão do Brasil)

Exitos sempre crescente da grande orquestra **CARAVAN**
com o Maestro **Vasconcelos** e os vocalistas; Carlos Rocha
e Manuel Fernandes

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II
Hoje e amanhã, às 21 e 45, últimas represen-
tações da comédia (Para adultos)

A TAÇA DE OIRO

Palma, Amélia, Mariana, Rogério, Rob's,
Paiva Raposo e um notável conjunto
4.ª feira, estreia «RAPAZIADAS»

AGUARDENTE VELHA
Niepoort
a prova está na prova

NEO BEPROL
NOVO PRODUTO ANTI-HISTAMÍNICO ABORTIVO E CURATIVO DA
CONSTIPAÇÃO
1-2 COMPRIMIDOS APÓS OS PRIMEIROS SINTOMAS

Restaurante Conde Redondo

Rua Conde Redondo, 58
Amanhã, terça feira, a autêntica
PAELLA À VALENCIANA
Na próxima quinta-feira o autêntico
CARIL À INDIANA
Res. mesas — Tel. 40306

Se passar por Salvaterra
Visite o Café Restaurante Ribatejano

Obras de ficção

A partida das Salésias com mais impeto do que calma, mais rápida do que parada, foi propriamente um jogo de cara ou cruz. Ganhou o Belenenses e está certo:—Faustino, jogador que se comportou excelentemente, cometeu um pecado mortal e o seu grupo pagou o erro, pois Feliciano não deu a absolvição; e Perez teve um momento de invulgar felicidade, ao levantar a bola por cima dos jogadores e enfiá-la nas balizas favorecido pelas perspectivas de má visão que se ofereciam ao guarda-redes (Perez, ele próprio, disse-nos tratar-se dum golpe de sorte, ao pular com infinita alegria, erguendo os braços em acção de graças ao Senhor!).

Assim, com dois golos limpos, todavia, mais detalhes do que fruto de esquemas, ganhou o Belenenses, repetimos, e a vitória não deixa de ser merecida, atendendo à última página com que fechou o volume das Salésias.

O epílogo, porém, poderia ter sido outro, especialmente se os desafios não se ganhassem com tentos, e daí o termos metido esta partida na espécie de cara ou cruz. Isto é, a moeda lançada ao ar saiu voltada para o Belenenses...

Talvez pareça estranho, mas o jogo das Salésias fez-nos lembrar aquelas obras de ficção, cuja acção decorre de uma maneira que conduziria logicamente a um certo desfecho, e afinal acabam duma forma diferente e ines-

perada. As vezes, porque o escritor transige com o gosto do publico ou pelo móbil mercantil. Verdade seja, o triunfo aguça o interesse da competição e, não tendo feito grande massa na marcha leonina, coloca o Belenenses na primeira fila a caminho do título.

Engana-se quem julgar que a chamada a espécie de cara ou cruz em que se deve inscrever a partida das Salésias é de somenos importancia. A classificação foi propositada. De certo modo, a vitória do Belenenses e a derrota do Sporting servem-nos para algumas considerações...

Verdadeiramente, no ponto de vista critico, é ou deveria ser indiferente ganhar ou perder, mas como é impossível desprendermo-nos, dada a condição humana, dessa realidade tangível que se chama resultado, torna-se evidente que este influi no comentário e apreciação, tornando as coisas mais claras. Contra tudo que se faça, e mesmo que o nosso sentimento lute contra semelhante orientação, a verdade é que se dá um fenómeno de comunicação entre a critica e a camada de adeptos, e, mais ainda, que as derrotas fazem avultar os erros e as vitórias lavam as nódoas de tal maneira que a gente põe uma lupa, mais forte que seja, busca as deficiências e não as encontra, chegando a duvidar dos nossos próprios olhos, conhecimentos e intelecto.

Nós próprios, tão calejados, tendo a nossa vida cheia de jogos ao ponto de um, aquele que se está a viver, fazer esquecer todos os outros que ficaram para trás—o que é indicio de saturação, nada louvável, pois a experiência não deverá ser menosprezada—procuramos fugir à influência do resultado e, provavelmente, poucas vezes havemos de consegui-lo. O critico é apenas um homem que prescreva e investiga a base e justificação do jogo mais do que os outros, mas não deixa de estar sujeito às mesmas reacções comuns a todos os homens.

É possível, pois, que, se o Belenenses tivesse perdido e o Sporting ganhasse, mesmo tendo sido as questões as mesmas e os esquemas os mesmíssimos, estivessemos aqui a formular conceitos diversos e a ver o futebol de outro angulo. Possível é que, nessa hipótese, o que se nos afigura erro não tivesse esse carácter, as deficiências desaparecessem e só as qualidades emergissem. Seja como for, não nos devemos esquecer que as derrotas recortam melhor os erros e deficiências, e as vitórias põem mais em evidência as qualidades.

Procuramos, no entanto, ser justos e sobretudo não ver as partidas de futebol simplesmente à face dos resultados, ainda que destes não consigamos desprender-nos.

Não deixa de ser curioso verificar—é pelo menos o que pensamos—que os melhores quadros portugueses (que dizem daqueles que são de mais fraca categoria?) dão provas, em pista, duma falta de imaginação total de quem os orienta, repetindo-se a mesma história, contando-se a mesma fábula, semana-a-semana. Parece-nos que, perante elementos diferentes como se verifica em quase todos os desafios, a manobra deveria modificar-se consoante esses dados e não se repetir, sempre a mesma quase monocórdica mente. O caso resulta aborrecido e indigesto!

As equipas aprenderam um sistema, confinam-se e abrigam-se nele em todas as hipóteses, a tal ponto que os jogadores deixam de ter sentido de adaptação e, de certa maneira, transformam-se em autómatos, perdendo a faculdade de pensar e criar, indispensável no jogo da bola. Saber jogar, hoje, para um qualquer homem, mesmo de estirpe, representa capacidade de executar certo e determinado lance ou esquema, obliterando-se cada vez mais o poder criador do futebolista.

Porque se quer ariscar o menos possível e se teme demasiadamente o resultado, não se forja nem se criam planos (uma tática para cada hipó-



Carlos Gomes, bem lançado, defende a soco, antecipando-se a Barros que já estava preparado para desferir o pontapé...

tese), partindo embora duma base ou manobra já sólida, preocupando-se quase todos, acima de tudo, com a carboração dos movimentos defensivos, apesar do ataque ser a vida e a chamada futebol.

Os grupos em operação nas Salésias não nos revelaram nada de novo em matéria ofensiva—Vasques e Di Pace, o fulcro dos seus grupos!—reforçando o Belenenses ainda mais do que o Sporting a manobra e ligação da defesa.

Parece-nos incompreensível que, no seu terreno, contornado não pela linha em branco mas pela chama clubista dos seus adeptos, a equipa de Belém começasse a jogar e sustentasse essa atitude durante largo tempo num plano defensivo, colocando até os seus dianteiros bastante atrasados (dizem-nos que os belenenses ganharam, mas isso ajusta-se à chamada Teoria do Resultado!).

Um pouco por efeito da exposição de jogadores e outro tanto pela melhor via de ataque leonino, o desafio concedeu-nos duas fases—uma que vai até ao 2.º golo de Belém, aos 9 minutos da segunda parte, e outra daí para diante—operando o Sporting melhor no primeiro período para depois se entregar, fazendo com que surja com o sinal + uma vitória que não parecia justa.

Está dito e redito que a influência da linha média nos quadros de futebol é enorme, e dizendo-se no que toca ao problema em análise que os médios leoninos jogaram bastante mais ao ataque dá-se uma ideia dos factos ocorridos nas Salésias.

Afora a sorte, que tanto faria referir como não, pois trata-se dum elemento que sempre cabe em considerações sobre os jogos, parece-nos que o futebol de ataque leonino não surtiu efeito por duas razões que consideramos fundamentais:—a aptidão, ligação e dureza (no bom sentido da palavra) da defesa do Belenenses; a perniciosidade que representou, invariavelmente, a intervenção do centro-dianteiro leonino na maioria dos golpes, senão em todos.

Custa-nos, sem duvida, atirar para cima dum jogador com a chamada responsabilidade, pois o caso poderá parecer a busca duma vilima, mas não podemos em nossa consciência de critico deixar de repudiarmos o jogo inerte, frio, parado, de retenção de bola, dum jogador que transformava lances rápidos em lentidão, passeando pelo campo a sua falta de manobra, mesmo técnica duvidosa, em qualquer dos postos que desempenhou, ou melhor, não desempenhou, avançado-centro, extremos, esquerdo ou direito.

Na segunda fase, a partir do 2.º golo, a superioridade do Belenenses surge de maneira incontestada. De nada servia o brio leonino, nem o fulgor duma individualidade como Vasques que, quando em veia, ilumina a pista, pois a equipa leonina estava toda submersa na sombra da vitória de Belém.

E todos os defeitos da equipa das Salésias—até a deficiente coligação da sua linha média—desapareceram para em sua vez surgirem as qualidades, principalmente, de ordem individual. Se o conjunto se faz de individualidade-

des, nem sempre estas perfazem um todo... Juntamos ainda para melhor avaliação da partida a desgraça que recaiu sobre o Sporting, magoando-se Martins e Hugo, amputando por consequência as suas asas.

Pelo contrário, nesta fase, as deficiências leoninas tomaram mais vulto. Lembra-nos que, estando Hugo manifestamente incapaz, actuou durante certo tempo no centro da pista, em jogadas de choque e confusão—e isto exprime com eloquência o que sucede, tantas vezes, quando uma equipa está a perder!

Como quer que seja, no virar da página, o Belenenses tornou-se o senhor do jogo e da partida, apesar do seu fogoso adversário esbracejar ainda... A defesa de Belém dispunha-se em curva, no terreno, um pouco adiantada, e desfazia a espuma que representava, por falta de apoio, algumas maravilhas de Vasques; o interior Mata-teu pronunciava mais nitidamente, com perigo, o seu sistema de cunha e o jogador simétrico, Di Pace, florescia no seu trabalho de orientação; de tudo isto resultando maior velocidade por parte das unidades de Belém. A rapidez passara-se para o outro lado.

Muito antes do apito do árbitro de Évora, Inocêncio Calabote, que dirigiu o jogo com mestria, exemplarmente, terminar o encontro, já ninguém poderia ter dúvidas sobre o desfecho. A impressão era semelhante àquela de, numa corrida de estafetas, o ultimo testemunho ser recebido por uma das equipas com sensível avanço. O fim já não interessa na corrida, já não interessava nas Salésias.

A margem da partida, queremos referir um facto que nos parece uma tendência não diremos doentia, mas decerto muito censurável das camadas de adeptos. Refere-se o caso de Manuel Passos! Trata-se de um jogador com brio, corajoso, valente e de grande força moral (não fôra isso, e não sabemos o que sucederia!), um destes elementos que há em todas as equipas e que se distinguem pelo seu animo e coragem. Porque é, pois, que as suas jogadas são apreciadas de uma maneira diferente relativamente a todos os outros?

Não temos duvidas em afirmar que desculpamos muito mais as cargas de Passos, viris e valentes, leais, mesmo quando a margem das Regras, do que aquelas outras, traiçoeiras e cínicas, que não se vêem, por vezes, produzindo no entanto mais estragos. Porque se culpa o rapaz, jogador de alto a baixo, um valor do Futebol, que joga com o coração, de cumprir afinal o que é o seu dever?

É por essas e por outras que o futebol português, quando no estrangeiro, dá uma confrangedora ideia de pusilanimidade. O publico, que costuma ser bom, justo e generoso, está a atraiçoar-se, e a sua penitência deve ser uma coisa simples:—estender e apertar lealmente a mão de Manuel Passos!

TAVARES DA SILVA



NINA

BOITE DE NUIT

HUGUETTE DUVAL

(Para adultos)

A marcha do Campeonato

Belenenses 2-Sporting, 0
Oriental, 0-Benfica, 0
Atlético, 1-Académica, 1
V. Setubal, 2-Lusitano, 0
V. Guimarães, 3-Barreirense, 0
Boavista, 0-F. C. Porto, 6
Spt. Covilhã, 2-Spt. Braga, 4
Como consequência destes resultados a tabela ficou assim estabelecida:

	I.	V.	E.	D.	Golos		P.
					F.	C.	
Benfica	7	5	1	1	14	7	11
Belenenses	7	4	2	1	15	8	10
Sporting	7	4	1	2	19	8	9
F. C. do Porto	7	4	1	2	11	5	9
V. Guimarães	7	3	3	1	15	10	9
Atlético	7	3	2	2	15	9	8
Vit. Setubal	7	3	2	2	15	11	8
S. Braga	7	3	1	4	11	11	8
Académica	7	2	2	3	10	13	6
Oriental	7	1	5	2	8	15	5
Barreirense	7	2	1	4	5	13	5
S. Covilhã	7	1	2	4	10	14	4
Boavista	7	1	1	4	7	17	4
Lusitano	7	2	1	5	6	20	4

A sétima jornada do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão foi grata para os partidários dos cinco clubes da capital, pois todos jogaram em Lisboa, facilitando a presença dos seus adeptos. Não houve, portanto, confronto com a Província, o que é sempre motivo de interesse.

As atenções gerais foram para os lados das Salésias e o desfecho desse encontro permitiu uma permuta de posições entre os dois concorrentes que ocupavam os lugares de honra. O desfecho do desafio do Lumiar A, não tendo afectado a posição dos «encarnados» foi, contudo bem mais benéfico para os orientalistas, que galgaram alguns furos na tabela. Anote-se que deixou de haver uma equipa sem empates—a do Benfica.

Considerados normais os resultados feitos pelos Setubalenses, pelos Vimaraneses e pelos azuis-brancos do Porto, resta falar dos jogos da Taoadinha e da Covilhã. Os desfechos foram algo surpreendentes, com evidência para os grupos visitantes, pois o Atlético e o Covilhã não corresponderam ao que deles se esperava.

Em relação à semana anterior melhoraram as suas posições: Belenenses (3.º para 2.º), F. C. Porto (6.º para 4.º), Sporting de Braga (11.º para 8.º) e Oriental (13.º para 10.º). Para os Brancos e os orientalistas os resultados foram benéficos embora algo influenciados por outros.

Em contranota comprometeram as suas posições: o Sporting (2.º para 3.º), o Atlético (4.º para 6.º), a Académica (8.º para 9.º), o Barreirense (9.º para 11.º), o Sporting da Covilhã (10.º para 12.º) e o Boavista (12.º para 13.º).

Além do Benfica, conservaram as suas posições o V. Guimarães, o Vitória de Setubal e o Lusitano.

Marcaram-se 21 golos, o que eleva o total a 161.



Uma jogada de ataque do Benfica plena de movimento. Azevedo vai intervir com segurança e alastrará o perigo

NO LUMIAR A

O Benfica deu possibilidades ao adversário preferindo o jogo por alto.

Contra o grupo de Marvila a jogar num terreno relativamente pequeno e no qual o ressaio do esférico desorientava os jogadores, sabendo-se o ardor e o dispêndio de energia como os componentes actuam, deveriam os encarnados lutar de uma maneira diferente, sem domínio de bola acentuado, a evitar a luta de perto e os choques, com cruzamentos largos aos extremos, a tornar a dificuldade que o desafio deveria resultar. Desde que os jogadores do Benfica consentiram que fossem os adversários que se antecipassem às jogadas e deixaram que o seu sistema defensivo vigorasse, jogando quase sempre com o esférico pelo ar, a vitória seria difícil de conseguir, a não ser que o desgaste de energias fizesse com que os orientistas fossem obrigados a mudarem de processos e então os da camisola encarnada pudessem dar cartas...

Como o Benfica raramente procurou contrariar o sistema posto em equação pelo grupo adversário consentindo que este actuasse sempre em toada defensiva, sem o deixar organizar-se ao ataque, o resultado do desafio não constitui surpresa de maior, antes pelo contrário, porque se registaram lances em que a defesa do Benfica passou por maiores sobressaltos, do que a de Marvila...

Dentro da toada de não consentir que os adversários jogassem o que sabem e podem, o Oriental esteve em destaque, se bem que o Benfica procurasse, sem o conseguir, porém, anular os intentos dos adversários devido especialmente a actuar com menos velocidade e sem a antecipação indispensável, deixando que os orientistas chegassem quase sempre primeiro à bola.

A figura mais saliente do encontro foi sem dúvida João Azevedo—com uma exibição em cheio que fez recordar, sem sombra de exagero, tantas das suas melhores tardes, quando ele era sem contestação, o melhor guarda-redes nacional. Ao seu sentido de jogo, a sua valentia, que o levou a lançar-se aos pés dos dianteiros do Benfica, quando o tento parecia infalível, a sua segurança e a sua agilidade, ficou devendo o Oriental o desfecho da partida, nos lances que se registaram e com os quais nos parecia que os encarnados iriam arrancar a vitória.

A chamada sorte de jogo também nada quis com o Benfica, nos lances em que Arsénio com a baliza à sua disposição, rematou contra a barra e finalizou a levar o esférico a sair fora a roçar o poste. Mesmo no declinar da partida, quando os encarnados «arrancaram» para ganhar o encontro, o Oriental teve sorte no

disparo de Caiado, que a trave devolveu e na perda de Arsénio, já com Azevedo traído em que a bola por capricho, roçou o poste e foi fora...

Dentro do processo de destruir, sem deixar que o adversário se organizasse, os marvilenses deram cartas e jogaram com mais codícia, com mais genica, num dispêndio de energias digno de elogios. O Benfica foi contrariado por não saber actuar de modo a desorganizar o sistema do adversário. Bem procurou Moreira, Artur e Fernandes em arrastar os seus companheiros, mas o ataque não correspondeu e deixou-se anular pela decisão dos defesas contrários.

Em desafio sem golos, enérgico e entusiástico, a arbitragem esteve em evidência, não se deixando anular pelos protestos do público, nem dos jogadores. Com razão dizia um antigo guarda-redes internacional que as melhores coisas do encontro eram a arbitragem e a exibição de Azevedo, que anulou e bem todas as tentativas dos dianteiros do Benfica. O empenho arrelizador para o Benfica, ficou-o a dever: o Oriental ao seu guarda.

JOSÉ MALHEIRO

EM GUIMARÃES

A avançada do Barreirense irreconhecível!

O verão de S. Martinho continua. A tarde de ontem como as anteriores, apresentou-se bonita, cheia de sol. A assistência foi razoável.

O jogo despertou certa curiosidade. Tratava-se de ver actuar duas equipas de valor sensivelmente igual. Mas a expectativa foi de certo modo traída, pela fraca resistência oferecida pelo grupo do Barreiro, mormente no segundo tempo.

Durante os primeiros 45 minutos, a partida teve interesse. Foi durante este período que o Barreirense se comportou melhor, embora pertencesse ao adversário, em quase todo o tempo, certa vantagem territorial.

Logo aos 7 minutos a baliza dos visitantes esteve ameaçada. Uma jogada perfeita entre Juanin e Caraga, permitiu ao segundo uma cabeçada espectacular, que deu a sensação de golo. Francisco Silva chegou a ser batido mas a bola, caprichosamente, foi embater na base do poste.

O Barreirense foi dando réplica mas só aos 14 minutos se abeirou das balizas de Meca. Faia, bem colocado, não soube aproveitar um passe de Correia para fulminar as redes vimaranenses.

Até surgir o primeiro golo, com origem numa penalidade máxima, Juanin e Custódio tiveram dois pontapés de causar perigo.

Por volta da meia hora apareceu o tento a que já nos referimos. Silvino e Caraga, em longa correria, chocaram na grande área, caindo os dois. O árbitro castigou, achamos que com rigorismo a mais, o jogador Barreirense com grande penalidade. Rebelo marcou-a da melhor forma obtendo o primeiro golo da partida.

Os jogadores lesados protestaram, com o capitão à frente, mas em vão. Essas reacções naturais provocaram certo nervosismo na equipa do Sul. E a confirmá-lo, é que o conjunto começou a não se entender, desorientando-se gradualmente, até se afundar, isto já para o fim.

Mas antes do intervalo o espanhol Juanin, depois de trabalho perfeito do seu ataque, recebeu um passe mortal de Rola, atirando a contar.

*

No início do segundo tempo, as coisas estiveram más para os Minhotos. Os adversários reagiram fortemente, em massa, a tentar anular a desvantagem no marcador. Iam conseguindo os seus intentos, mas Faia, em tarde de desacerção, logo nas primeiras avançadas, com a baliza à mercê, preferiu fintar mais um adversário a tentar, já na grande área, o remate. Gorada esta grande oportunidade, a equipa

NA TAPADINHA

A maneira de jogar de Imbelloni causa a justificação do primeiro ponto cedido pelos alcantarenses em «casa»

Os atléticos atravessaram ontem, na Tapadinha, dificuldades com que, certamente, não contavam—e quase iguais às que encontrariam se o desafio se tivesse realizado em Coimbra, no terreno dos adversários. A circunstância da equipa visitante ocupar posição na segunda metade da tabela da classificação talvez tenha criado no espírito dos jogadores alcantarenses uma ideia—final errada—de triunfo fácil!

Ora, eles, para mais com a linha de ataque desfalcada do seu condutor habitual, já deviam saber que não há desafios fáceis... Todos são difíceis, sobretudo quando as coisas não correm de feição. Foi precisamente o que sucedeu ontem. A falta de Ben David fez-se sentir na linha avançada, que cedo começou a denunciar desentendimento e a «imbellonimania»—um mal que cada vez mais se apossa da equipa—ditou o resto.

O «onze» entrou numa toada em que tudo lhe saía mal e a Académica pôde assim tomar-lhe o «pulso», batendo-lhe o pé na defesa e aparecendo ameaçadoramente ao ataque em diversos períodos, mesmo a seguir a ter sofrido o primeiro tento do encontro.

Ao intervalo o resultado era já de 1-1; e se é certo que os de Alcantara e Santo Amaro tinham dominado mais, não é menos verdade que, no capítulo eficácia, a parte dos lances de má sorte, pouco mais fizeram digno de concretização.

O segundo tempo foi pior ainda. Enervante para a massa associativa dos lisboetas, que via o tempo a passar sem mais golos e os estudantes a darem excelente réplica. O grupo exibiu-se desordenadamente, sem calma e sem método, levando boa meia hora de domínio territorial a carilar as arremetidas pelo meio do terreno—melhor, pela faixa de «mestre» Imbelloni—com prejuízo dos avanços largos e em profundidade, de forma a abrir jogo, aproveitando-se de dois extremos velozes e rematadores que, inequivocamente, possui. Castiglia, sobretudo, que já mostrou ser elemento perigoso a caminhar para a baliza e a centrar, foi quase esquecido pelos companheiros e quando as-

sim não sucedeu o esférico chegou-lhe aos pés em péssimas condições. Martinho, do outro lado, pouco mais conseguiu fazer, a não ser ir procurar jogo onde o havia em excessiva abundância, contribuindo, sem que se lhe possa assacar culpas, para um maior congestionamento do corredor central.

Bem sabemos que a Académica fechou a sua baliza a sete chaves—como se diz—se. A sua defesa, com relevo para Wilson e Melo, bateu-se com extraordinário afinco, não dando tréguas aos avançados da «casa». Mas, também se viu, que as tentativas destes—algumas dezenas—foram todas sem fruto, umas vezes por má pontaria, outras por hesitações nos momentos dos remates, outras ainda, a maior, por reterem a bola mais do que o tempo necessário, mercê de individualismos e de «bonitos» sem resultados práticos.

Foi, pois, muito difícil o «nulo» que os atléticos averbaram. E mesmo assim podem considerar-se muito felizes por a sorte não ter querido nada com os visitantes, em duas ocasiões, uma delas flagrantíssima, no declinar do desafio. Se não fora a «garra» de Valente Marques a repelir aquela bola atirada por André e que traiu Ernesto, o Atlético teria abandonado o seu relvado vergado ao peso de uma derrota que, apesar de tudo, não merecia.

E tudo porque no melhor pano cai a nódoa... E esta, uma vez mais, atingiu o cérebro da equipa—o homem que além das suas funções de treinador, desempenha no rectângulo como jogador, o papel principal. Para ele convergem todas as atenções—dos espectadores e dos companheiros, seus pupilos. Quando ele joga dentro das normas do bom «association», como, por exemplo, o vimos fazer em Setúbal contra o Lusitano, por ocasião do «Torneio dos Cinco», e contra o Oriental, naquele mesmo campo, todo o «onze» manobra dentro das suas possibilidades actuais. Mas quando, como ontem, Imbelloni se esquece de dar o exemplo e se entrega a preciosismos inúteis, agarrando-se à bola por tempo sem conto, querendo-a só para si e perdendo-se com «dribles» de puro exibicionismo, pessoal, então toda a equipa se «imbelloniza»—os valores confundem-se a ponto de não se saber quem é o «maestro» que rege tão má musica...

Ora, isto, segundo ouvimos á saída a meia duzia de atléticos, «não deve continuar». Disseram-no eles, visivelmente despetitados e nós acreditamos que assim suceda. Porque Imbelloni sendo um profissional, brioso, inteligente e sabedor do «ofício», já deve ter-se apercebido de que não pode sózinhos arrostar com tudo e todos... E que o futebol é, afinal, um jogo de conjunto onde os pessoaisismos, além de condenáveis, só servem para dar trunfos aos adversários.

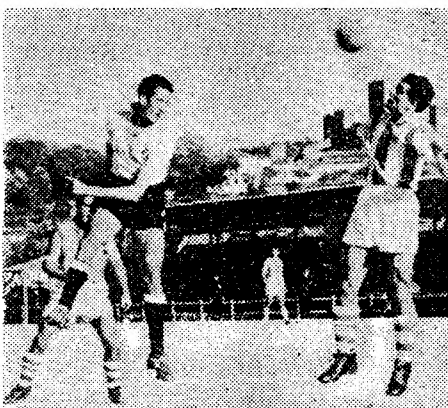
Mais ainda: Se o simpático treinador dos alcantarenses quiser ver, tem dentro da sua equipa um exemplo vivo de como se pode alardear classe não comprometendo o conjunto. Basta-lhe atentar na maneira de jogar do seu compatriota Mesiano, um jogador que apesar dos normenores argentinos se esforça por ser prático, dando ao jogo o seguimento aconselhável.

A Académica, um tanto colocada à defesa, bateu-se com denodo. Também não fez exibição de valor, ainda que em certos períodos lograsse alguns momentos de jogo claro e directo. Os seus avançados mostraram-se tão improficuos como os da equipa adversária. Salvo as duas ocasiões já assinaladas, criaram escassas situações de perigo para os lisboetas.

Mas o que é fora de dúvida, é que a equipa mereceu a divisão dos pontos, cabendo-lhe a honra de ter sido a primeira a obrigar o Atlético a ceder terreno no seu próprio campo.

Referências individuais: Germano, Valente Marques, Vitor Gaspar e Mesiano, nos alcantarenses, Capela, Wilson, Melo, Abreu, André e Duarte, nos estudantes.

Paulo de Oliveira, pela segunda vez nesta época, voltou a não nos satisfazer completamente. E isto porque está dentro das suas possibilidades «assinar» arbitragens de classificação mais elevada.—ANTONIO FÁRIA



Um remate de Juanin às balizas de Francisco Silva

quebrou. Foi daqui em diante que o conjunto barreirense mais se desorganizou. O seu ataque, recheado de jogadores habilidosos, desmoronou-se. O defesa central Cerqueira, em forma apurada, chegava para desfazer os ataques imprecisos dos 5 atacantes que se lhe opunham.

Aos 24 minutos, o Vitória confirmava o triunfo. De novo Juanin marcou a desfazer uma confusão junto das balizas de Francisco Silva.

Ainda houve outro castigo máximo. Também quanto a nós rigoroso, por desarme duro de Pinto. Rebelo marcou, mas desta vez o guarda-redes defendeu.

O Vitória de Guimarães ainda marcou mais dois golos, por Miguel e Caraga, ambos invalidados por deslocações. O primeiro, quanto a nós, não existiu.

A arbitragem foi razoável. As marcações das penalidades pareceram-nos demasiadamente rigorosas.—D. L.

TAUROMAQUIA

O festival de Vila Franca de Xira

Teve fraca concorrência o festival de ontem em Vila Franca de Xira, organizado pelo empresário sr. José Guerra a benefício da Misericórdia. José Barahona Nuncio confirmou que «filho de peixe sabe nadar», e nadar bem, a cavalo e a pé, que é mais difícil. E Alfredo Conde que irmão de peixe também sabe nadar, e também com aquela particularidade de o fazer a cavalo e a pé. A lide equestre seguida da pedestre resulta assim mais variada, e está dentro da mais antiga tradição, ainda que desagrada aos clássicos dos nossos dias. Foram ambos muito aplaudidos, com volta à arena, e os forçados amadores de Vila Franca também. Aplaudidos foram também os «diestros» Manolo Navarro e António dos Santos, este justificando ser a figura portuguesa da próxima

temporada e merecer a atenção do público, apesar da modestia que imprime ao seu trabalho. António dos Santos domina todas as sortes do toureio e pratica-as com uma valentia de que ainda ontem deu provas ao reaparecer após colhida que o deve ter deveras magoado. Deu volta à arena e foi chamado ao centro, Manolo Chacarte, que não pudemos apreciar completamente, deu também volta à arena.

Houve concurso de bandarilheiros, mas não nos devemos adiantar à resolução dos membros do júri, tão desconhecido como os ganaderos de cada novilho, que saíram sem divisa e eram de várias origens: dos srs. Andrade o primeiro, e os restantes dos srs. Pedrosa e Aleixo. Leopoldo Alves, que dirigia com sua reconhecida

(Continua na 11.ª página)

VIDA MUNDANA

DIPOMATAS

No avião cubano passa por Lisboa amanhã, terça-feira, o subsecretário do Ministério de Negócios Estrangeiros de Cuba, embaixador dr. Alberto de La Campa, que vai tomar parte numa reunião técnica da O. N. U. em Roma. No regresso o sr. dr. Alberto de La Campa permanecerá alguns dias em Lisboa.

CALDAS DA RAINHA



Júlia da Conceição Arnaud Arriaga da Silva FALECEU

Sua família participa o seu falecimento e que o seu funeral se realiza amanhã, 17, desta cidade para o cemitério dos Prazeres, de Lisboa, onde se realizará missa de corpo presente, pelas 11 horas.

AGÊNCIA JOAO RAMOS & C.ª

UMA DESPEDIDA

(Continuação da 1.ª página)

Conhecemo-lo, desde a sua admirável mocidade, quando ele nos falava de seu pai como só podem fazê-lo os que juntam ao coração o dom religioso da poesia.

Lindos versos—uns da inspiração paterna, outros de Camões, de Antero de Quental, de Eugénio de Castro e Cesário Verde—lhe ouvimos, passeando, a horas mortas, nos jardins nostálgicos de Coimbra! A uns metros de distância do Penedo da Saudade, ele, como se nos fizesse uma confidência, disse:

—«Viver seria o perpétuo encanto, se uma noite como esta se estendesse pelo Universo!».

Realmente o luar, duma brandura de sonho, suavizava montes e vales, penhascos e torrentes: movia o braço estendido, a apontar-nos a alada visão das maravilhas que os poetas criaram e o luar vestia mantos de prata.

O tempo passou, na sua missão de semeador, lançando sementes à terra e colhendo ricos frutos, suspensos nas alturas. João de Deus Ramos havia estabelecido o seu roteiro, dentro dos largos horizontes da sua vocação — educar o povo, roubando-o à rotina, à ignorância e à triste condição de ser escravo da sua sorte.

A «Cartilha Maternal» foi para ele o verbo do apostolado.

Que era necessário fazer, para que os «Lusiadas» fossem a luz duma Pátria, na desolação infinda duma mortal tristeza?

Fundar a escola infantil, recolhendo nela os pequeninos e prepará-los para a vida, como se faz às lampadas, de que se cuida, para que elas, com óleo novo, se renovem, iluminando e aquecendo os santuários. Sózinho, firme como um pilar, apoiado simplesmente no entusiasmo dos seus amigos, fiéis como a mão ao braço, tomou à sua conta os Jardins-Escolas.

Que longo e duro combate! Batalhou contra a indiferença, o ceticismo, a incompreensão e a cegueira da estupidez.

Quanto custa colocar uma pedra no fecho duma abóbada!

João de Deus Ramos nunca desanimou: em luta com a adversidade, cobrou forças nas próprias dificuldades. A alguém que o aconselhava a empregar a sua inteligência em qualquer negócio rendoso, ele respondeu:

—Por mais que faça, não consigo ser, senão o que sou—um operário que trabalha, para o bem dos outros!

Querido amigo, tenho fé em Deus de que, dentro de poucos anos, a seara que semeaste há-de ser uma das mais férteis de Portugal.

MARINHA DE GUERRA

O «Gonçalo Zarco» vai fazer o périplo de África

Para efectuar a viagem de instrução de novos guarda-marinhas, para o que fará o périplo de África, saiu para o mar o aviso «Gonçalo Zarco», que tocará, sucessivamente, nos portos de S. Vicente de Cabo Verde, Guiné, S. Tomé, Angola, Cidade do Cabo, Moçambique, Aden, Port-Saïd e Malta. Deverá regressar ao Tejo no dia 1 de Março.

Cinco unidades em exercícios

Para instrução de mar do pessoal dos cursos da Escola de Mecânicos da Armada, largaram hoje do Tejo os contratorpedeiros «Tejo» e «Lima», a fragata «Diogo Gomes», o dragaminas «Ponta Delgada» e o submersível «Narval». Na fragata «Diogo Gomes» embarcou o sr. almirante Nuno de Brion, comandante da força naval da Metrópole.

Petroleiro «San Brás»

Chegou hoje a Ponta Delgada o petroleiro «San Brás».

Claude Bolliny

um dos mais famosos pianistas de «jazz» da actualidade, estreia-se esta noite na Tágide

Aos 15 anos, pianista e chefe da melhor orquestra de jazz francesa, presentemente um dos mais famosos em todo o Mundo, «Oscar» do Hot Club de França, pianista preferido de celebridades como Duke Ellington, Mezzrow e tantos outros, eis o «palmarés» resumido, deste jovem e espantoso artista que Mireille Robert, apresentará esta noite na sua simpática «boite».

«Toda a obra de Duarte Pacheco, que enfigura não valer tanto para o País, com — disse hoje o dr. Oliveira Salazar no d

(Continuação da 1.ª página)

25 de Novembro de 1943, na Assembleia Nacional, após a morte de Duarte Pacheco. «Uma vida velozmente vivida e inteiramente consagrada ao progresso pátrio».

Antes da cerimónia da inauguração

Loulé acordou em ambiente festivo. Muitos forasteiros encheram as ruas da povoação, onde circulavam também muitos habitantes da vila. Todos se mostravam interessados em colaborar na homenagem ao seu eminente conterrâneo.

Cerca das 9 e 30, na igreja matriz da vila, com a assistência das autoridades locais, o bispo coadjutor do Algarve celebrou solenes exéquias durante as quais proferiu uma tocante homilia em que traçou o perfil biográfico do engenheiro Duarte Pacheco. Em seguida, as pessoas que assistiram aquela cerimónia foram a pé, até junto da casa onde nasceu Duarte Pacheco, na Praça da Republica, fronteira ao Município local, onde se procedeu ao descerramento de uma lápida, que ali perpetuará o facto.

A lápida foi descerrada pelo dr. Nuno Pacheco, irmão do falecido ministro e após esse acto, sublinhado com palmas pela multidão que a ele assistiu, usaram da palavra o governador civil do distrito e o presidente da Câmara Municipal.

O acto da inauguração do monumento

Eram 14 horas e já numeroso público se aglomerava pelas ruas de acesso ao monumento, pelas quais se previa que iria passar, momentos depois, o sr. presidente do Conselho.

A Avenida Marechal Carmona, onde a aglomeração de povo era maior, apresentava vistosa ornamentação, com bandeiras e galhardetes, e abundante verdura espalhada pelo empedrado do pavimento.

No topo daquela arteria, ao lado do monumento, erguia-se uma tribuna, destinada aos membros do Governo e outras entidades. Sobre o muro que rodeia o monumento flutuavam as bandeiras de todos os municípios do País.

Cerca das 14 e 30, o presidente do Conselho, que ficara em Vila Nova de Caceres, chegou à vila de Loulé, a cuja entrada era aguardado pelas autoridades locais. Depois dos cumprimentos, o sr. dr. Oliveira Salazar dirigiu-se à tribuna, no meio das aclamações do povo, que o saudava à passagem e seguido de um cortejo em que tomavam parte, além das autoridades, rapazes da Mocidade Portuguesa e filiados na Legião Portuguesa, com os respectivos estandartes.

Sorrindo sempre, o chefe do Governo chegou à tribuna, onde se sentou, ladeado pelos ministros das Obras Publicas e das Comunicações, bem como pelos presidentes das Câmaras Municipais de Lisboa e Loulé.

Na tribuna, tomaram também lugar o bispo coadjutor do Algarve, o ministro da Presidência, o subsecretário das Obras Publicas, os engenheiros Canceleda de Abreu, Espregueira Mendes e Veiga da Cunha, o governador civil de Faro, o comandante da 4.ª Região Militar, o corregedor do Circulo Judicial de Faro e os irmãos do homenageado, D. Clotilde Pacheco e dr. Humberto Pacheco.

Nas cadeiras, espalhadas em frente da tribuna, sentavam-se, além de outras individualidades, algumas das quais vieram de Lisboa num comboio especial organizado para esse fim, pela Câmara Municipal de Loulé, os srs. dr. António Pires de Lima, prof. Maximino Correia, eng.º Sebastião Ramires, Belard da Fonseca e Rodrigues de Carvalho, dr. João Ameal, prof. Delio Santos, eng.º Nazaré de Oliveira, arquiteto Baltazar de Castro, eng.º Carlos Cruz e muitos outros técnicos das Obras Publicas.

Após o presidente do Conselho ter subido à tribuna— momento em que um terno de clarins tocava a sentido, entre os aplausos gerais, a sr.ª D. Clotilde Pacheco retirou a bandeira nacional que cobria o busto de seu irmão. Foi este o momento mais emocionante da cerimónia. Seguiu-se a leitura da acta pelo secretário do município local, sr. Raul Pinto.

Depois de ter usado da palavra o presidente

da Câmara Municipal de Loulé, sr. José da Costa Guerreiro, falou o presidente do município de Lisboa.

Fala o representante dos municípios do País

O tenente-coronel Salvação Barreto, presidente do Município de Lisboa, falou então, em representação de todos os municípios do País. Começou por lembrar que raros são os casos em que, passados dez anos sobre o desaparecimento de um homem publico, a sua memória permanece tão presente: «na verdade, a nação recorda piedosamente o homem extraordinário que soube imprimir o primeiro e mais valioso impulso na preparação dos planos úteis ao progresso material do País».

Depois de lembrar que «o País inteiro conheceu a garra dos seus empreendimentos» e de afirmar que «não haverá também seguramente quem recuse a sua memória a palavra de homenagem pelo muito que lhe ficamos a dever», o orador disse que seria desfiar um rosário, contar os benefícios e seleccionar as realizações levadas a efeito em todo o País por Duarte Pacheco. Acentuou que o que importa, neste momento e neste lugar, é o sentido de presença de todos os que «assistimos ao que se vem passando e realizando em Portugal».

Depois, traçando o vigoroso perfil do realizador de vistas largas que foi Duarte Pacheco, disse:

—Ao mesmo tempo que deu solução a grandes problemas, não deixou, simultaneamente, por esclarecer e de dirigir a evolução de numerosas questões de administração, assistindo-lhes pessoalmente com a firmeza de uma orientação meditada até aos pormenores de simples normas e regras em que intervinha sempre com uma noção de alto sentido do serviço publico. No conjunto da sua acção mostrou-se, ao mesmo tempo, o tecnico competente e adestrado, o mestre respeitado, o administrador esclarecido e ardente impulsor de todas as tarefas. A Capital ficou a dever-lhe a valorização das suas galas tradicionais e também os atractivos e ofertas da sua vida nova, esbante de vigor, liberta, enfim, do encantamento a que a tinha votado em décadas de desinteresse e abandono. O eng. Duarte Pacheco criou para a execução dos seus planos o ambiente de estudo, de seriedade, de confiança e de rapidez nas decisões que tudo tornou possível. E' esta uma das feições mais vinculadas da sua singular personalidade: o poder de irradiação, da sua convicção e do seu entusiasmo, impondo aos seus colaboradores tarefas esmagadoras, criou um ambiente de actividade febril. Quase sem descanso Duarte Pacheco e uma pleiade de engenheiros, arquitectos, tecnicos e funcionários viveram a epopeia da acção que tornou possível a transformação material do País. Mas o que verdadeiramente se deveu a Duarte Pacheco mais do que a sua obra inerte foi a lição do trabalho exaustivo, a exigência duma tecnica cuidada, e o exemplo da quase virtuosidade da sua acção. Depois dele, não mais será possível atribuir-se ao mediocre e ao provisório dimensão útil ou feição definitiva.

E terminou reafirmando a realidade da gratidão publica que o monumento hoje inaugurado ficará perpetuamente a testemunhar.

O discurso do chefe do Governo

Usou, por fim, da palavra o sr. dr. Oliveira Salazar, que disse:

—Eu não farei um discurso; peço apenas me seja permitido marcar a minha presença neste acto, simultaneamente de saudade, de exaltação e talvez mesmo de desagravo. No fundo, bem no fundo de mim estimaria não ter de vir, mas pareceu-me que era ceder a uma espécie de covardia perante a dor, que me aconselhava a não reviver, em publico e na dignidade de uma cerimónia oficial, sentimentos que me são familiares em horas de intimo recolhimento. Quando se tem vivido uma vida já longa, e sobre longa intensa, de trabalhos, de fadigas, de inquietações, até de sonhos, o caminho que percorremos fica ladeado de numerosas cruzes — as cruzes dos nossos mortos. E se essa vida foi sobretudo colaboração intima, soma de esforços comuns, inteiro dom das qualidades nobres da alma, eles não ficam para trás: continuam caminhando a nosso lado, graves e doces como entes tuellares, purificados pelo sacrificio da vida, despidos da jaça da terra, sublimados na serenidade augusta da Morte. Na verdade, há mortos que não morrem: desaparecem no seu envólucro terreno, na sua figuração humana, na fragilidade e nos defeitos e nas limitações da carne; mas o espirito continua a brilhar como as estrelas que se apagam no céu há cem mil anos, vinculam-se mais na terra os sulcos que o seu exemplo abriu e parece até que os seus affectos não deixam de aquecer-nos o coração. Nem de outra forma se compreenderia que a Providência suscitasse tantas vezes almas extraordinárias, cumes de beleza espiritual, e lhes não conceda mais que uma bre-

ve aparição, como voo de asa que corta o céu, botão que murcha sem revelar ao sol da manhã a graça e o perfume da rosa.—Há mortos que não morrem, e nós todos que viemos de longe ou de perto, em saudosa peregrinação, somos os que testemunhamos que este não morreu.

E o sr. dr. Oliveira Salazar prossegue:

—Não tenho excessiva simpatia pelos monumentos com que é de uso celebrar os feitos, as virtudes, a vida dos grandes homens. Correm em geral o risco de ser de mais ou de menos: de mais quando a falta de perspectiva não permitiu proporcionar a estatura dos homens a importância real da sua influência nos acontecimentos; de menos, se a arte tem de confessar-se impotente para fixar na pedra ou no bronze aqueles dons que, pela sua riqueza exuberante ou pela infinita distancia do espirito á materia, se subtraem a toda a expressão plastica. A questão não se punha aqui, porque, confiando á História definir e exaltar os méritos dos que a fizeram grande, o que se pretendia não era o monumento que glorificasse o homem mas um sinal que exprimisse a gratidão de um povo. Na sua terra, no meio da sua gente, no recanto de uma praça tranquila, ansiava-se por alguma coisa—fosse o que fosse—uma pedra, uma palavra que traduzissem com simplicidade: eis que este vive na memória e no coração dos Portugueses. Como eu felicito, por acto tão rico de significado, os municípios do País, directos representantes das populações por mil modos beneficiadas, e como agradeço ao ministro das Obras Publicas ter animado a iniciativa, tomando-a carinhosamente nas mãos e acompanhando-a com desvelo até á sua materialização final! Muitos artistas se empenharam em colaborar na memória com o aouro da sua arte e extremos de devoção de sinteressada. Eles idearam a coluna que se levanta forte, como o próprio esforço da reconstrução nacional, e se interrompe, quebrada, na altura e no momento trágico em que a vida que a erguia, por demasiado tensa, se parte abruptamente também. Baixos relevos ilustram, como breve anotamento, esse trabalho ingente, variado, extenso, multiforme, como seria próprio do nosso maior edificador moderno da «cidade material». Se á minha falta de competência pode ser consentida palavra referente ao valor da obra, desejava exorimir o meu apreço aos artistas que a conceberam e se esmeraram em executá-la no seu tocante simbolismo, e louvores a todos os out, mesmo em tarefas modestas, foram chamados á sua realização.

Depois de uma breve pausa, o chefe do Governo continua assim o seu discurso:

—Meus senhores: creio ter dito o essencial do que se me impunha dizer, mas desejava

HERNANI CIDADE

fala hoje sobre o «Coleccionador de Angústias», de Fidelino de Figueiredo

Um facto novo na vida literária do nosso País. Esta tarde, ás 18 e 30, na Rua da Misericórdia, 18, a convite da Livraria Guimarães, reunem-se numerosos intelectuais para ouvir a apresentação e critica do notável livro «Coleccionador de Angústias», de Fidelino de Figueiredo, pelo illustre prof. sr. dr. Hernani Cidade. O acontecimento inédito entre nós, deve revelar-se de excepcional interesse, constituindo uma homenagem ao autor de «Pyrene». Supomos que o dr. Fidelino de Figueiredo, embora doente, deva assistir ao acto.

OS 1
ESTÃO

COM

VIVECA LINDFORDS
PAUL CHRISTIAN

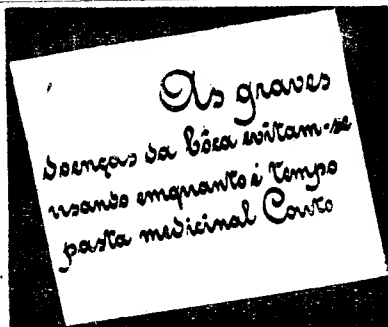
A SEGUIR NO POLITEAMA



A vida de

Anna Maravilhas

Na terça-feira, 17, ás 15 horas, apresenta a colecção «BOUTIQUE» de vestidos e chapéus. Rua Marquês da Fronteira, 17, 3.º, Dt.º. Tel. 47412.



Grandecerá um século, se me fo a escola que ele deixou» Discurso que pronunciou em Loulé

acrescentar ainda algumas poucas palavras, acerca daquele cuja presença invisível nos tem aqui reunidos. Não é este o local nem o momento próprio para prestar, como prometi há dez anos na Assembleia Nacional, «perante a Nação que o perdeu e a História que orgulhosamente o recolheu em seu seio, o depoimento que lhes devo». Desculpar-se-me-á por isso que não vá agora além de ligeiríssimas notas. Um homem como Duarte Pacheco pode ser justamente enaltecido através da massa de realizações materiais, e também, e sobretudo, pela escola que formou. Uma e outra coisa são de facto a sua obra, mas enquanto as realizações estavam na dependência do tempo e das circunstâncias, a escola que representa a capacidade realizadora para o futuro dependia apenas da riqueza da sua personalidade.

«A obra material é imensa: em todos os sectores das obras públicas e das comunicações onde havia que reformar, reconstruir, empreender, abrir novos caminhos á actividade e progresso da Nação, para vencer atrasos, forçar actualizações, satisfazer necessidades crescentes, ele pôde delinear, rasgar caboucos, erguer construções, firmar princípios de orientação, com a largueza de horizontes que em raros homens se encontra. Como reformador, como edificador, o seu espírito impunha-se por essa maravilhosa aptidão do geral e do particular, das grandes linhas e do pequeno pormenor, da justa medida do presente e da antevisão do futuro. Podia ser uma inteligência luminosa e não homem de acção: podia ser um realizador e ter de pedir emprestadas a outrem as ideias, os princípios orientadores, os pontos de partida. Mas a rica comolição do seu espírito tudo lhe permitia—estudar, resolver, imulsionar, administrar, fazer: a passagem da ideia á acção era nele forçosa e parecia-lhe tão natural como ser uma necessária complementação da outra.

«A visão parcelar e desconexa dos factos ou dos problemas que é a generalidade dos espíritos, opunha-se em Duarte Pacheco a facilidade rara de lhes encontrar o nexo essencial, a necessidade quase física de tudo integrar no sistema de relações conveniente que havia de definir as soluções e os programas de trabalho. Cauteloso no estudo, quase o acharíamos lento, era na acção mais que dinâmico, vertiginoso, delirando nas forças, vivendo e queimando a vida com afã, com pressa, com ansia, como se previsse que esta ia faltar-lhe e o tempo não houvesse de chegar para o muito que tinha no animo fazer.

Apreciando o valor da lição profunda de trabalho e de método, que Duarte Pacheco legou aos seus colaboradores, o sr. presidente do Conselho diz:

«O que, depois dos seus poucos anos de governo, appareceu materialmente feito ou renovado á face da terra portuguesa—em monumentos, em hospitais, em escolas e edificios de toda a natureza, em aeroportos, em pontes, em estradas, em caminhos de ferro, em urbanização, em estádios, em habitações, em hidráulica agrícola, em exposições como essa esplendente exposição do mundo português—constitui uma obra imensa que ficará marcando para sempre a largueza das concepções, o progresso técnico e artístico, a excelência dos sistemas jurídicos, a severidade dos princípios de administração. Pois mesmo assim toda esta obra, que engrandecerá um século, se me afigura a mim não valer tanto para o País como a escola que deixou. A selecção e preparação de numeroso pessoal, a coordenação de esforços oposta á dispersão dos homens e dos meios, o estudo sério contraposto á improvisação, a prévia definição de princípios, a exigência de planos, o optimismo da acção, o clima da altura e dos

largos horizontes são, como força criadora e ambiente de trabalho, mais importantes que o que ficou feito—só porque foram a garantia da continuidade da obra: todos os seus colaboradores se podem sem desdouro, com orgulho, considerar seus discípulos. E eu não penso diminuir ninguém dizendo que a este facto se deve não se terem notado afrouxamentos ou desvios na actividade desses departamentos, antes ter sido possível apresentarem um acervo de realizações sucessiva e notavelmente acrescido. Duarte Pacheco não era um político na acepção corrente do termo, mas homem de governo extremo, como os permite um regime em que a governação tem podido ser quase tudo e a pequena política quase nada. Como se receasse as multidões, falava pouquíssimo em publico (para ele a vida era acção): os seus discursos foram raros e curtos, quase só anotação de factos ou números que importava ter bem presentes no momento. Nas suas declarações publicas difficilmente se encontrará traço ou afirmação acerca da politica geral ou de assuntos estranhos ao seu sector da administração, mas isto não quer dizer que não prosseguisse um ideal. Em dias e noites de trabalho, árduo, esgotante, apesar do prazer espirital que me dava, debruçados sobre planos, projectos, problemas a esclarecer, ideias a aprofundar, soluções possíveis, sucessos e fracassos, largas vias abertas ou caminhos a abandonar, o que em cada momento podia surpreender no seu esforço, era a preocupação de semear progressos, criar meios de trabalho, desenvolver as regiões mais desfavorecidas, facilitar e embelezar a vida rude das populações. E nunca falava no povo—para não o diminuir como plebe e poder servi-lo como Nação. Depois que a morte submergiu os seus defeitos e delin as naturais asperezas de uma comolição forte, agora que melhores perspectivas permitem a todos admirar a real grandeza da obra e do artifice, já não se podem invocar ofensas e muito menos se entende que fosse necessário o desagravo. Todavia a tristeza destes tempos em que a mesma evidência pode ser negada, imnde-nos que seia este um dos significados da nossa peregrinação.

E o sr. dr. Oliveira Salazar concluiu assim o seu discurso:

—Não desejava terminar sem uma palavra especialmente dirigida a esta boa gente. Apesar do anio do Estado e da contribuição dos outros concelhos, a Camara teve de fazer um esforço sério que importará para todos alguns sacrificios, a fim de se preparar condignamente o local e erguer-se esta memória. Longe do meu pensamento censurá-la pelo rasgo, pois considero acto sobre todos louvável de educação cívica render por esta forma justiça a um contentamento que pode ser apresentado como o exemplo do desinteresse mais puro, do sacrificio da vida mais completo, da mais alta noção de servir. E não estelais tristes hoje, porque, se Portugal se encontra aqui em comunhão de espirito connosco a celebrar, embora entre as névoas da saudade, a glória de um Português, esse Português é um dos vossos, é o maior e mais ilustre filho da vossa terra».

Na altura em que o sr. presidente do Conselho principiou a falar, uma esquadilha de aviões de jacto sobrevoou o local.

Após o discurso varias vezes interrompido por aplausos, ouviu-se o hino nacional. Então o presidente do Conselho, acompanhado das autoridades, que com ele estavam na tribuna, foi junto do monumento e, após demorada observação, felicitou os artistas que o projectaram e executaram.

O sr. presidente do Conselho retirou-se, em seguida, entre as aclamações do povo.

As decisões em marcha — 6

Entre 4 e 8 do próximo mês de Dezembro vai reunir-se nas Bermudas uma conferencia dos chefes politicos das grandes potências ocidentais—Estados Unidos, Grã-Bretanha e França. Essa conferencia nada tem de comum com a que foi sugerida pelo primeiro-ministro da Grã-Bretanha no discurso de 11 de Maio, e chegou a ser annunciada para o mesmo local, nem com a reunião dos ministros dos Negocios Estrangeiros daqueles países que com o da U. R. S. S. foi proposta para Lugano. Corresponde ao «new look» estratégico americano com as suas inevitáveis consequências politicas.

A guerra fria, depois das explosões de Agosto que revelaram a existência do poder atómico da U. R. S. S., entrou numa fase diferente em que os povos, para a compreender, devem estar atentos á evolução dos acontecimentos no duplo aspecto das aparências, que nada significam, e das realidades que a condicionam. Dos dois lados da cortina de ferro, na Europa, os blocos opostos chegaram a um acordo tácito que o receio de um conflito armado, de consequências catastróficas e proporções avassaladoras, impôs e as circunstancias não permitem reconhecer ostensivamente.

Esta situação prolongar-se-á alguns meses, talvez alguns anos, a não ser que a técnica dos armamentos, em plena transformação, introduza nela um elemento revolucionário. O que a caracteriza, com uma evidencia transparente, é a existência de duas estratégias e duas politicas, praticadas por cada um dos adversários, ao mesmo tempo que a corrida dos armamentos prossegue a um ritmo accentuado.

Entre as chancelarias continuam a trocar-se notas e os dirigentes responsáveis continuam a falar, como se o diálogo de surdos a que o Mundo assiste desde 1947 devesse prosseguir com as características delirantes que conhecemos. Mas é evidente o escrupulo comum de não fazer afirmações que comprometam o futuro de forma irremediável. O sr. Vichinski é o sobrevivente pitoresco de uma era que passou com a morte de Estaline. A Imprensa americana deixou de brandir o argumento atómico, como ultima razão para justificar as teses da Secretaria de Estado.

Fala-se muito de diminuir a tensão internacional. Ninguém propõe que se estabeleça um acordo entre os antagonistas da guerra fria. Em Washington e em Londres, em Moscovo e em Paris há a consciência clara de que as palavras que se proferiram, os compromissos que se assumiram e os gestos que se praticaram no passado adiaram por muito tempo esse accordo. É impossivel negociar para além do «statu quo» que a guerra de coligação criou.

Simultaneamente o poder impressionante das novas armas obriga a considerar duas espécies de planos correspondentes ás exigências estratégicas de cada um dos blocos rivais. Os conflitos locais que estão patentes e podem

multiplicar-se no futuro—e de que são exemplos sugestivos a Coreia, a Indochina, Trieste e a fronteira israelo-jordaniana—excluem, pela sua natureza local e pela sua feição episódica, o emprego dos grandes meios. Passou a hora em que era possível falar da bomba atómica para os resolver.

Os chefes militares e os dirigentes politicos no Ocidente chegaram á conclusão de que esta dualidade terá o seu termo quando a estratégia americana definir o novo sistema de relações entre os membros da aliança atlantica. Esse prazo coincide com o da vigência da actual Administração republicana. Algumas das decisões em marcha terão produzido então os seus efeitos. No debate suscitado pelas declarações do secretário da Defesa americana, Charles Wilson, ninguém negou que nessa data os efectivos que os Estados Unidos mantêm fora do seu território estarão reduzidos a um embrião simbólico.

Entretanto as bases para uma negociação séria sobre os problemas pendentes serão lançadas na medida em que cada um dos blocos se libertar do peso morto dos compromissos inoperantes. Para a diplomacia americana essa operação oferece dificuldades evidentes. O presidente Syngman Rhee e o chanceler Adenauer, Trieste e a Comunidade Europeia de Defesa pertencem ao numero dessas dificuldades.

Nas Bermudas, os Estados Unidos e a Grã-Bretanha apresentarão uma frente comum illusoria para levar os representantes da França a assumir responsabilidades que excedem a sua competência e a sua duração ministerial. Os srs. Laniel e Bidault replicarão com as garantias preventivas que foram obrigados a dar antes de se juntarem aos seus colegas. Cada um dos parceiros nessa partida supérflua sabe que o valor dos seus trunfos é limitado. Pedir a integração da França num sistema que seria o prólogo da hegemonia alemã é pedir a lua ou correr para um desastre.

Em Bonn procuram acomodar-se ás realidades que a euforia de uma recuperação económica, milagrosamente operada graças ao auxilio americano, tinha desfigurado. A unificação do país foi relegada para um futuro imprevisível. Os colaboradores diplomáticos do Chanceler leram e interpretaram no seu significado profundo a ultima nota soviética, a qual equivale a uma definição actual dos objectivos da U. R. S. S. e exclui qualquer negociação sobre a unidade alemã.

As decisões a tomar nas Bermudas dependem dos ausentes, a União Soviética e a Alemanha Ocidental. Algumas delas permitirão prescrutar o sentido em que vai organizar-se a nova Comunidade Europeia de Defesa e vai orientar-se a N. A. T. O. Essas decisões correspondem aos primeiros passos no sentido de uma rectificação profunda dos sistemas, de um esclarecimento necessário das ideias e de uma definição diferente das atitudes que vimos criar, propagar e manter durante os ultimos tempos.

TEMPOS NÃO PARA FLORES



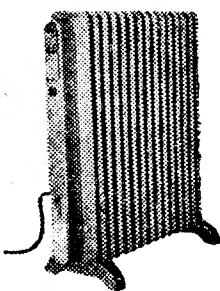
COMPARE ESTA COMÉDIA COM AS MELHORES COMÉDIAS DOS ÚLTIMOS 10 ANOS E COMPREENDERÁ A RAZÃO DO SEU ÊXITO MUNDIAL



NA SVABODA estava muitas vezes suspensa de um fio telefónico.

As novas instalações da Fiat Portuguesa

Esta tarde, á hora de começar a circular o nosso jornal, está a decorrer, na Fiat Portuguesa, a visita dos representantes da Imprensa ás novas instalações daquela modelar organização. Trata-se de um estabelecimento a inaugurar brevemente, construído, especialmente, para o efeito, na Avenida Duarte Pacheco e que, no seu género, é dos melhores do nosso País. Os visitantes serão homenageados com um «Porto» de honra.



ELECTROLAR

O melhor, mais bonito e mais perfeito radiador automático a óleo
50 % DE ECONOMIA EM ENERGIA
TEMPERATURA SEMPRE CERTA E AGRADÁVEL
A' venda nas boas casas da especialidade

Distribuidores no Norte:
ELECTRA PORTUGUESA, LDA.
Praça D. João I, 37 — PORTO
Telef. 24769

No Sul
ALBERTO BEJA
Rua Zaire, 5, 3.º-Esq. — LISBOA
Telef. 844444

CAMPEONATO NACIONAL DA 2.ª DIVISÃO

ZONA A

O Leixões

aumentou a vantagem

Os encontros da décima jornada decorreram com a costumada animação e interesse, mantendo-se latente a expectativa que os vem rodeando, pelo afago com que são disputados, na ansia da obtenção de resultados que sirvam para espelhar os pergaminhos ou as aspirações dos contendores.

A três jornadas do fim, a actual tabela da classificação pode sofrer sensíveis alterações, porquanto vários dos intervenientes têm ao seu alcance filmes possibilidades de permuta de lugares entre si.

O Leixões que continua a comandar a prova, na sua zona, não se deixou suplantado pelo Sanjoanense, embora a vitória tangencial em campo estranho, tivesse sido difícil, como aliás já se esperava.

Os dois grupos bateram-se bem, jogaram com vibração e espírito de sacrifício, pondo na luta as suas melhores armas. O Leixões com os olhos postos no título, foi portento de espírito de sacrifício, delineando boa manobra que por vezes entortou os contrários. Estes, porém, actuando no seu ambiente e confiante no seu equilíbrio global, não se inferiorizaram e criavam, por seu turno, situações bem expressivas, que afligiram seriamente o adversário.

Em Viseu, no Estádio do Fátima, o Espinho conheceu o travo amargo da derrota. Os locais jogando convictamente, ganharam com merecimento, impondo-se pela combatividade e pela desenvoltura com que actuaram.

Os vencidos, equipa com responsabilidades—o segundo da classificação, não puderam sustentar as investidas dos visenenses que em tarde de entendimento, desbarataram a melhor organização dos visitantes e forçaram-no a regressar a casa sem o triunfo que pretendiam.

O Salgueiros-Oliveirense, teve resultado que se ajusta ao desenrolar da partida. Ganhou a equipa mais experiente e a que possui mais consistência global. Sem que se ordisse de um futebol aceitável, a turma de casa levou de vencida a combatividade do adversário, que revelou excelente condição física e actuou por forma a merecer elogios e boas palavras de incentivo.

O Desportivo de Chaves com o triunfo justíssimo que obteve, permutou o lugar com o Vila Real, sem antagonista. A partida foi jogada em toada veloz, desenhando-se bons esquemas de jogo, mormente na primeira parte com os locais em plano de evidência. Os vencidos comportaram-se muito bem e foram perigosos na segunda metade parte.

O Gil Vicente permitiu que o Famalicão empatasse, não tirando proveito do facto de jogar em casa. O penúltimo da tabela surpreendeu, pelo futebol exibido, pois não se vaticinava que tivesse comportamento tão meritório. Os donos do terreno não encontraram o melhor ritmo. Jogaram mal, embora dominando na segunda parte e daí um resultado que não esperavam.

O Tirsense derrotou expressivamente o Beira Mar, em Aveiro e situou-se no terceiro posto da classificação. Triunfo justo, dado o comportamento dos dois grupos. Os locais revelaram certa desorientação e a meia hora ficaram reduzidos a 10 unidades por expulsão do seu defesa esquerdo. O vencedor soube tornar esta dificuldade com boa visão.

A peleja Vianense-Lamego, ganha pelo primeiro, com dois tentos obtidos a cinco minutos do fim, não convenceu pelo deficientíssimo futebol praticado pelos dois grupos. Os locais dominaram intensamente mas não atinaram com a direcção desejada a quando dos remates. Os vencidos, sobre o fraco, não se revelaram como equipa, mas sim como onze homens a pontapear uma bola.

ZONA - B

Entre o primeiro e o oitavo há só dois pontos de diferença

A Coimbra foi o Estoril alcançar um magnífico empate, o qual, aliás, traduz da melhor maneira o passado no rectângulo. No primeiro tempo, os estorilistas impuseram o seu jogo, não tendo chegado à posição de vencedores em virtude da óptima oposição da defesa local. Após o descanso, foram os conimbricenses que comandaram as operações, e se esse facto não foi concretizado apenas se ficou a dever à fragilidade dos seus dianteiros. Portanto, de um lado—União—, uma defesa forte e ataque fraco; do outro—Estoril—, uma defesa pesada e um ataque hábil. Logo e pela igualdade de domínio havida, o empate ajustou-se perfeitamente ao desenrolar da partida.

Nas Caldas da Rainha o «leader» da zona perdeu o jogo e a sua independência. Foi justa a punição? Sem dúvida. Com um sector ofensivo sem poder de penetração, preferindo o «rendilhado» a toada de infiltração não há possibilidade de ganhar. E foi esta a grande diferença que houve entre os dois quadros. O Caldas teve «arietes» a rematarem sempre que podiam; o «Leões» não foi servido por essa forma. As defesas equivaleram-se, mas os ataques foram bem diferentes. A partida valeu pela primeira parte, pois na segunda, devido ao Caldas preferir guardar o «tesouro» que alcançara já a tentar aumentá-lo, os tentos não apareceram e nada mais houve de interesse. Uma pergunta: como se ordena uma expulsão de um jogador e depois se admite a sua reentrada?

No Alameda Parque, o Torres Novas derrotou, sem apelo nem agravo, o Naval. Com quatro golos ao intervalo, os torrejanos desancaram sobre o resultado feito e no segundo meio tempo o jogo desenvolvido pela equipa local baixou de nível, tendo apesar de tudo desperdiçado grandes oportunidades de baliza aberta. O Naval não tem que se queixar do desaire pois sem plano arquitectado não se pode ganhar desafios.

Em Cantanhede, «Os Marialvas» mais uma

vez não puderam obstar a derrota pesada, constituindo este 6-0, apesar de tudo, o corolário lógico da desastrosa actuação da equipa. No entanto, «O Elvas» só após o intervalo conseguiu avolumar o marcador obtendo em sete minutos cinco golos! Como atenuante temos de registar a saída de dois jogadores dos locais.

Em Torres Vedras, jogou-se a principal partida da jornada. O encontro não teve alardes de técnica apurada, mas, em contra partida, foi recheada de emoção a rodos, porquanto o Peniche, não obstante a pesada derrota sofrida, primou por luta constante, a qual os torrienses sempre ripostaram com alma e coragem. Os primeiros quarenta e cinco minutos foram jogados em velocidade endiabrada por ambos os contendores pondo em constante acção os redutos defensivos. Um homem, porém, contribuiu grandemente para a vitória substancial do seu grupo—Sidónio que teve neste jogo a sua melhor tarde.

Portalegre assistiu a mais uma vitória do seu grupo. Não foi brilhante o jogo, mas o resultado pode considerar-se certo já que os portalegrenses foram, de facto, superiores aos lisboetas. Principalmente, na segunda parte do encontro, essa superioridade foi evidente, tendo o reduto defensivo da capital actuação de mérito pois soube evitar que o resultado tivesse maior expressão numérica.

Em Lisboa, o Casa Pia conseguiu desta feita concretizar o domínio que normalmente tem exercido nos outros encontros mas sem resultados práticos.

O Arroios foi equipa incapaz de se opor ao melhor jogo do adversário, apesar de os primeiros momentos da partida lhe terem pertencido. Nos casapianos houve uma figura que merece registo especial—Esteves. Este jogador foi sem dúvida a alma dos «gansos» e cotou-se a sua acção como a melhor dos vinte e dois elementos em campo.

ZONA - C

O União de Montemor apesar da derrota mantem-se no 1.º posto da classificação

E' sempre assim. Quando um clube se fixa no primeiro lugar da classificação dum campeonato contando por vitórias as várias jornadas duplicam-se-lhe as dificuldades, visto que todos os adversários antegosam, além do prazer da vitória o sabor de derrotarem o invencível. Foi sob este aspecto, principalmente, que se encarou o jogo União de Montemor-Olhansense, se bem que aos algarvios não se lhe dessem grandes probabilidades, até pelo facto das anteriores exhibições duma e doutra equipa. Mas sucedeu. Ao cabo de oito jornadas o Montemor foi derrotado. Foi um jogo de nervosismo e de entusiasmo, valorizado com lances de bom futebol.

O Olhansense esteve mais vezes ao ataque obrigando a defesa de Montemor a trabalho atento, de que aliás se saiu brilhantemente. No entanto a equipa montemorense teve períodos magníficos de energia com fases em que os seus avançados levaram todos os adversários à sua frente. Mas o golo, o desejado tento, um só que fosse, para um dos lados tardava. E qualquer dos grupos ao iniciar-se o segundo tempo o merecia, pois que os vinte e dois jogadores cumpriram, e bem, a sua missão. Mas o tento só surgiu, e um pouco inesperadamente, nos últimos minutos dando a vitória ao Olhansense — ou utilizando esta expressão — dando a primeira derrota ao Montemor.

O segundo jogo importante da jornada era o Portimonense-Farense. Também ele despertou enorme entusiasmo e correspondeu em absoluto a esse interesse. Claro que o empate (1-1) não agradou totalmente ao grupo de Portimão, ao qual pertenceram as melhores situações de marcar. Mas é certo também que os algarvios foram duma insistência admirável pela obtenção de tentos. A vitória sorriu-lhe durante algum tempo, mas depois do golo farense—que foi pena ter sido precedido de deslocação do seu extremo-esquerdo Queimado—a equipa do Portimão foi autoritária e enérgica nos seus ataques, aos quais o Farense só pôde opor o seu acentuado animo e boa vontade, e neste aspecto o grupo actuou em bloco.

O Lusitano venceu o Luso por 5 a 1 e o resultado traduz de facto a supremacia dos jogadores de Vila Real de Santo António, que desde o início do jogo dominaram a situação. No entanto—sucede isto tanta vez!—contra a corrente do jogo o primeiro golo pertenceu ao Luso, embora saído duma jogada de má vi-

são de Sanina que entregou a bola ao avançado-centro adversário e logo na pior altura, para o Lusitano, claro está. Mas em breve os algarvios conquistaram a vantagem que mereciam e que parecia ser difícil passou a muito fácil; cinco golos surgidos gradualmente.

O jogo da tranquilidade estava previsto para o Barreiro onde os cufistas recebiam o grupo da Mina de S. Domingos. E assim foi, de facto. No entanto notou-se a preocupação com que os mineiros acautelaram a defesa. Porém realizaram ainda algumas fases ofensivas, de que a C. U. F. teve de desfazer-se com energia e por vezes encará-las com cautela. Tanto assim que dum desses momentos de insistência saiu o seu ponto de honra. Mas os barreirense de pronto tomaram o comando do jogo e o encontro de ontem foi-lhes relativamente fácil.

O jogo do Juventude com o Montijo interessava sobremaneira aos eborenses tendo mais em vista a recuperação de que necessitam. Mas também os montijenses estão com o mesmo desejo. Por isso a equipa do Montijo adoptou logo de início remates longos, tentando sempre que a bola andasse o mais possível no meio campo dos de Evora. Mas os remates ou a conclusão final das jogadas eram quase sempre de fraca consistência.

O Juventude soube porém reagir contra essa táctica e, embora não muito acentuada, gozou de superioridade sobre o adversário. O resultado (2-1) a seu favor foi porém escasso.

Almada e Desportivo de Beja são duas equipas em franco progresso, tendo conseguido evitar a derrota nas três ultimas jornadas.

Portanto, o 3-3 com que terminaram o seu jogo reveste-se de uma característica de igualdade. O encontro foi um despique que se rodeou de certa emoção pendendo a vitória ora para um ora para outro. Mas de facto o empate foi resultado justo e de harmonia com a actuação das equipas.

O jogo decorreu em toada de equilíbrio, se bem que os bejenses tivessem por si melhores situações nos ataques que desenvolveram.

“Ourivesaria Algés”

Com OFICINAS PRÓPRIAS e pessoal habilitado para todos os trabalhos de Joalheria—Ourivesaria e Relojaria. Av. dos Combatentes, 13-A - Tel. 523 - ALGÉS

De jornada a jornada

O Campeonato Nacional da 2.ª Divisão teve ontem mais uma jornada plena de regularidade e de interesse mais acentuado nas Zonas A e B do que na C não sendo difícil descortinar o motivo dessa maior expectativa: os respectivos «guias» estavam mais em perigo de ver perdida a sua posição.

Disputados os desafios da 10.ª jornada da Zona A, a classificação ficou assim ordenada:

	J.	V.	E.	D.	Golos		P.
					F.	C.	
Leixões	10	8	1	1	20	11	17
Espinho	10	6	2	2	30	14	14
Tirsense	10	4	4	2	17	12	12
Sanjoanense ...	10	6	—	4	22	18	12
Salgueiros	10	4	3	3	27	17	11
Oliveirense	9	5	1	3	28	19	11
Gil Vicente	10	3	4	3	24	13	10
Acad. Viseu ...	10	4	1	5	27	21	9
Vianense	9	3	3	3	10	10	9
Vila Real	10	4	1	5	10	19	9
Beira Mar	10	4	—	6	19	23	8
Desp. Chaves...	10	3	2	5	14	28	8
Famalicão	10	2	2	6	19	30	6
Spt. Lamego ...	10	1	—	9	8	40	2

Na primeira metade da tabela estão os mesmos sete clubes, embora por ordem diferente a partir do terceiro. O Leixões distanciou-se do segundo—o Espinho—e este pôde manter a vantagem sobre o terceiro que passou a ser o Tirsense (era 5.º). Segue-se o Sanjoanense que desceu de 3.º para 4.º; o Salgueiros passou de 7.º para 5.º e o Gil Vicente de 6.º para 7.º.

Na segunda metade da tabela há que referir que o Vila Real deveria considerar-se em 8.º lugar, pois «ganhou» um desafio que perdera em campo, contra o Lamego. Passou a ser 10.º pois o Académico de Viseu e o Vila Real antepuseram-se-lhe. O Beira Mar desceu de 8.º para 11.º, guardando as suas posições os três ultimos, ainda que o Desportivo de Chaves tenha fugido aos dois da cauda.

Na Zona B, a ordenação passou a ser esta:

	J.	V.	E.	D.	Golos		P.
					F.	C.	
Leões	10	5	3	2	21	12	13
U. Coimbra	10	4	5	1	14	8	13
Caldas	10	6	1	3	23	17	13
Portalegrense ..	10	6	—	4	24	13	12
Estoril	10	5	2	3	18	12	12
Peniche	10	5	2	3	28	22	12
Torriense	10	5	1	4	25	18	11
T. Novas	10	5	1	4	16	14	11
Elvas	10	4	2	4	22	20	10
Casa Pia A. C.	10	4	1	5	12	17	9
Arroios	10	4	—	6	16	20	8
Naval	10	3	2	5	15	19	8
S. L. Olivals ...	10	—	2	6	15	28	6
Marialvas	10	—	2	8	5	31	2

O «panorama» que esta tabela apresenta é bem revelador do interesse com que a prova está a desenvolver-se. Ao guia—os Leões de Santarém—juntaram-se o União de Coimbra e o Caldas, aquele subindo de 3.º para 2.º e este de 5.º para 3.º.

Atrás encontra-se outro trio—Portalegrense, Estoril e Peniche—todos com 12 pontos. A formação deste grupo foi vantajosa para o Portalegrense que passou de 6.º para 4.º e prejudicial para o Peniche (de 2.º desceu para 5.º) e Estoril (de 4.º para 6.º).

O Torriense e o Torres Novas caminharam juntos, conservando-se 7.º e 8.º. O Elvas e o Casa Pia melhoraram as suas posições, mormente os Elvenses que passaram de 11.º para 9.º, sem dúvida, melhor do que os Lisboetas que galgaram, também dois lugares (de 12.º para 10.º). A Naval e o Arroios perderam terreno passando de 9.º e 10.º para 12.º e 11.º. Os dois ultimos são os mesmos.

Finalmente na Zona C a tabela é a seguinte:

	J.	V.	E.	D.	Golos		P.
					F.	C.	
U. Montemor...	9	7	1	1	23	2	15
C. U. F.	9	6	1	2	26	12	13
Oihanense	9	6	—	3	11	3	12
Portimonense ..	9	5	2	2	17	10	12
Juventude	9	4	3	2	8	8	11
Spt. Farense ...	9	4	3	2	13	17	11
Almada	9	3	2	4	11	15	8
Desp. Beja	9	3	—	6	17	15	6
Montijo	9	2	1	6	10	12	5
Lusitano	9	2	—	6	5	26	4
S. Domingos ...	9	1	1	7	9	23	3
Luso	9	1	—	7	9	23	3

A primeira derrota do União de Montemor não alterou o «leader» mas travou-lhe o passo e diminuiu-lhe a dianteira. A Cuf manteve-se no segundo lugar, enquanto o Olhanense e o Portimonense permutaram. Outra permuta vem a seguir entre o Juventude e o Farense.

O Almada, o Desportivo de Beja e o Montijo conservam as posições trazidas da jornada anterior e o Lusitano passou para a frente do S. Domingos, ficando o Luso no ultimo posto.



HOJE — Segunda-feira, 16

depois das 21 horas no

«WONDER-BAR»

JANTARES E CEIAS

— BAILE —

com o pianista animador TOBIAS e o conjunto musical

TONI AMARAL

Consumo mínimo 40\$000

(Para adultos)

Bifes à cortador, Oh! Lacerda

Avenida Berna, 36-A. modernizado, aguarda a visita dos seus clientes

NO CAMPO DO BESSA

Três hipóteses...

Antes de mais nada registre-se o facto: O F. C. do Porto que nas primeiras seis jornadas do Campeonato Nacional não conseguiu totalizar mais de cinco, escassos golos, sem dúvida muitíssimo pouco para uma equipa com as suas legítimas pretensões, ontem, diante do Boavista, ultrapassou duma assentada aquela marca, fazendo seis tentos, alguns deles espetaculares e resultantes de remates imparáveis pela sua extraordinária violência e colocação. E ao registarmos este curioso pormenor, somos naturalmente conduzidos para esta pergunta: —Como explicar o caso? Como foi possível que uma equipa que vinha a evidenciar fraco poder realizador aparecesse de repente a alardear semelhante eficiência? Há três hipóteses a considerar e através delas e da sua análise ficar-se-á talvez com uma ideia objectiva do desdobrar da partida e das suas mais salientes flutuações.

O acaso

Temos primeiro que tudo a hipótese dos cépticos: o acaso. Este anda intimamente li-



Eleutério, na grande área do F. C. Porto, corta a jogada, não permitindo a intervenção de Serafim

gado ao jogo, acompanhando-o para toda a parte e fazendo-se sentir nas mais imprevisíveis e estranhas circunstâncias. E' por isso mesmo um factor sempre a ter na maior conta e que já não pode ser esquecido, pois o acaso caprichoso e traiçoeiro tão depressa dita num momento uma derrota imerecida como logo constrói uma vitória inesperada. No entanto, esse inexplicável fatalismo que tudo persegue, não pode servir para explicar o que se passou no Bessa e muito menos o triunfo «azul-branco» por tão nítida expressão. Estes tiveram até contra si em alguns lances fatais a sorte do jogo. No 2.º período, só no espaço de dois

minutos a bola esbarrou nos postes por duas vezes em pontapés desperdiçados por Virgílio e Teixeira. Enquanto do lado do Boavista apenas se viu aos 53 minutos a trave salvar um golpe de cabeça de Gaston. De resto tudo correspondeu à realidade, ainda que os «axadrezados» pudessem ter chegado sem grande favor, ao intervalo, em igualdade no marcador. Era uma compensação para a sua aplicação que se traduziu por vezes em certo equilíbrio e situações em que o gol não andou longe. Um formidável remate de Pin aos 43 minutos que Barrigana desviou para canto—nessa altura o primeiro do encontro—num impulso admirável pela rapidez de reflexos, poderia ter sido o feliz corolário da acção da equipa no rectângulo durante a primeira parte.

Inferioridade flagrante

A outra hipótese a considerar é a natureza do adversário e a sua capacidade de jogo. Por este lado, as coisas já são um tanto diferentes. Não há dúvida que a equipa do Boavista se mostrou inferior sob todos os aspectos à do F. C. do Porto, especialmente quando os «azuis-brancos» sentiram que pisavam terreno firme, isto é, depois de alcançarem o 2.º golo, aos 55 minutos, numa bela jogada de Carlos Duarte que Teixeira concluiu da melhor maneira.

A' medida que o tempo corria, a ascensão do Porto afirmava-se mais nitidamente e o seu adversário mostrava cada vez ter menos força para poder fazer-lhe frente. E quando aos 32 minutos surgiu o 3.º golo através dum «penalty», os «axadrezados» entregaram-se até caírem na rendição total, fulminados por três tentos-relampago, que levaram outros tantos minutos a realizar. Foi o fim que a tarefa exaustiva a que os médios e defesas do Boavista tiveram de desenvolver, acabou por justificar. Além disso a errada colocação de Serafim Baptista, o verdadeiro cérebro do «onze» e organizador de toda a sua manobra, ajudou também à derrocada. Especialmente em determinada altura deveria ter recuado para a sua habitual posição de médio de ataque, tal como



Monteiro da Costa executa um remate potente, batendo a bola na trave. Aparício não conseguiu, desta vez, evitar o pontapé à baliza

veio a suceder quando já nada havia a fazer e a equipa estava entregue ao mais completo descalabro. Uma palavra para Aparício que teve excelente actuação, travando muitas das investidas dos atacantes contrários, especialmente de Monteiro da Costa, sempre ameaçador.

A prova dos nove

A ultima hipótese também é verdadeira. O «onze» «azul-branco» mostrou outra disposição no seu conjunto que procurou sempre forçar o ataque onde houve mais sentido prático e pés afinados. Nenhum dos homens do sector dianteiro tiveram a preocupação de reter a bola, procurando desfazer-se dela com rapidez ou então visando a baliza sempre que uma oportunidade se deparava, chegando-se até a tentar o remate em condições de êxito mais que duvidoso. Contudo, a equipa mostrou-se vulgar a organizar jogo e denotando falta de ligação e duma mais perfeita conjugação de esforços nos movimentos ofensivos e defensivos. Por isso entendemos que a prova dos seis... terá de ser confirmada ainda que não seja pela prova dos nove...

LOPES DO SOUTO

HOQUEI EM PATINS

O Paço de Arcos bateu o Benfica por 6-3
Sintra e Campo de Ourique empataram

Começou ontem à noite o Campeonato Nacional de Hóquei em Patins.

A prova, já de si difícil, pela boa oposição que os melhores do Norte têm vindo a fazer aos favoritos e ainda porque é disputada pelas oito equipas portuguesas mais categorizadas, tem este ano outro obstáculo a vencer: o tempo.

Cada volta, com as suas sete jornadas, será realizada em oito dias. Começou ontem, prossegue amanhã, na quinta-feira, sábado (com jogos de tarde e à noite), domingo e segunda-feira; há depois um pequeno interregno para a segunda volta—6 dias—e repete-se a «corrida» até final da prova.

Em 22 dias disputa-se o Nacional, fazendo cada equipa 14 encontros.

A época acabará a 7 de Dezembro, para reabrir no dia 1 de Janeiro. Entretanto, é quase certo, haverá jogos particulares, a favor disto ou daquilo, mas em desfavor da modalidade e da capacidade física dos atletas.

Só quem nunca calçou uns patins pode desconhecer a necessidade imperiosa do defeso.

Os jogadores portugueses de primeiro plano precisam de descansar!

Paço de Arcos, 6-Benfica, 3

O Paço de Arcos conseguiu uma esplendida vitória e uma marca elucidativa. O Benfica não tem que se queixar senão de si próprio e da boa organização do adversário.

Normalmente, o que vinha a verificar-se há uns tempos, dando clara vantagem aos encarnados, era a fragilidade da defesa do Paço de Arcos.

Nos primeiros minutos ainda era possível, a Jesus Correia e Correia dos Santos, virem ajudar os seus companheiros e logo partirem para o ataque. Mas, com o andar do jogo, o esforço tornava-se impraticável e o Benfica tomava ascendente.

Ora, ontem, nunca houve vulnerabilidade nas linhas atrasadas dos vencedores. Pelo contrário, Escudeiro, em grande plano, e Virgílio, chegaram quase sempre para desfazer as incursões de perigo do Benfica, lançando contra-ataques constantes, dos quais nasceram alguns golos.

Com este apoio, os avançados do Paço de Arcos, muitas vezes bastando-se a si próprios e ainda tendo que auxiliar os outros, foram duas máquinas a forjar perigo que o Benfica sentiu e não pôde dominar. Cruzeiro ficou por demais asoberbado com a tarefa de defender e, na segunda parte principalmente, quase não lhe era possível tomar parte nos ataques, postando-se no vértice do triângulo desenhado pela ofensiva.

Além disso, a partida foi duramente disputada, com energia, rapidíssima quase sempre, e esta toada não é a do agrado dos avançados do Benfica.

Foi, como é costume chamar-se-lhes, uma verdadeira partida de campeonato.

Sintra, 2-C. Ourique, 2

O Sintra, só por uma desatenção da defesa permitiu o empate. E, depois disso, viu um «penalty» de Edgar e um bom remate de Soares, serem «sustidos» pelos postes.

Contudo, a igualdade é ainda a melhor tradução do jogo, que repartiu pelas duas balizas os momentos de sorte e as intervenções dos postes—Bernardino também marcou uma grande penalidade que embateu na madeira.

A partida foi pouco rápida, com excepções provocadas por contra-ataques, mas agradável de seguir pela clareza das jogadas, dos movimentos dos dois «cincos» e da excelente técnica exibida pela maioria dos jogadores.

O Sintra terminou o primeiro tempo a ganhar por 1-0. Perto do meio da 2.ª parte o Campo de Ourique empatou mas, trinta segundos depois, Edgar colocou de novo a sua equipa em vencedora.

Dum lance em que a defesa dos sintrenses arranhou uma complicação desnecessária, saiu um «penalty» e o ponto do empate final.

*

Nos intervalos dos jogos exibiram-se em patinagem artística Edite Cruz, Ceu Maria Pires e Maria Antónia Melo Barreto.

*

Com vista á formação da equipa nacional de juniores, jogaram ontem no Pavilhão duas equipas, uma do Norte e outra do Sul, compostas pelos elementos convocados.

A partida, muito agradável e tecnicamente de valor elevado, acabou da melhor maneira—um epate a 7 bolas.

Pelo que temos presenciado, não falta matéria-prima para se formar uma boa representação e até duas, que há gente para isso.—J. S.

Restaurante
La Gondola
Pratos Italianos
Aquecimento
Avenida de Berne, 60 Telef. 70426

EM SETUBAL

Os avançados do Lusitano perderam o desafio

Ao contrário do que se podia esperar—a própria tática posta em jogo pelo Lusitano na primeira parte assim o indica—a equipa setubalense não dominou mais, nem foi a mais perigosa. Só em dois pequenos períodos, a seguir a cada um dos golos dos donos da casa é que estes submeteram um tanto os visitantes, no tempo restante ou houve equilíbrio ou superioridade do Lusitano.

Aos Eboresenses pertenceram em certos momentos, tanto na primeira parte como na segunda, períodos de assédio em que a baliza dos Sadinos se viu asoberbada com dificuldades e a organização de muitos lances de perigo junto das redes dos Setubalenses.

Porém, nesses períodos de maior insistência, os avançados alentejanos não souberam ditar as suas leis. Comprometeram irremediavelmente a equipa, não concretizando o ascendente tomado pela turma visitante. Enlancaram-se demasiadamente em frente da baliza e mostraram pouca decisão nos momentos culminantes.

O Vitória obteve os seus dois golos, exactamente em períodos de superioridade do Lusitano, de certo modo um tanto contra a corrente do jogo. Mas a equipa não nos aradrou tanto como noutros jogos desta época. O fracasso de Pinto de Almeida, em tarde irreconhecível, de Fernandes e de Serra desequilibraram o conjunto. Sobretudo a fraca actuação do médio-esquerdo, que costuma ser o fulcro da equipa, á roda do qual gira em grande parte a movimentação do «team» ao ataque, foi sensível para a produção de jogo dos donos da casa.

O Vitória não esteve irreconhecível—não vamos tão longe—mas actuou muito abaixo das suas possibilidades normais.

O Lusitano, como equipa vencedora, tem muito que se queixar. Da ineficácia rematadora dos avançados que podiam ter evitado o decaire, da sorte do jogo não estar consigo e até duma decisão do árbitro que deixou dúvidas ao anular um golo, considerando como falta a carga do avançado eboresense ao guarda-redes contrário, critério que nos pareceu muito discutível.

Soubessem os dianteiros fazer golos e já o Lusitano não perderia os dois pontos da praxe. Pelo menos um tinha ficado no bolso. Os Eboresenses iniciaram a partida em toada prudente desonando as pedras de forma a acautelar a defesa. O interior-esquerdo Matos recuadíssimo, acudia á entrecujada mesmo nas jogadas de defesa. Vale e Veríssimo sujeitavam os interiores contrários a marcação cerrada. Como Di Paola jogava também atrasado, o Lusitano actuava praticamente com três avançados. Nem por isso deixou de equilibrar a partida, e de ser perigoso, e passados os primeiros vinte minutos atacou com mais decisão e perigo. No segundo tempo, os dois médios-alas, com acção de relevo, emurraram sistematicamente os dianteiros e o Lusitano voltou a novo período de domínio. Só depois do segundo golo os Alentejanos, já quase descrentes, cederam visivelmente.

Veríssimo, a quem deram a honra de capitanear a equipa, foi o melhor dos vinte e dois jogadores. Merecem especial relevo as actuações de Vital e de Vale, do Lusitano.

O médio-direito setubalense Vaz, com uma primeira parte magnífica, Baptista, Graça e Soares, um monteto de energia, foram as figuras mais salientes.

Excelente a arbitragem, se descontarmos a invalidação do golo, que nos pareceu local.

E. C.

Tauromaquia

(Continuação da 7.ª página)

competência não tinha, evidentemente, a obrigação de anunciar cada touro por alta-voz...

EL «T. P.»

Escola «Arena»

A Escola de Toureio «Arena» festeja o seu 1.º aniversário no próximo dia 18 e agradece ao «Diário de Lisboa» o noticiário que lhe tem dedicado.

O Festival de Sevilha

SEVLHA, 16 — Promovido pelo Ateneu, e para os brinquedos que os Reis hão-de oferecer aos garotos sevilhanos deu-se ontem a tradicional nov'lhada, que teve numerosa assistência.

«Gitahillo de Triana» esteve regular no seu novilho e no que matou em substituição de Pareja Obregon, que sofreu contusões, Pepe Luis Vazquez foi ovacionado e deu volta á arena. Galhardo foi aplaudido. Luque Gago cortou uma orelha, e António Galisteo foi ovacionado. «Vito» e Gago bandarilharam bem, pelo que deram volta á arena.—(Efe).

VIDA MILITAR
Convite a cabos clárens

Pelo regimento de Artilharia Pesada n.º 1, foi dirigido convite aos 1.º e 2.º cabos clárens, na situação de disponibilidade, que desejem prestar serviço nalgumas unidades e estabelecimentos do Exército, como não readmitidos, no sentido de que devem enviar as suas declarações á secretaria daquele regimento até às 12 horas do dia 28.

NA COVILHÃ

O Sporting de Braga venceu bem

Quase sempre acontece que uma equipa considerada «a priori» vencedora encontra no campo da verdade dificuldades de tomo para consubstanciar o vaticínio, quando, até inversamente, não acaba por regressar ás cabanas vergada ao peso da derrota clara e indiscutível.

Ontem, no estádio «José dos Santos Pinto» deu-se a confirmação do acima referido. Com a diferença que o grupo considerado antecipadamente como vencedor não só teve dificuldades em se impor, mas deixou-se até suplantar pelo adversário.

Com efeito, o Sporting covilhanense para justificação do desaire sofrido frente ao seu homónimo de Braga, tem apenas de lançar mão de duas espécies de argumentos: uns relativos, a si mesmo; outros, relativamente ao seu adversário. Quanto aos primeiros pode aduzir que Simonyi não devia ter alinhado por se encontrar lesionado; e que a distensão muscular de que em certo momento Rosato foi vítima contribuíram para a apagada exibição feita pelo seu grupo.

Relativamente ao adversário, pode aduzir que a equipa serrana não soube opor o antídoto ao plano tático usado por ele. Com efeito, os bracarenses, não obstante não terem feito exibição brilhante, foram sempre superiores aos locais, mormente no respeitante ao dispositivo adoptado. A colocação de Velez em posição recuada e a de Baptista na linha de Teixeira, com Corona em «ponta de lança» conseguiu como que desnoartear os «leões» permitindo ao sector dianteiro uma movimentação ofensiva quase sempre perigosa.

Apesar de tudo, os covilhanenses fizeram partida excessivamente fraca para se poder considerar como «bitola». O quadro serrano, em nítida subida de forma, teve ontem exibição apagada. Isso, porém, nada pode querer significar, pois qualquer quadro por melhor que seja a sua «forma» está sujeito a más tardes.

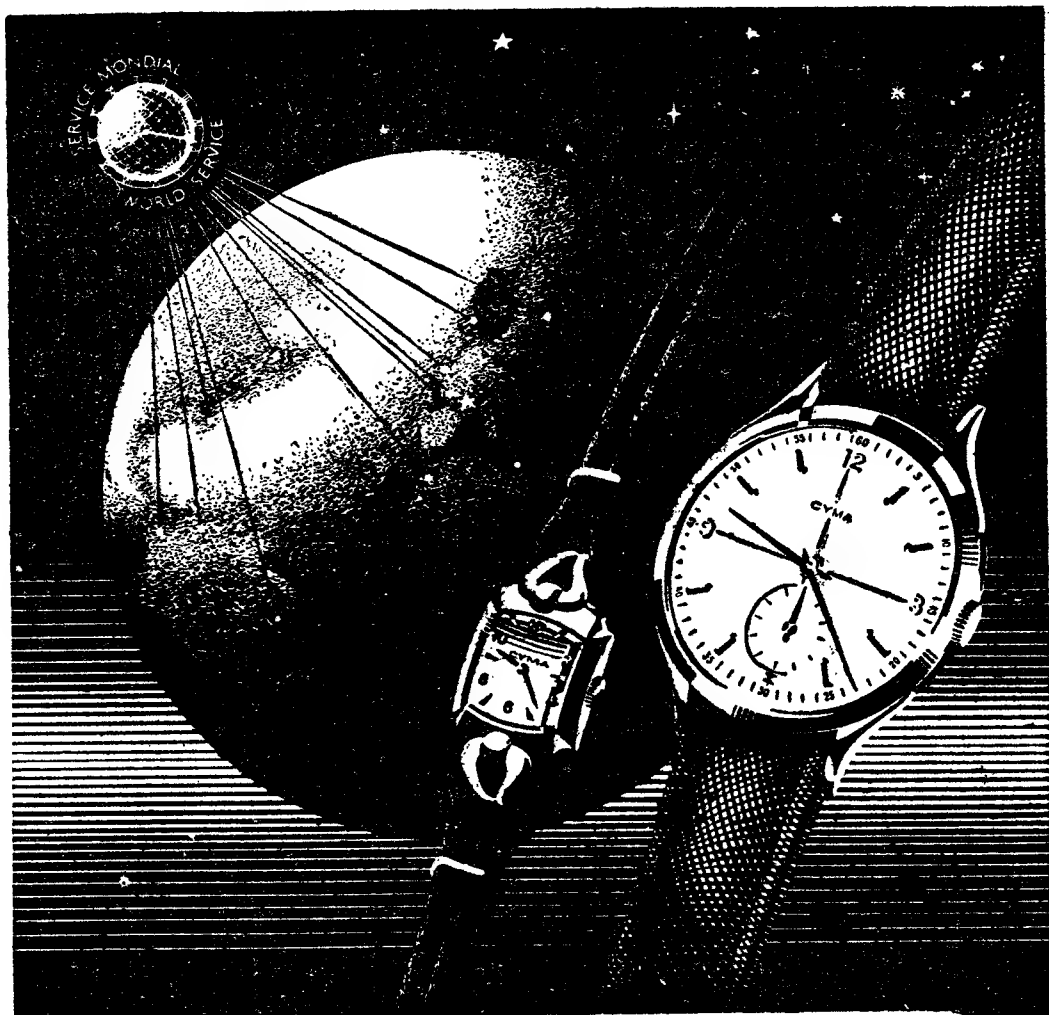
Além de Cabrita, distinguiram-se entre os serranos, Martin, Tomé e Carlos Ferreira.

Nos bracarenses, agradaram Eloi, Velez, Gabriel e Baptista. Arbitragem certa.—J. N.

Atenção ao «Sempre Fixe»!

O «SEMPRE FIXE», jornal humorístico sai às quartas-feiras, mas a sua leitura, que o dispõe bem, dura toda a semana.

VIAJAR SIM, MAS "NUNCA SEM ELA"



Entre as fábricas de importância mundial, CYMA ocupa um dos primeiros lugares. De geração em geração, milhões de fregueses satisfeitos, testemunham sua confiança na perfeição técnica dos relógios CYMA.

CYMA

UM DOS MELHORES RELÓGIOS SUIÇOS

Uma poderosa organização assegura a venda e a manutenção dos relógios CYMA em todos os pontos do globo terrestre. É o «SERVIÇO MUNDIAL CYMA».

Apreciação CYMA e o «serviço mundial CYMA», são as características dessa grande marca, que de agora em diante contará também com o prestígio de sua confiança.

Sociedade Geral

O n/m «**RITA MARIA**»

para: **S. Vicente, Praia e Bissau**
(Via Leixões e Funchal)

Carrega na Doca de Alcantara nos dias 23 e 24 para sair a 25.

Passageiros de 1.ª, 2.ª e 3.ª classes

Chamamos a atenção dos Senhores passageiros para as disposições em vigor acerca do transporte de bagagens.

ANGOLA/NORTE EUROPA (Carreira Regular)

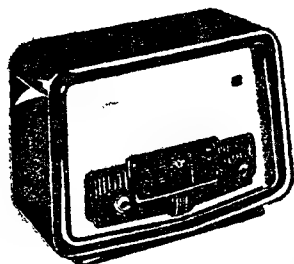
O n/m «**ANTONIO CARLOS**» carrega nos portos de Angola e S. Tomé, se convier, para os portos do Norte da Europa, no fim de Novembro.

Tratar em:

LISBOA, Rua do Comércio, 39 Tel. 30551
PORTO, Rua Sá da Bandeira, 82 Tel. 27363

HORNYPHON

RÁDIOS
DE NOVA
TÉCNICA



Mod. 352 Esc. 1.980\$00

Um valor real representa este magnífico rádio cuidadosamente estudado pelos técnicos de Viena. Grande sensibilidade. Som melodioso. Apresentação luxuosa em raiz de nozeira polida.

EVITE
A GRIPE!!!

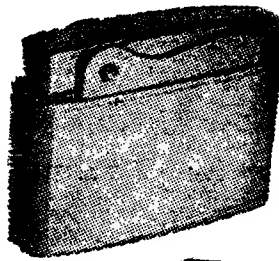
usando

Deposítários:

Pestana & Fernandes, Lda.
R. dos Sapateiros, 39 - LISBOA

CASPICIDA

Elimina a caspa, tonifica o cabelo. Renovador contra os cabelos brancos. Vende às porções na R. Nova do Carvalho, 52.



Rowenta
Snip

O ACENDEDOR ETERNO COM GARANTIA
DA FÁBRICA POR 2 ANOS

- ★ O único acendedor com cabeça monobloco desmontável, facilmente substituível
- ★ Depósito duplo para gasolina, com capacidade para acender 2.000 vezes
- ★ Vinte centímetros de mecha
- ★ Grande sortido: Prateados, cromados, dourados e lacados
- ★ Bonitos desenhos, com local próprio para gravar INICIAIS do seu possuidor

Com ROWENTA-SNIP não terá panes aborrecidas!

A' venda, apenas, nas BOAS TABACARIAS

Distribuidores Gerais:

VASCONCELOS & F. PINTO, L.DA
Rua dos Fanqueiros, 65-4.º (elev.) Telef. 28422 - LISBOA

UMA UTIL NOVIDADE PARA O SEU AUTOMÓVEL!

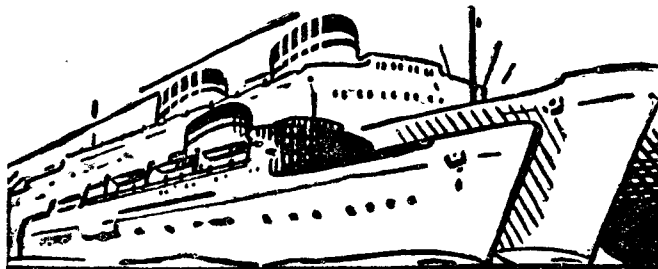
ACABA DE CHEGAR MAIS UMA REMESSA

MILE-O-METER



«MILE-O-METER» é um aparelho de precisão, único no Mundo, fabricado nos Estados Unidos da América por Gale Hall Engineering. «MILE-O-METER» é um instrumento recomendado por peritos, cuja instalação fácil e rápida pode ser feita por qualquer pessoa, sem necessidade de perfurações.

ALGUNS DOS SEUS FINS:—Ensina a maneira de acelerar o motor obtendo o máximo de velocidade com o mínimo de consumo de gasolina. Indica o estado do motor, diagnostica as suas deficiências facilitando a sua pronta reparação. Indica em poucos segundos o estado das velas. Indica a posição correcta do ajustamento das válvulas, bomba de gasolina, distribuidor, condensador, etc. «MILE-O-METER» tem várias aplicações, todas úteis ao automobilista. «MILE-O-METER» é vendido com todos os acessórios para a sua montagem, respectivo livro de instruções e tabela de afinações. Harmoniza-se perfeitamente em qualquer painel de instrumentos. Peça uma demonstração aos representantes: **S. P. I. C. — Sociedade Portuguesa de Importações e Comércio, Lda.** — Praça Duque de Saldanha, 31-B — Telef. 46626 e 51722



"ITALIA"
SOCIETÀ DI NAVIGAZIONE

Para:

HALIFAX e NEW-YORK
Os Paquetes

«**VULCANIA**»

em 25 de Novembro

«**SATURNIA**»

em 9 de Dezembro

PARA

Gibraltar, Barcelona, Génova, Palermo e Nápoles

«**SATURNIA**»

em 24 de Novembro

OS AGENTES GERAIS

E. PINTO BASTO & C.ª, LIMITADA

(Secção Marítima)

Praça Duque da Terceira, 20-26 — Telef. 31581 (10 linhas)

Durex

A marca dos mosaicos
resistentes e cores garantidas

Exposição e Vendas

LISBOA — 134, Rua do Arsenal, 136 — Telef. 21814

VIAJAR SIM, MAS NUNCA SEM ELA

ANTOLOGIA UNIVERSAL DO CONTO

MANDOVI

F EITA a ultima palavra, Mandovi, atirando um murro á mesa, levantou-se, deu um safanão ás calças, passou a mão pela barba e, com a sua voz retumbante, despediu-se:

—Adeu, genti!

Alentado caboclo de peito largo, com uma barba crespa, negra e densa que lhe dava ao rosto expressão feroz, gozava fama de valente e ninguém ousava enfrentar com ele, porque o seu pulso era uma barra e, como tinha oração, não havia bala que lhe entrasse no corpo.

—Quê, Mandovi! Océ vai mêmú?

—Cumú não?

Estavam na sala dos fundos da venda de Manuel Monte, um destemido jogador de faca que, segundo se dizia á boca pequena, arranjava a vida no caminho, esfaqueando um mascate italiano que descia para a cidade, depois das festas do Natal, com a bolsa de couro de anta atochada de prata.

A parceirada moveu-se. Eram seis vaqueiros da redondeza que jogavam, enquanto o gado dormia nos campos frescos, á luz quieta dos astros, em torno dos ranchos. O vendeiro, gordo, de uma cor arroxeada, o cachimbo nos beiços, dava as cartas e cada um dos parceiros tinha á mão um copo de aguardente. Manuel Monte levantou os olhos miudos para Mandovi e disse, sorrindo maliciosamente:

—Océ vai mas é p'r'u ranchu do Casimiru, cabra. Pruveita, proveita enquanto o bichu anda longe.

Houve uma gargalhada estrondosa e todos os vaqueiros olharam para o caboclo que acendia o cachimbo vagarosamente.

—E' ocês pensa qu'a genti não tem mais qui fazê sinão andá atrás du cheru di sala, cumu cachorru nu ratsu di cutia. Aminhan cedinhú, si Deus quisé, tô no Cabeçu, vendu umas rez nova...

Fora, os sapos coxavam sem descontinuar...

—Océ vai tanto p'r'u Serrinhu cumu eu.

—Não vou? Océ sabi? Pois mió. Adeu!

Com a ponta do pé espremeu o ventre de um cão negro que se levantou ligeiro.

—Bamu! Adeu, genti. Té minhã!

Fora, a noite ia esplêndida, fresca e de Lua. A estrada, muito branca, insinuava-se pelo arvoredo eperdia-se nas sombras quietas. O caboclo lançou os olhos ao céu estrelado e, passando o cajado pelas costas, á altura do ombro, pôs-se a caminho, precedido pelo cão que seguia com o focinho baixo, á fariscar a erva e o pó. Era grande o silêncio. Mas, vozes estranhas, longínquas, tomaram-lhe a atenção: eram sapos em uma lagoa.

Mandovi fez uma volta repentina e olhou para trás, como se quisesse ver a venda do Manésinho já encoberta pelo arvoredo; puxou forte pelo cachimbo, tirou o isqueiro e feriu lume. Pôs-se de novo a caminho. Um bacurú levantou voo, desaparecendo no mato. Mandovi, de olhos no céu, pôs-se a cantar, baixinho.

Depois, seguindo uma ideia, riu, resmungando:

—Han, diabo di rapariga... Depois a genti faz uma coisa i tá hi... Purqué andó virandu a cabeça da mulé dus ôtru, i mais isto i mais aquilo. A genti vai mêmú i ta hi. Quá! Casimiru não tá siguru. Aquela rôxa é o diabu.

De repente, um grito silvou na mata. O cão estacou, de orelhas fitas. Mandovi deteve o olhar, olhando. O silêncio era grande, não bolia uma folha. O cão ladrou para a mata, e seguiu farejando a poeira.

Mandovi retomou a cantilena mas, não havia dado seis passos, quando, de novo, ouviu o grito agudo que, dessa vez, parecia dizer o seu nome. O caboclo sentiu um arrepio de medo—tudo era mato e sombra, nem uma luz de rancho, nem um boi perdido no campo.

—«Mandovi!».

—Eh! Eh!—fez o valente—a modu qu'issu aqui tá assombradu hoj.

Sombras moviam-se sinistramente na estrada. Ele, porém, habituado áquelas caminhadas nocturnas, bem viu que eram dos galhos das árvores. Mas alguma coisa tolhia-lhe o andar, uma voz interior dizia-lhe que não prosseguisse. Estava ainda tão longe o Serrinho, a uma hora, talvez, e por dentro da mata.

Depois, o caboclo decidiu-se:

—Quá! Issu é tontêra! Aquele Manésinho é

CONDENSAÇÃO

do conto de Coelho Neto

bichu tão escorvado qui é capaz di botá alguma coisa na bibida, só p'ra ganhá na certa! Bamu, «Tigre»! Bota a boca nesse diabu qui ta tomandu cunfiança c'a genti. Bota a boca, «Tigre»!

O cão arremeteu mas, numa volta subita, recuou ganindo e, em corrida desabalada, veio atropelar o caboclo, esfregando-se-lhe nas pernas.

—Quá! Esse caminho tem coisa. Genti não é. Cachorro não fogi di genti...

E, parado, com os olhos enormes, o coração batendo precipitadamente, ouviu o grito agudo «Man... do... vi...».

—Nossa Sinhora!—persignou-se e ficou preso á terra. Levantou os olhos—uma estrela cadente rastejou o espaço iluminado: «Deus ti guie»...

«Mandovi!...».

E logo depois deste grito lamentoso, que parecia desferido por alguém que sofria, numa barranca escavada, um vulto branco, mais branco do que o branco luar, hirtó, abrindo sobre o fundo espaço os braços duramente esticados, com uma fina túnica flutuante, balouçava-se, molemente, aéreamente, em lento vai-vem, da barranca ás frondas do avoado, das frondas á barranca. O caboclo abriu muito os olhos, num espanto mudo e tolhido, sem poder tirar-se da posição em que ficara. Olhava, quando, na mata, estridente gargalhada retalhou o silêncio. Voltou-se e nada viu, senão as árvores mudas e o mudo caminho. O cão havia desaparecido. Reuniu forças e bradou por ele:

—«Tigre»; Eôôôh!... «Tigre»!

Só, na solidão terrível, o caboclo sentia as pernas enfraquecerem. Lentamente, cautelosamente, sem tirar os olhos da aparição, passou a mão incerta pela cinta e o cajado, esquecido, caiu no pó com um baque balofo. Estremeceu mas já estava com a garrucha em punho—engatilhou-a e, levantando-a á altura dos olhos, fez fogo; o gatilho bateu frouxo.

—Cruz!—esconjurou o assombrado, descarregando o outro cano.

Um grande estrondo abalou o silêncio, rolando, até que, no fundo do bosque, outro tiro troou, como em resposta, mas o vulto continuou no seu mole e flácido balanço aéreo.

«Mandovi!» «Mandovi!».

—Mandovi! Pois sim, coisa ruim, só si não hai Nossa Sinhora.

Abriu, com os dedos crispados, o peito da camisa, e, com um safanão, arrancou de uma fita que trazia ao pescoço, um breve de couro e, fechando-o com força na mão, ameaçou com ele o vulto balouçante:

—Só si Nossa Sinhora não tá aqui. T'isconjuró!

E, aos recuancos, tornou pelo caminho que

fizera afoitamente e, logo que perdeu de vista o vulto, deixou a correr desatinado. Mas, na corrida, como se alguém o acompanhasse com zombaria, por vezes, um grito ressoava-lhe aos ouvidos.

Justamente, quando ia a atravessar a ponte, pareceu-lhe ver o mesmo vulto branco trepado num tronco. Estacou, esbaforido e, de olhos fechados, para não ver o horror, atirou-se de arranco, galgando a passagem. Ia já pelas alturas do pasto, quando ouviu vozes e latidos. Sentou-se, ofegante, com o suor a escorrer-lhe pelo corpo:

—Pur Deus Nossinhô! Nunca vi uma coisa assim. Jeremias tem razão... I a genti qui tomava pagodi co'ele.

Já as vozes vinham perto, em algazarra; cães apareceram correndo mas, desconhecendo-o, recuaram, ladrando.

—Eh! Cala a boca, porcaria!—E os animais, reconhecendo-o, cercaram-no, festejando-o. Estava ele a afagar a canzoada, quando os vaqueiros apareceram na volta da estrada.

—Eh! home, qu'ê issu? Océ aqui?

Todos romperam a rir.

—Ahn! Muié é u diabu!

—Oia só—bradou o negro, mostrando a luzinha ao longe—i diche qui ia p'r'u Serrinhu. Essa aqui si não é a picada du ranchu du Casimiru, eu não queru mi chamá Simeão. Tá di guarda nu tôcu. Coitada di nhá Nica!

Mandovi ia responder com a verdade, mas para que o não tomassem por medroso, levantou a cabeça e perguntou amuado se «issu é da conta d'océ, Simeão?»

—Ninguém gosta di passá pur tôlu...

—Dêxa di brincadera. Casimiru é companhero e podi chigá aos ouvido dele.

Seguiram discutindo as espertezas de Manésinho e iam por alturas da ponte, quando Mandovi ouviu o grito na mata, mas fingindo calma, perguntou:

—Qui é issu qui tá gritando ansi, genti?

—Entonce, océ não cunheci sacy?

E o outro, para rir, respondeu á voz da ave sinistra.

—Dêxa dissu, não brinca cum uma coisa du matu.

Quando chegaram á altura da barranca, Mandovi, erguendo os olhos, aterrado, deu com o vulto balouçando-se e, involuntariamente, deteve-se.

—Qu'ê qui océ viu qui tá assim sarapantadu?

—Aquilo, ali, na barroca. Aquela coisa branca, mexendu...

—Home, aquilo é uma fôia veia de parmera qui dispencó.

Passavam, justamente, no sitio assombrado e Mandovi convenceu-se.

Um dos vaqueiros, parando, lembrou:

—Foi aqui qui o italianu apareceu mortu, o da história do Manésinho. Qué vê?

E o vaqueiro mergulhou no mato até que descobriu uma cruz tosca.

—Oia ondi é qu'ele tá enterradu.

Quando tornaram á estrada, Simeão, que ia para Cabeçu, despediu-se depois da haver apagado o cachimbo.

—Adeu, genti. Ocês foi falá di tanta coisa, q'eu não sei cumu vou pur essis matu sózinhu!

—I océ tá cum medo, Simeão?—perguntou Mandovi

—Tô cum medu, sim. P'ra home ou p'ra bichu, a genti estica uma língua di ferru ou bota fogo i passa. Mas cum essa coisa du matu virge...

Apartaram-se. E, atravessando a mata obscura, os vaqueiros iam calados, um a um, apertando os canos. Mandovi pensava com temor: «Foi u italianu mêmú qui me apereceu... Foi éli mêmú»...

As folhas estalavam sob os passos e, de quando em quando, o que ia á frente, rompendo o caminho, avisava:

—Baixa genti... Oia u pau; oia água, genti.

E a marcha prosseguiu, em silêncio, através da mata silenciosa.



Um produto preparado pela
Mais Antiga Fábrica de
Whisky Escossês do Mundo

Haig
SCOTCH WHISKY

OURO, PRATA, JÓIAS E RELÓGIOS

Pulseiras de ouro e jóias modernas a preços sem competência

Ourivesaria Santos Catita, L.^{da}

RUA EUGÉNIO DOS SANTOS, 44

VIAJAR SIM, MAS "NUNCA SEM ELA"

LONGINES

Relógio de Precisão

**Milhões em uso nas CINCO partes
do Mundo**

Leiam o "SEMPRE FIXE"

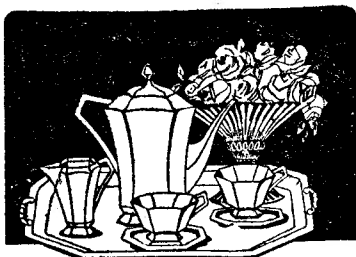


SECÇÃO DE APARELHAGEM DOMÉSTICA DE VÁRIA, LDA.

Rua Nova da Trindade, 10-C — Telefone 32475 — Lisboa

REVENDEDORES:

Pedro Ataíde e Mello, R. Conde Redondo, 119-A—Electro Cidade Nova, Av. A, ao Azeiro, 3-A—Rádio Valbom Av. Conde Valbom, 127—SET, R. António Maria Cardoso, 68 — Sociedade Electro Vático, Praça do Azeiro, 10.



O maior sortido de faqueiros em cromo-níquel e aço inoxidável.

Serviços de jantar, chá e café.

Porcelanas Alemãs, Saxe, Limoges e nacionais.

Serviços em cristal, nacionais e estrangeiros.

Artigos de Ménage, etc.

CASA ALEMÃ

Rua da Palma, 33 — Telefone 25250

Companhia Colonial de Navegação

LINHA DE AFRICA

N/M «LUANDA»

A sair em 20 de Novembro, com escala por Leixões, para: S. Tomé, Santo António do Zaire, Ambriz, Luanda, Lobito e Moçamedes

RECEBE CARGA GERAL E DE FRIGORIFICO

«N/M BENGUELA»

A sair em 11 de Dezembro, com escala por Leixões, para: Luanda, Porto Amboim, Lobito, Moçamedes, Lourenço Marques, Beira, Moçambique e Nacala

RECEBE CARGA GERAL

Paquete «IMPÉRIO»

A sair em 15 de Dezembro, com escala por Funchal, para: S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçamedes, Cap-Towne, Lourenço Marques, Beira e Moçambique

RECEBE PASSAGEIROS, CARGA GERAL E DE FRIGORIFICO

Chama-se a atenção dos srs. passageiros para o que está regulamentado sobre transporte de bagagens

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Telefones 30131/8

PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Telefone 23342

CASINO ESTORIL

Programa da semana

Hoje: «O professor e a corista», com Ronald Reagan e Virginia Mayo (para adultos); 3.ª feira: «A tarde e a noite: «A cruz da minha vida», com Burt Lancaster e Shirley Booth (para adultos); 4.ª feira: «Renúncia», com Ray Milland e Joan Fontaine (para adultos); 5.ª feira: de tarde (para maiores de 13 e a noite para maiores de 15 anos): «Mara Maru», com Errol Flynn e Ruth Roman; 6.ª feira: «Miss Itália», com Richard Ney e Gina Lollobrigida (para adultos); Sábado (à tarde para maiores de 13 e a noite para maiores de 15 anos): Lisboa.

«O pirata vermelho», com Burt Lancaster e Eva Bartok; Domingo, de tarde e a noite: «Fausto e o diabo», com Italo Tajo e Nelly Corradi (para adultos).

Conjunto musical Tony Amaral e o pianista animador Tobias. Todas as noites, baile. Todos os domingos, chá dançante.

HIPOTECA

Preciso 2.500 c. 1.ª hip. melhor herdade Alto Alentejo. Avenida Oscar Monteiro Torres, 40, 2.ª, Dt.ª.

BOVRIL



É UM PRODUTO INDISPENSÁVEL A SAÚDE

RECOMENDADO AOS: CONVALESCENTES E DESPORTISTAS

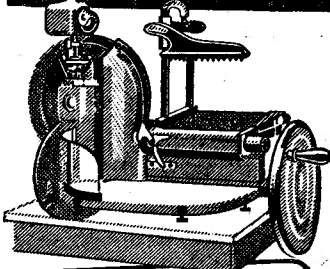
BOVRIL FORTIFICA — TOME-O DIARIAMENTE

AGENTES EM PORTUGAL:

J. CANDIDO DA SILVA

PORTO

Há muitos anos a trabalhar impecavelmente em Portugal as máquinas cortadoras de fiambre.



NATIONAL

Provaram incontestavelmente, que são as MAIS ROBUSTAS, AS MAIS PRÁTICAS e as que MELHOR SE ADAPTAM as condições do comércio português.

Representantes em Portugal: AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, LDA. R. DOS FANQUEIROS, 206, 2.ª ESQ. — TELÉF. 20350 E 27022 — LISBOA



DIAMON

A única lamina de barba com 2 gumes diferentes

N.º 1 — Para barbear
N.º 2 — Para escanhoar

PELES

DAVID KIT

O maior e mais fino sortido para o ano de 1954, principalmente em visons e astrakans
Grande desconto para revenda
AVENIDA SIDÓNIO PAIS, 24
Telefone 48089

LELÃO DE PENHORES A COMERCIAL

18, T. da Trindade, 20 — Tel. 25082
Começou hoje às 15 horas e seguintes

DINHEIRO

EMPRESTA-SE S/ AUTOS E CAMIONS JURO LEI COLOCA-SE CAPITAIS TELEF 33197. AV. LIBERDADE, 144, 2.ª.



Primeiro a caspa... e seguir, queda do cabelo... depois, endurecimento do coiro cabeludo... finalmente a calvice. São estas as consequências da sub-alimentação do coiro cabeludo.

A queda do cabelo pode ser sustida... sómente, é necessário intervir a tempo! Os cabelos caem, porque as substâncias nutritivas lhe fazem falta. A Silvikrine fornece-lhas.

Silvikrine

Alimento natural dos cabelos

1-53-PO



Milhares de utensílios de cozinha fabricados por ALMIM com alumínio puros estão transformando o árduo trabalho das Donas de Casa num verdadeiro prazer!



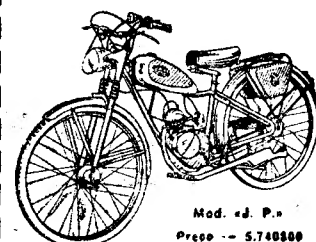
COMPRA NA ALMIM LOIÇAS DE ALUMÍNIO com formatos originais a preços excepcionais
R. do Loreto, 61, sobre-loja, Lisboa



RUBRO

ATLANTIC

GARANTE A CONSERVAÇÃO DO ESCAPE E MOTOR DO SEU AUTOMÓVEL POR ESC. 10.000



Mod. «J. P.»
Preço — 5.740.000

«VILAR-PACHANCO»
UMA SUPERIOR PRODUÇÃO DA INDÚSTRIA NACIONAL
MICROMOTOR, LDA.

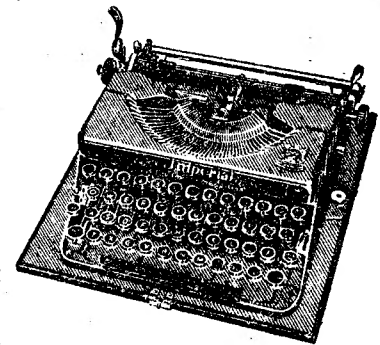
Av. Paris, 3 — Tel. 7 8138/9 — LISBOA

IMPERIAL Portátil

COMPANHEIRA INSEPARÁVEL A MAIS RESISTENTE DO MUNDO

UM PRODUTO DA

Imperial TYPEWRITER C.º, L.ª
O ORGULHO DA INDÚSTRIA BRITÂNICA



AGENTES EM LISBOA E SUL:

«SAPEL» Sociedade de Acessórios para Escritório, L.ª
Rua da Madalena, 40, 2.ª — Telefone 21136 — LISBOA

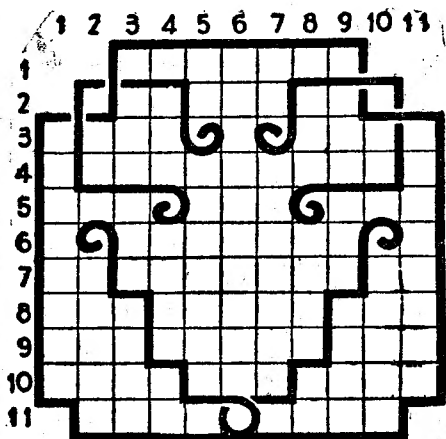
Vida cara não?...

REFEIÇÕES COMPLETAS COM VÁRIOS PRATOS A ESCOLHA, A 7550. SALA TÍPICA E AREJADA SÓ NA LUZITANIA-BAR.
T. DA GLÓRIA, 23

O «Diário de Lisboa» vende-se actualmente na Guarda. no Café Mondego.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 4010



HORIZONTAIS: 1—Chorara. 2—Artigo (pl.). Estava. Novecentos romanos. 3—Partido. Vã. 4—Demais. 5—Preposição. Cabelos brancos. Progenitor. 6—Localidade do concelho de Oeiras. 7—Artigo indefinido. Fabricante de remos. Rio de Itália. 8—Afirmção. Queridas. Gracejar. 9—Agora. Lavrado. Empregue. 10—Paria. Pega. Patroas. 11—Essa coisa. Linhas.

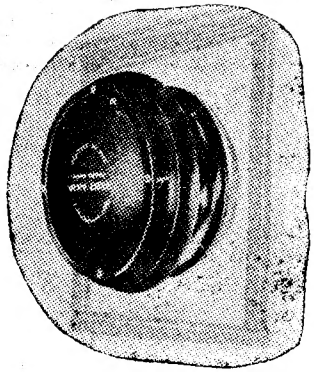
VERTICAIS: 1—Presos. 2—Idem (abrev.). Olhai. 3—Poesia. Oceano. Além disso. 4—Ruído. A cidade santa dos muçulmanos. Carta de jogar. 5—Acusada. Sobrepuera. 6—Escritoras. 7—Seguia. Afastada. 8—Cauda. Céreo. Suspiro. 9—Mil e quatrocentos em romano. Parilha. Destino. 10—Preposição e artigo. Calcas. 11—Perfeições.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4009

HORIZONTAIS: 1—Lucas. Copia. 2—Alagaria. 3—Gó. Agora. Ti. 4—Rum. Azo. Tem. 5—Eras. Arno. 6—Irrisório. 7—Aves. Agra. 8—Res. Dea. Oil. 9—As. Cair. Ou. 10—Paisana. 11—Agiós. Saúde.

VERTICAIS: 1—Lugre. Arara. 2—Ouvires. 3—Cá Marés. Pi. 4—Ala. Srs. Cão. 5—Paga. Dais. 6—Gozasseis. 7—Caro. Aras. 8—Ora. Ara. Ana. 9—Pá. Trigo. Au. 10—Tenório. 11—Animo. Alude.

MILHARES EM FUNCIONAMENTO



VENT-AXIA

Se necessita uma boa ventilação...

Porque não instala
VENT-AXIA?

3 MODELOS

6" — 9" — 12"

Um modelo para cada caso conforme as necessidades do ambiente a ventilar

Nos aparelhos 9" e 12" pode ser colocado um dispositivo automático que evita a entrada de ar, quando o aparelho está parado

UTILIZA-SE CONTRA

Fumos — Ar viciado — Cheiros
Humidades — etc.

**SILENCIOSOS, PRÁTICOS
ECONÓMICOS**

Fácil instalação

Reduzido consumo

Eficientes

Orçamentos e instalações
Consulte a n.º/secção-Técnica

DISTRIBUIDORES:

NORTON & C.ª, LT.ª

C. SACRAMENTO, 28

Telef. 34151/54

Tribunais

O caso do industrial Julio Martins

No terceiro juízo correcional da Boa-Hora, sob a presidência do juiz sr. dr. Pinto Coelho começou hoje o julgamento do industrial Julio Martins, e dos empregados comerciais Jorge António Torres e João Garcia de Barros Junior. O último responde á revelia. São acusados de um importante caso de especulação na venda de telha, ocorrido no período da ultima guerra mundial. O principal acusado encontra-se afluado em 1.005 contos. Compareceram 9 declarantes, 14 testemunhas de acusação e 11 de defesa. Os réus são defendidos respectivamente, pelos srs. drs. Bustorff Silva, António de Oliveira Monteiro e Celestino Ramos.

O interrogatório começou pelo réu Jorge António Torres que negou a acusação. Igual atitude manteve o industrial Julio Martins, que pretendeu demonstrar com documentos, não ter havido especulação nas transacções. Como pretendesse fazer uma larga exposição do crime que lhe é atribuído e o juiz dr. Pinto Coelho tivesse de tomar parte numa audiência colectiva, os trabalhos foram interrompidos para prosseguir no dia 21, ás 10 horas.

REUNIÕES CIENTÍFICAS

No hospital do Ultramar

Depois de amanhã, ás 21 e 30, sob a presidência do seu director, coronel-médico dr. João Pedro de Faria realiza-se no Hospital do Ultramar a reunião mensal ordinária do respectivo corpo clínico. Será conferente o prof. dr. Jorge da Silva Horta, que falará sobre «Etiopatogenia da Hipertrofia Prostática».

A entrada é facultada a todos os médicos.

O PORTO pelo telefone

Duas mortes

PORTO, 16—Cassiano Lopes da Costa, de 33 anos, morador na Rua do Báculo, 3, guarda da P. S. P., casara em 1950 e passara então á Policia de Viação, sendo colocado em Peniche, onde sua mulher lhe foi infiel. Pediu então transferência para o posto do Freixo, nesta cidade, separando-se da mulher, que ficou com uma filha. Como não lhe desse a pensão para o sustento da pequena, a ex-mulher perseguia-o constantemente, o que motivou um processo e o regresso do Cassiano á P. S. P.

Durante a noite passada, o Cassiano chamou a sua casa a ex-mulher, que vivia com a mãe na R. da Ramadilha, e matou-a com tiros de pistola, desfechando depois a arma contra si e matando-se também. O tresloucado deixou cinco cartas, dirigidas aos seus superiores e outras autoridades. O Cassiano ficara com um filho do matrimónio, que com ele vivia.

Caíu por uma ribanceira

um visitante da Casa do Gaiato

PAÇO DE SOUSA, 16 — (Pelo telefone) — De passagem para a concorrida feira de S. Martinho, em Penafiel, dezenas de camionetas com excursionistas aproveitaram a ocasião de passagem por esta localidade, para visitar a Casa do Gaiato. Ao meio da tarde, um componente duma das caravanas, Adelino Pereira Pacheco, de 38 anos casado, morador na Rua da Póvoa, no Porto, ao subir uma ribanceira, junto á Casa Mãe, da Aldeia dos Gaiatos, caiu ferindo-se gravemente. Foi rapidamente transportado numa ambulancia dos Bombeiros Voluntários de Paço de Sousa, ao Hospital de Paredes, onde recebeu tratamento.

TATTOO
Lipstick
Com
LANO-LAST
8 cores exóticas

CORES EXÓTICAS. QUE TORNAM OS LÁBIOS DIFERENTES

MODERNIZE O SEU AUTOMÓVEL

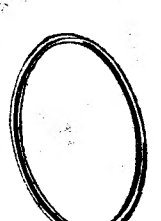
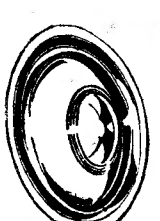
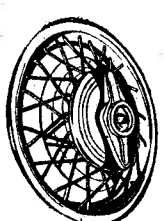
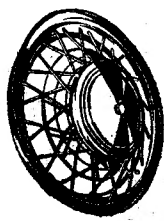
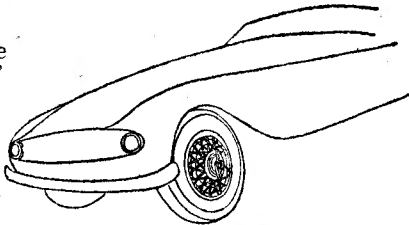
APLICANDO-LHE NAS RODAS OS NOVOS
DISCOS COM RAIOS DE ARAME

Desde Esc. 600\$00 cada jogo

Servem em todos os automóveis que usem jantes das medidas 13 e 15"

Modelos especiais para

**FORD THAUNUS, OPEL
RECORD, VOLKSWAGEN,
AUSTIN, etc.**



30 MODELOS DIFERENTES DE TAMPOES, cromados ou em aço inoxidável para jantes 13, 15 e 16" desde Esc. 600\$00 cada jogo de 4.

AROS FINOS, para jantes 13, 14, 15 e 16" desde Esc. 500\$00 cada jogo de 5

A VENDA UNICAMENTE NA

S.P.I.C. PRAÇA DUQUE DE SALDANHA, 31-B

Telefs. 46626 e 51722

DE LUTO

Dr. João de Deus Ramos

Pelo Museu João de Deus, onde o corpo do dr. João de Deus Ramos foi devotadamente velado até á hora da saída do funeral, desfilaram, desde ontem á tarde, numerosas pessoas, grande parte das quais o acompanharam hoje ao Cemitério dos Prazeres.

Para os amigos que mais de perto admiravam o dr. João de Deus Ramos no culto pela memória de seu pai, foi particularmente emocionante o momento em que pela ultima vez, o viram abandonar aquele templo votivo a que se dedicara tão completamente que ali gastou as suas energias e sofreu o anuncio do seu tão próximo fim.

Difícil se torna registar todos os nomes dos que ali e no cemitério dos Prazeres prestaram a derradeira homenagem ao homem bondoso, ao republicano tolerante, ao ministro da Instrução e ao pedagogo admirável.

Citamos apenas alguns, entre os quais o nosso director, sr. dr. Joaquim Manso, e o nosso colaborador dr. João de Barros; o embaixador Olegário Mariano; dr. Camara Reis, pela «Seara Nova», representada também pelo dr. Feliciano Fernandes; dr. Julio Dantas, prof. dr. Belo de Moraes, Falcão Trigo, Pedro Guedes, eng.ª Cunha Leal, dr. Vasco Barros Queirós, coronel Vitorino Godinho, dr. Augusto Travaços, director-geral de Saúde; dr. Xavier Morato, almirante Tito de Moraes, Abel Manta, dr. Ferreira de Almeida, dr. Mário Neves e esposa, coronel Mateus Moreno, pela Casa do Algarve; Silva Tavares, Ferreira de Castro, Artur Portela, Augusto Casimiro, Julião Quintinha, Artur Inês, César dos Santos; dr. José Manuel da Costa, apresentado por Guilherme Pereira de Carvalho; Simões Muller, Carlos Godinho, Vasco de Mendonça Alves, tenente-coronel Manuel Joaquim de Oliveira, prof. dr. Fernando Emidio da Silva, Dário Novoa, prof. dr. Barahona Fernandes, dr. Dias Pereira, dr. Lopes Moreira, Vieira Laurendo, «miss» Denise Lester, A. C. Anahory, Martinho da Fonseca, Frederico Borges de Sousa, eng.ª Candido Vilaça, dr.ª Zaida Garcia, dr. António Silva Gomes, dr. Campelo de Andrade, Associação dos Antigos Alunos da Sociedade A Voz do Operário, dr. Almada e Melo, dr. Julio Seabra, dr. Manuel Amaro Martins, dr. Augusto de Deus, dr. Joaquim Brilhante, dr. Xavier da Silva, Grupo dos Amigos do Jardim-Escola de Chaves, regente e professores, representados por D. Maria Eugénia Cruz; D. Clementina Carneiro de Moura Manta; dr. Lopes Dias, dr. Hélio Pamplona Corte Real, dr. Arlindo Vicente, conde e condessa de Lichtervelde, Carlos Henriques Garcia, D. Julieta Ferrão, João Pedro dos Santos, em representação do dr. José Domingos dos Santos; Augusto Carlos Rodrigues, dr. Nuno Simões, Mário Sampaio Ribeiro, Alberto de Sousa, capitão-tenente Martins da Silva, comandante Barahona e Costa, Domingos Cruz, D. Francine Benoit, dr. Gualberto Melo, Julio Pires, dr. Félix Horta, D. Maria Lucia, prof. Delfim Santos, dr. Sousa Carrusca, dr. Arlindo Vicente, Cardoso Marta, Hugo Vidal, e muitas mais pessoas, de todas as condições sociais, antigos e antigas alunas dos Jardins-Escolas João de Deus, muitas com lágrimas nos olhos, recordando o amigo, e o mestre.

O sr. dr. Jaime Lopes Dias, presidente da assembleia geral dos Jardins-Escolas, pronunciou no cemitério, breves palavras de despedida.

Dr. Joaquim Ribeiro

Para jazigo de família no cemitério local efectuou-se hoje o funeral do antigo ministro e deputado dr. Joaquim Ribeiro, ontem falecido na sua quinta do Tojal, em Areias, Ferreira do Zêzere. Nasceu em Alvaláezere em 1882, formou-se em 1906 na Universidade de Coimbra, onde afirmou o seu republicanismo. Em 1911 foi eleito deputado por Tomar ás Constituintes, e participou de várias legislaturas até 1926, como deputado e como senador. Foi ministro da Agricultura três vezes, sendo presidentes do conselho o eng.º António Maria da Silva e o dr. Domingos Pereira.

O dr. Joaquim Ribeiro, dotado de bondoso espirito e de muita simpatia, deixa viúva a sr.ª D. Laurinda Andrade Rocha Ribeiro e era aparentado com as mais distintas famílias daquela região.

Interrupção de transito

numa rua de Campo de Ourique

Quem esta tarde, pretendia passar pela Rua Saraiva de Carvalho, ao chegar próximo do n.º 179-B, tinha de fazer um desvio por outras artérias—se ia com muita pressa. E' que, naquele local, aglomerara-se tão grande multidão que difficilmente podia romper-se. Motivo de tão inesperada interrupção de transito: os moradores do populoso bairro de Campo de Ourique queriam, á compita, admirar a Ourivesaria Santa Luzia, magnifico estabelecimento com que desde hoje podem contar e que é uma filial da Relojoaria Solara, Limitada, da Rua de S. Nicolau, 42, a mais antiga casa de monogramas de Lisboa.

CRIME DE MORTE

LOUZELA, 16.—(Pelo telefone).—Na madrugada de ontem, ocorreu na Praça da Republica, desta vila, uma cena de sangue que impressionou toda a população e da qual resultou a morte de José de Almeida Matos, solteiro, agricultor, de 32 anos, que foi agredido á navalhada, na face e no pescoço, por Guilherme Rodrigues da Silva, de 37 anos, solteiro, alfaiate.

A vítima foi conduzida ao hospital desta vila, onde faleceu pouco depois. O criminoso foi preso na residência pela G. N. R., desconhecendo-se ainda a verdadeira causa da agressão.

NO TRIBUNAL DE TEERÃO

Prossegue sem incidentes o julgamento do dr. Mossadegh

TEHERÃO, 16.—Prosseguiu esta manhã o julgamento do processo instaurado ao dr. Mossadegh. O procurador, general Azmudeh, desenvolveu os motivos da acusação. Antes, o ex-primeiro-ministro e o seu co-arguido, general Riahi, tinham protestado contra a decisão do tribunal, pronunciando-os.

O procurador começou por invocar a protecção da religião e da fé, em que achou, disse, a coragem para emprender a sua missão. Depois, afirmou: «Este julgamento é um acontecimento histórico. Os pronunciamentos não podem desmentir as acusações. Heide obrigá-los a confessar os seus crimes. Mossadegh, torna-se ridículo ao afirmar que continua a ser presidente do Conselho, quando não passa de um rebelde. Perante o «firmã», a bandeira, o tribunal e a lei, esse homem julga-se presidente da República. É grotesco».

O dr. Mossadegh limitou-se a responder: «Por quem é...».

«As famílias das vítimas do 19 de Agosto, pedem-me que requeira a pena de morte para Mossadegh. Conheço o meu dever e hei-de cumpri-lo»—declarou o procurador no desenvolvimento da acusação contra o ex-primeiro-ministro.

Depois de afirmar que as famílias das vítimas do 19 de Agosto pedem que o dr. Mossadegh seja condenado à morte, o procurador continuou: «O povo iraniano foi vítima, durante 28 meses, da demagogia de Mossadegh. O povo confiava na realização dos seus prometimentos, mas ele só pensava em alcançar o fim pelo qual está hoje sentado ali».

O magistrado acrescentou que o «firmã» imperial constitui a base da acusação, que está de harmonia com a Constituição e representa um documento capital na história do país que esse documento salvou do abismo.

Acusou ainda o rei de ter monopolizado o patriotismo e provocado a desconfiança no país, acusando tudo e todos de «agente do estrangeiro». «Esse homem — disse — tentará enganar-vos, mas desafio-o a responder à única pergunta que de facto se levanta: Porque não acatou o «firmã» imperial?».

Em toda a audiência de hoje, o dr. Mossadegh só interrompeu o procurador duas vezes: a primeira para se queixar de que o magistrado o «insultava»; a segunda para responder ao procurador, que punha em dúvida que o rei fosse realmente médico, fazendo esta reflexão irónica: «Talvez seja médico veterinário». — (F. P.).

Herriot não será candidato

à presidência da República

PARIS, 16.—Edouard Herriot não será candidato à presidência da República — anuncia o «Figaro», desmentindo assim certos rumores propalados ultimamente sobre uma eventual candidatura do presidente da Assembleia Nacional. Aquele jornal afirma:

«Colhemos informes de origem muito segura indicando que se deve excluir tal eventualidade. O estado de saúde do presidente da Assembleia Nacional impede-o de aceitar eventualmente o desempenho das funções presidenciais». — (F. P.).

Hoje e dias seguintes:

Vejam no **QUINTÃO** a maior exposição de tapetes Persas que Lisboa tem presenciado. **QUINTÃO** só vende tapetes de origem garantida.

30 — Rua Ivens

O assassino dos Drummond fez uma confissão completa do seu abominável crime

DIGNE, 16.—Está completamente esclarecido o abominável crime de que foi vítima a família Drummond. Gaston Dominici fez uma confissão completa, após 24 horas de cerrado interrogatório. No sábado à noite, virando-se para o inquiridor, acabou por dizer:

—Vou dar-te um gosto. O homem que procuras sou eu, realmente. Ganhaste a partida, rapaz.

E explicou:

—Não matei os Drummond por desejo expulsa-los dos meus campos, nem para roubar qualquer coisa do seu automóvel. Foi-lo porque o Inglês me surpreendeu quando tentava beijar a mulher.

Contou depois que, tendo saído de casa, cerca das 23 e 30, com a intenção de matar um texugo que lhe fazia estragos na horta, deparou com o acampamento dos turistas ingleses iluminado pelo luar. E prosseguiu: «Sir Jack estava a fazer as camas de campanha. Escondi-me atrás de um arbusto, onde não me podiam ver. A rapariga, de pijama, estava dentro do carro. O homem despiu-se e deitou-se atrás do automóvel. A mulher estava ainda a preparar-se para dormir. Vi-a em trajos menores e, depois, vestiu um roupão com flores vermelhas».

Descreveu em seguida como, depois de lady Anne se ter deitado, se dirigiu, pé ante pé, na direcção dela. Pôs-lhe a mão em cima e curvou-se sobre ela, procurando beijá-la, com a intenção de a violentar. Como a senhora começasse a gritar, o marido levantou-se, saltou para junto dela e ameaçou o criminoso com os punhos.

—Apontei a carabina — prosseguiu Dominici. — Pôs uma das mãos diante do cano da arma. Disparei e a bala atravessou-lhe a mão. A mulher e a criança gritavam de tal forma que me enfureci. Apontei três vezes para o homem e fiz fogo. Depois, movendo ligeiramente o cano para a direita, matei a mulher. A rapariga, gritando muito, começou a correr pela vereda que conduz ao rio Durance. Apontei, quando ela atravessava a ponte da via férrea, mas não lhe acertei. Puxei novamente ao gatilho, mas a espingarda encravou-se. Corri atrás da rapariga e apanhei-a quando caiu ao lado de um arbusto, na encosta íngreme que conduz ao rio.

O bandido disse depois que a criança se pôs de joelhos e que a agrediu a pontapé e a liquidou com uma coronhada, pormenor que não condiz com a observação do médico legista, que descobriu sinais de quatro coronhadas.

Gaston Dominici acrescentou:

—Lancei a espingarda ao rio e voltei à estrada para cobrir com uma manta o corpo da mulher. O homem tinha-se arrastado através da estrada, antes de morrer, e cobri-o com uma cama de campanha. Depois, regressiei a casa e deitei-me.

Dominici tentou suicidar-se durante a reconstituição do crime

As autoridades procederam hoje à reconstituição do crime de Lurs. Gaston Dominici, com a sua espingarda «Winchester» nas mãos, mostrou à Polícia como matou a família Drummond, numa noite de luar, há quinze meses. A reconstituição começou às 8 e 5 e terminou às 10 horas, mas como nenhum episódio deste drama parece dever ser banal, o acto foi assinalado por uma tentativa de suicídio do criminoso. Com efeito, Gaston Dominici, fugindo aos agentes que o escoltavam, tentou saltar de uma ponte do caminho de ferro, a cerca de quinze metros do local do crime. Tinha já uma perna sobre o parapeito, quando o juiz Marcel Périès, o magistrado que dirige as investigações, correu para o impedir de dar o salto, conseguindo detê-lo antes que o criminoso se precipitasse de seis metros de altura.

Durante a reconstituição, o criminoso repetiu todos os gestos que descrevera na sua confissão.

Pouco depois, o juiz Périès comunicou a Gaston Dominici que o pronunciara pelo triplice assassinio, acrescentando:

—O caso de Lurs terminou.

Em seguida, o assassino entrou para um carro celular, que o conduziu até à cadeia desta localidade.

Marcel Périès, o jovem magistrado de Digne que instruiu o processo, recusou-se a aceitar qualquer promoção, enquanto não fosse desvendado o misterioso crime.

Diversos indícios do péssimo carácter do criminoso

Antes de levarem Gaston para a sua propriedade, a fim de se proceder à reconstituição final do crime, os polícias disseram que ele tinha dormido bem, na sua cama de campanha no tribunal de Digne, não dando indícios visíveis de remorsos.

Por outro lado, um membro da família Dominici, cuja identidade não foi revelada, fez ontem uma breve e significativa declaração:

—Acima de tudo, não ponham o velhote em liberdade. Se regressasse à quinta, matar-nos-ia a todos!

Esta frase define com bastante exactidão, por um lado, a mentalidade deste velho assassino, que lembra uma personagem de Balzac, e, por outro, a atmosfera de terror em que mantinha a família. Aliás, foi essa atmosfera da verdade rou por tanto tempo a revelação da verdade acerca do drama de Lurs. Até há poucos dias ainda, o «patiarca» da Grand-Terre era considerado oficialmente um homem, talvez intratável, mas de moralidade irrepreensível. Apenas o poderiam acusar de caçador furiado. Mas isso, no campo, nunca desonrou ninguém. Hoje, depois da família se ter decidido a falar, desenhava-se a personagem de um despoja doméstico, que obrigava a mulher e os filhos, quando não os vizinhos, a uma obediência e a uma submissão absolutas.

Mas parece que, passados quinze meses de silencioso terror, foi a nora do despota, Yvette Dominici, que se resolveu a quebrar a ordem de silêncio. Sobre o marido, Gustave Dominici, que cumprira dois meses de prisão por não acudir a uma pessoa em perigo, quando afirmou ter visto a pequena Drummond com sinais de vida, acumulavam-se as suspeitas. E ela resolveu-se a quebrar a ordem de silêncio para o salvar. Depois das suas revelações, a Polícia ficou de posse de uma série de provas tão concludentes que o criminoso, posto diante da evidência, não pôde negar mais. Por outro lado, os filhos, incapazes de aguentarem por mais tempo semelhante pressão moral, e dada a insistência da Polícia, viram-se finalmente obrigados a desobedecer às ordens de mutismo impostas pelo pai.

Na cadeia, o velho parece não ter abdicado de uma parcela do seu despotismo. Indignado com a «traição» dos seus, tenta vingar-se nos filhos, acusando-os e esforçando-se por comprometê-los, sem conseguir, no entanto, fundamentar as acusações. Aparentemente, a situação da família não lhe interessa. Pediu tabaco e vinho em abundância e não manifestou o mais pequeno remorso pelo seu abominável crime. Perguntou pelo seu cão, dizendo que o animal era mais fiel do que os filhos. — (France Presse e Reuter).

Na cadeia, o velho parece não ter abdicado de uma parcela do seu despotismo. Indignado com a «traição» dos seus, tenta vingar-se nos filhos, acusando-os e esforçando-se por comprometê-los, sem conseguir, no entanto, fundamentar as acusações. Aparentemente, a situação da família não lhe interessa. Pediu tabaco e vinho em abundância e não manifestou o mais pequeno remorso pelo seu abominável crime. Perguntou pelo seu cão, dizendo que o animal era mais fiel do que os filhos. — (France Presse e Reuter).

PAN-MUN-JON

As negociações prosseguem satisfatoriamente

PAN-MUN-JON, 16 — A sessão de hoje das conversações preliminares versou questões técnicas relativas ao local e à data da conferência política.

Depois da reunião, o delegado das Nações Unidas, Arthur Dean, mostrou-se muito optimista. Disse que a sessão foi «muito agradável» e que «tudo decorreu muito eficazmente; parecia uma discussão de negócios».

Dezasseis reuniões, das quais seis à porta fechada, entre os especialistas, terão sido precisas para se iniciarem as verdadeiras negociações. Amanhã, reunir-se-ão duas subcomissões para discutirem simultaneamente, uma, a composição e o local da conferência política; outra, a data. — (F. P.).

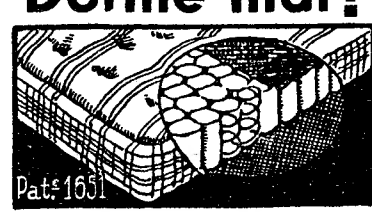
Os prisioneiros norte-coreanos continuam a mostrar-se violentos

PAN-MUN-JON, 16 — Gestos de violência da parte dos prisioneiros norte-coreanos marcaram esta manhã a primeira sessão de explicações depois de onze dias de suspensão. Alguns refractários à repatriação tentaram agredir os entrevistadores comunistas, enquanto outros os insultavam e ameaçavam, de punho erguido.

Nenhum dos 76 homens interrogados até agora se resolveu a aceitar a repatriação. Amanhã, devem ser entrevistados 500 chineses do bloco 3.

Só 227 prisioneiros norte-coreanos, dos 471 previstos, foram interrogados hoje pelos comunistas. Os observadores das Nações Unidas apresentaram um protesto ao general Thimaya contra um interrogatório que durou cinco horas, findas as quais o prisioneiro aceitou a repatriação. Ao todo, 6 norte-coreanos manifestaram o desejo de serem repatriados. Os guardas ndianos tiveram de intervir repetidas vezes para proteger os entrevistadores e acalmar os prisioneiros. — (F. P.).

Dorme mal?



Pat. 1651

Experimente V. Ex.ª os n/ colchões de molas

30 anos de bom fabrico

Fornecedor dos principais Hotéis

AGUIAR RAMALHO, LDA.

Rua D Estefânia, 179—Lisboa

Telef. 53680

POLITICA INGLESA

A questão do Suez provocou uma crise no Partido Conservador

LONDRES, 16.—Vários matutinos anunciam uma crise no Partido Conservador por causa da questão de Suez.

O «Daily Express» (conservador independente) escreve: «O Governo arrosta com uma polémica entre os próprios conservadores. Barões «tories» e deputados coligaram-se para rejeitar todo o plano que previa a retirada das tropas britânicas da zona do Canal. Na Câmara dos Comuns, 25 deputados dirigiram a sir Winston Churchill um memorial em que afirmam que não podem aprovar a retirada das tropas britânicas da base de Suez. A crise foi provocada pela ingerência do Egipto nas eleições sudanesas. Os «rebeldes» pretendem que esta violação do acordo anglo-egípcio a respeito do Sudão prova que as promessas do general Neguib nada valem».

«Numa reunião, sir Winston Churchill prometeu que não aceitaria fosse que acordo fosse que não tivesse em consideração estas duas condições: 1.ª — Os 4.000 técnicos que devem ficar na Base serão armados e usarão fardamento britânico. 2.ª — A Grã-Bretanha terá o direito de reocupar a Base em caso de guerra. Os «rebeldes» afirmam por outro lado que seria inútil deixar apenas 4.000 técnicos na zona do Canal. Na opinião deles, conclui o «Daily Express», os técnicos deveriam ser apoiados por um forte contingente de tropas combatentes».

O «News Chronicle» (liberal) crê saber que os «cabecilhas da revolta», Julian Amery e Enoch Powell, teriam o apoio de elevado numero de deputados para ameaçar o Governo se o caso fosse posto à votação na Câmara. Por ultimo, o «Daily Herald» (trabalhista) declara que o Partido Conservador está a braços com a crise mais grave que conheceu desde que tomou conta do Poder. — (F. P.).

Churchill está optimista

LONDRES, 16.—Sir Winston Churchill disse hoje que as perspectivas de paz estavam a aumentar «e que se sente que o Mundo está a melhorar».

Numa mensagem dirigida ao candidato conservador numa eleição parcial no Norte de Londres, o primeiro-ministro disse que, no momento em que os conservadores regressaram ao Poder, há dois anos, as coisas iam de mal a pior.

«Apesar dos milhões que os socialistas tinham conseguido da América estávamos a caminhar lentamente para a bancarrota. Agora existe uma melhoria pronunciada. Estamos solventes e estamos a reconstituir as nossas reservas. Estamos no caminho da independência económica».

O primeiro-ministro disse que os conservadores podiam afirmar que tinham feito um bom trabalho, mas existe muito mais trabalho para uma «administração boa, firme e trabalhadora. Na verdade, estamos agora a começar a acertar o passo. O tempo nos trará aquilo que ainda faremos mais». — (Reuter).

MINISTRO DA BÉLGICA

Chegou hoje a Lisboa, de automóvel, o novo embaixador da Bélgica no nosso País, sr. barão Etienne Ruzette.

ESTORIL

Roga-se a fineza, a quem tenha necessidade de viajar no País, ou pelo estrangeiro, que não o faça, sem consultar preços, em carros de aluguer, Hudson dos últimos modelos, com motoristas conhecendo bem Europa, falando Inglês, e documentos internacionais sempre prontos, telefone 1 2 6 Estoril, Garagem Alvarez.

O seu filho é estudante, funcionário, empregado?

Sabe que ele tem de estar a horas certas nas suas ocupações. Para isso, precisa um bom relógio. Escolha-o na **GRANDE OURIVESARIA DA MODA**. — RUA DA PRATA 257